

Organização

Olívia Almeida

Sônia Queiroz

Editoras mineiras

o conto



Fale/UFMG

Belo Horizonte

2024

Diretora da Faculdade de Letras

Sueli Coelho

Vice-Diretor

Georg Otte

Coordenação editorial e administrativa

Emilia Mendes

Comissão editorial

Carolina Fenati

Elisa Amorim Vieira

Emilia Mendes

Fábio Bonfim Duarte

Luis Alberto Brandão

Maria Cândida Seabra

Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico

Glória Campos

(Mangá Ilustração e Design Gráfico)

Preparação de originais

Lorrany Silva

Olívia Almeida

Revisão

Alice Mendes

Diagramação

Alice Mendes

Revisão de provas

Ana Rafaela de Sena

Amanda Carvalho

Beatriz Cristeli

ISBN

978-65-87237-92-3 (digital)

978-65-87237-91-6 (impresso)

Endereço para correspondência

Labed – Laboratório de Edição

Fale/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627

sala 4083

31270-901

Belo Horizonte/MG

e-mail: originais.labed@gmail.com

site: <https://labed-letras-ufmg.com.br/>

Instagram: @labed_ufmg

Sumário

- 5 O conto na terra de contistas**
Olívia Almeida
Sônia Queiroz
- 7 O conto e a crônica**
Flávia Andrade
- 25 A edição independente contemporânea em Minas Gerais**
Bruna Kalil Ohtero
Octávio Cardozo
Vinícius Sáez
- 39 As negras e os negros no conto mineiro: de personagens a autores**
Gustavo Tanus
- 57 Mineiras contistas**
Gustavo Tanus
Pedro Henrique Silva
- 75 Os pioneiros do conto mineiro**
Olívia Almeida
- 91 Os contos de terror e horror em Minas Gerais**
Katryn Rocha
- 97 As revistas literárias de Minas Gerais**
Jayne Brito

103	Uma breve história editorial: os contos de Duílio Gomes – escritor, editor
	Sônia Queiroz
115	Bibliografia do conto em Minas
121	Sobre as organizadoras

O conto na terra de contistas

Este quinto volume da série Editoras mineiras é resultado de dois semestres dedicados ao estudo da história de contistas e contos em Minas Gerais, na disciplina História da Edição em Minas, em 2016, no bacharelado em Edição da Fale/UFMG. A pesquisa bibliográfica buscou mapear desde as primeiras edições de contos de autores mineiros, publicados em livros por tipografias, até os contos publicados nas revistas literárias independentes, criadas como espaço de intercâmbio entre jovens escritores em Belo Horizonte na década de 1970 – como *Estória*, *Inéditos*, *Silêncio* – ou com apoio oficial, como o *Suplemento Literário* e a *Revista Literária do Corpo Discente da UFMG*.

Reunimos aqui oito ensaios resultantes da pesquisa bibliográfica, realizada na Biblioteca Universitária da UFMG, na Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa e na Biblioteca Nacional, em que foram identificados os contistas mineiros publicados em periódicos, em antologias brasileiras e mineiras de contos, bem como os livros autorais desses contistas. Algumas questões surgiram durante nossos estudos, como a do gênero literário narrativa curta, que aproxima o conto da crônica, ou a do gênero de quem escreve a narrativa, que nos levou a constatar o pioneirismo de Carolina Maria de Jesus, primeira pessoa negra a publicar contos em Minas Gerais. A força jovem ficou evidente na busca em periódicos, espaço em que os contistas muitas vezes acumulam a função de editores, especialmente na década de 1970.

A importância das antologias de âmbito regional e nacional para a divulgação e o reconhecimento dos contos e de seus autores foi levada em conta desde a primeira etapa da pesquisa e nos fez constatar a forte presença de escritores mineiros no panorama literário nacional, o que justifica a fama de Minas Gerais como “celeiro de contistas”.

Olivia Almeida

Sônia Queiroz

O conto e a crônica

Flávia Andrade

O conto e a crônica sempre andaram ao par devido a algumas semelhanças que, ao longo da história, leitores e críticos foram estabelecendo entre esses dois gêneros. Quando se compara essas duas formas de narrativa, o que mais suscita discussões entre os principais estudiosos é a questão do conceito de cada uma delas. O que pode ser chamado de conto? O que é uma crônica?

Para ambos os gêneros, o primeiro aspecto que se considera é a sua brevidade. O conto e a crônica são considerados narrativas curtas de acordo com a maioria das conceituações encontradas no meio acadêmico e entre críticos consagrados – embora existam contos e crônicas consideravelmente grandes ou consideravelmente pequenos. A diferença conceitual entre as duas formas narrativas está, portanto, fixada na concepção que diz que o conto é uma narrativa totalmente ficcional e a crônica é uma narrativa que se ancora em fatos verídicos. Nesse ponto, outra pergunta se estabelece: o que é ficção e o que são fatos verídicos?

Antes de aprofundar em algumas especificidades da crônica e do conto, parece importante falar sobre alguns pontos importantes da narrativa. Uma narrativa pode se apresentar sob o formato de prosa ou verso. *Os lusíadas*, de Camões, e a *Ilíada*, de Homero, são exemplos de narrativa em verso, que, embora tenham a estrutura sob o aspecto de poesia metrificada e rítmica, contam uma história. Além de surgir como escrita, uma narrativa pode apresentar linguagem oral ou iconográfica; em todos esses formatos, o narrador expõe “fatos”, ou seja, ele conta uma história.

No desenrolar de uma narrativa, pontos importantes são destacados, por exemplo: o foco ou ponto de vista da narrativa, os personagens – protagonistas e/ou antagonistas –, o contexto em que se passa a história, o tema abordado, a inovação ou experimentação – aspectos formais, relação com outros gêneros etc., o tempo em que aconteceu o fato narrado, o modo como aconteceram os fatos e consequências finais da ação. Assim, os fatos narrados seguem, numa sequência, direcionando o leitor para o tema central da narrativa. Há uma introdução em que são apresentados os acontecimentos, em seguida há o desenvolver das ações, depois há o clímax e o desfecho.

O gênero conto

Um dos gêneros literários mais estudados na academia, o conto é considerado, por Cortázar¹, uma narrativa breve, porém deve ser viva e rica em elementos que toda narrativa exige. Luzia de Maria, citando Wander Pirolí, indaga: “para se escrever um conto é preciso apenas ‘esferográfica e papel’ ou ‘máquina e papel’, como argumentou galhofeiramente o contista Wander Pirolli ou é preciso, também, ‘ter o que contar’?”². Ainda de acordo com a estudiosa, “em língua portuguesa o termo ‘conto’ serve para designar a forma popular, folclórica, criação coletiva da linguagem e daí a não-propriedade de um único criador, e, ao mesmo tempo, a forma artística, atributo exclusivo de um estilo peculiar, individual”³.

Em inglês, o conto ganhou a classificação de popular ou *short story* (história curta, em português) para aquelas narrativas que possuem características notavelmente literárias. Na mesma língua, a narrativa recebe o nome *tale* para definir o conto folclórico. No alemão, o que se chama de *short story* na língua inglesa, é chamado de *novelle* e *erzählung*. Para os contos populares, o alemão emprega o termo *maschen*; já o italiano utiliza os termos *novelle* e *racconto*.

O aspecto concernente à sua extensão é o que mais suscitou e suscita discussões desde sua origem enquanto registro escrito. Esse gênero, que na contemporaneidade não tem uma fronteira bem demarcada

¹ CORTÁZAR. Do conto breve e seus arredores.

² MARIA. *O que é conto*, p. 33.

³ MARIA. *O que é conto*, p. 10-11.

devido às interações com outros gêneros, como a novela e o romance, sempre foi alvo de comparações; o conto foi, muitas vezes, visto como um gênero menor diante do romance, por exemplo. Segundo Gotlib, para Machado de Assis, “o tamanho não é o que faz mal a esse gênero de histórias; é naturalmente a sua qualidade”⁴. Brander Matthews, citado por Gotlib, diz que “existe uma diferença entre conto e romance que não é só de extensão, mas de natureza: o conto tem uma unidade de impressão, que o romance obrigatoriamente não tem”. Gotlib acrescenta que, “no conto, o que conta é: concisão e compressão”⁵. Sob a óptica da autora, o conto pode, sim, ter sua estrutura desenvolvida; seu enredo pode ter dois ou mais episódios, sendo eles, independentes entre si; ao contrário do que acontece com o romance, que precisa ter suas partes interligadas. O que distingue o conto é sua contração; “o contista condensa a matéria para apresentar os seus melhores momentos”⁶.

Inicialmente, parece necessário fazer compreender as diferenças entre o contador e o contista. O primeiro atua no âmbito da oralidade, que não pode ser confundida com a fala por não ser uma linguagem fixa, ou seja, varia no decorrer da história⁷ contada, já o segundo atua no âmbito da escrita; é um escritor que escreve contos. O contador pode interferir na história por meio de mudanças na entonação, gestos, olhares etc., a fim de manter a atenção de seu público. A passagem do conto oral para o escrito também pode gerar alterações, e qualquer interferência que se faça no texto recai sobre toda a narrativa; os recursos estilísticos utilizados para adequar esse novo modelo de narrativa capaz de se sustentar sobre as “próprias pernas” é que faz de quem o registra um contista. Desse modo, o cunho literário do conto dá-se a partir da apropriação da função de contar, criar e escrever, por parte do narrador.

Em tempos longínquos, antes da tradição escrita, as histórias contadas não eram isentas ou deficientes de regras, ou seja, tinham sua estrutura à sua maneira. A partir do século XIV, quando o conto ganhou

⁴ GOTLIB. *Teoria do conto*, p. 65.

⁵ GOTLIB. *Teoria do conto*, p. 59.

⁶ GOTLIB. *Teoria do conto*, p. 64.

⁷ Não será considerada, aqui, a diferença entre história e estória. Para tanto, o termo história será utilizado para ambos os sentidos, ou seja, tanto para referir às histórias consideradas reais, quanto para as consideradas ficcionais.

o registro escrito, começaram as preocupações com sua estética. O contista, que outrora fora um contador, organiza, então, sua história dentro de uma estrutura linguística, elaborada esteticamente, de forma a não deixar escapar o tom de oralidade.

Posteriormente a essa evolução sob a qual o conto foi submetido e permanece até hoje, sobretudo com a invenção da cultura impressa, que surgiu em meados do século XV com o grande feito de Johannes Gutenberg, houve um aumento considerável nas publicações dessas narrativas, que passaram a ser fixadas em revistas, jornais e, logo após, em livros. Daí em diante, surgem, então, as discussões com relação a seu conceito enquanto narrativa e enquanto representação do real.

Escritores e teóricos famosos discorreram e discordaram, em vários momentos, sobre o conceito de conto e todo assunto que envolve esse tema. Horacio Quiroga⁸ sugeriu o que poderia ser entendido como os “dez mandamentos” do perfeito contista e foi criticado por Cortázar no capítulo “Do breve conto e seus arredores”, em sua obra *Valise de Cronópio*. Nádia Battella Gotlib⁹ também fez sua crítica a Quiroga, dizendo que este, “ainda que com muita ironia, apresenta normas de como se escrever um bom conto e, conseqüentemente, postula o que um bom conto deve ter”. Mário de Andrade, em *O empalhador de passarinho*, diz que conto é aquele escrito que seu autor batizou como conto¹⁰. Segundo Cortázar, a dificuldade de se definir o conto é devida aos seus “múltiplos e antagônicos aspectos”¹¹. Machado de Assis, como relata Gotlib¹², diz que o conto é um “gênero difícil, a despeito da sua aparente facilidade”.

Após explanar sobre conceitos gerais que os estudiosos tentaram implantar com relação ao conto a partir, por exemplo, de sua extensão, da diferença entre contador e contista e da transição do conto oral para o escrito, passemos às variações do conto. Para cada terminologia utilizada nas diversas línguas citadas há uma forma diferente de o conto se manifestar de acordo com o seu conteúdo, ou seja, de acordo com as

⁸ QUIROGA. *Decálogo del perfecto cuentista*.

⁹ GOTLIB. *Teoria do conto*, p. 9.

¹⁰ ANDRADE. Contos e contistas.

¹¹ CORTÁZAR. Alguns aspectos do conto, p. 149.

¹² GOTLIB. *Teoria do conto*, p. 9.

perspectivas abordadas a partir dele. Bocaccio, segundo Gotlib¹³, diz que seus textos são “histórias, relatos, parábolas, fábulas”. A autora explica o significado atual dos termos “fábula” – história breve com a intenção instrutiva em que os animais e todos os seres inanimados podem ser personagens com fala – e “parábola” – história com cunho moralista e realista em que os personagens, homens, são simbólicos –, e reitera que o conto guarda características dos dois modelos de história.

Para Gotlib, a terceira acepção que Julio Casares faz do conto – “fábula que se conta às crianças para diverti-las” – coincide com os conceitos de estória e de conto maravilhoso¹⁴. O conto maravilhoso tem personagens não determinadas no contexto histórico e narra as coisas sob um modelo idealizado para atender à expectativa do leitor. A estudiosa cita André Jolles, que diz que o conto não pode ser concebido sem o elemento “maravilhoso”. A indeterminação histórica de personagens, lugares e tempos faz a autora se lembrar do “Era uma vez...”, que leva o conto a seguir uma “moral ingênua” e opor-se ao trágico real. Ainda sob a concepção da autora, “não existe a ‘ética da ação’, mas a ‘ética do acontecimento’: as personagens não fazem o que devem fazer. Os acontecimentos é que acontecem como deveriam acontecer”¹⁵. Desse modo, o conto, oral ou escrito, ao ser transmitido por vários séculos, não perde sua essência devido à sua fluidez, que permite a atualização sem deixar sumir o sentido. Barbosa Lima Sobrinho relata, na introdução de *Os precursores do conto no Brasil*, que o conto maravilhoso “tem força prodigiosa: apaga as distâncias sociais. Iguala as classes”¹⁶.

O conto policial moderno tem seu início em Edgar Allan Poe com “Os crimes da Rua Morgue”, de 1841¹⁷. O autor foi também uma peça importante no aperfeiçoamento do romance e do conto de terror. O conteúdo desse tipo de narrativa é repleto de histórias de crimes e assassinatos misteriosos que instigam o leitor durante o processo de leitura, pois cada um que lê sente como se fosse o próprio detetive

¹³ GOTLIB. *Teoria do conto*, p. 15.

¹⁴ GOTLIB. *Teoria do conto*, p. 17.

¹⁵ GOTLIB. *Teoria do conto*, p. 18.

¹⁶ LIMA SOBRINHO. *Os precursores do conto no Brasil*, p. 2.

¹⁷ GOTLIB. *Teoria do conto*, p. 38.

que busca desvendar os mistérios envolvidos na trama. De acordo com Gotlib, tanto o conto de terror quanto o conto policial têm “efeito singular”, que atua com extrema importância, pois “surge dos recursos de expectativa crescente por parte do leitor ou da técnica do suspense perante um enigma que é alimentado no desenvolvimento do conto até o seu desfecho”¹⁸. A respeito dessas considerações, a autora fala sobre o conceito que Cortázar elaborou sobre o conto em Poe: “um conto é uma verdadeira máquina literária de criar interesses”¹⁹.

Não se tem uma data precisa da origem do conto no Brasil devido às dificuldades geradas pela indefinição do seu conceito. Segundo Lima Sobrinho, alguns arriscam datar suas origens por volta do ano de 1841. O autor cita, ainda, a concepção de Edgard Cavalheiro, que diz que Norberto de Sousa e Silva “pode ser considerado o pai do conto brasileiro”²⁰. Ao falar sobre a contribuição de Herman Lima para esclarecer as origens do conto no Brasil, o autor confirma sua tese de que o conto literário tem seu início, na verdade, em Machado de Assis, em 1858, com “Três tesouros perdidos”²¹ – publicado em *A marmota* –, pois o conto que antes existia era o conto popular, ou seja, o conto que era transmitido oralmente com intuito de divertir as crianças, instituir valores éticos, religiosos etc.

No Brasil, assim como nos países europeus, por exemplo, o conto teve seu início nas páginas de jornais, que tiveram, por sua vez, seu estilo alterado para atender e atrair novos leitores interessados pelo mundo das letras. Embora o conto fosse o melhor gênero para se publicar em jornais, devido à sua fácil linguagem, ele sofreu muitas críticas; foi até chamado de “anedota” e “pilhéria”²². Em 1836, o *Chronista* começou a publicar ficções e influenciou vários jornais da época – como o *Jornal dos Debates*, *O Diário do Rio* etc. – e, gradativamente, o conto foi ganhando espaço até se tornar elemento essencial desses jornais. Para Lima Sobrinho, “o *Chronista* foi pioneiro do conto nacional”²³.

¹⁸ GOTLIB. *Teoria do conto*, p. 37.

¹⁹ CORTÁZAR *apud* GOTLIB. *Teoria do conto*, p. 37.

²⁰ LIMA SOBRINHO. *Os precursores do conto no Brasil*, p. 10.

²¹ ASSIS. Três tesouros perdidos.

²² LIMA SOBRINHO. *Os precursores do conto no Brasil*, p. 8.

²³ LIMA SOBRINHO. *Os precursores do conto no Brasil*, p. 16.

Os contistas

Entre os inúmeros contistas brasileiros²⁴, serão destacados aqui os precursores Joaquim Norberto de Souza e Silva, com *As duas órfãs*; Machado de Assis, com *Contos fluminenses*; Álvares de Azevedo, com *Noite na taverna*; Bernardo Guimarães, com *Lendas e romances*; Carmem Dolores, com *Um drama na roça*; Aluísio Azevedo, com *Demônios*; Medeiros e Albuquerque, com *Um homem prático* e *O assassinato do general*; Viriato Correa, com *Contos do sertão*; Coelho Netto, com *Cidade maravilhosa*; e Olavo Bilac, com *Contos pátrios*. A maioria dos livros de contos citados é considerada psicológica, ou seja, suas histórias não possuem ambiente determinado, nem pacto com a natureza. Ao par, com eles, há o conto regional, que, no Brasil, serviu, principalmente, para registrar como é a vida rural. Autores como Augusto Meyer, do Rio Grande do Sul, Alberto Rangel, do Recife, Afonso Arinos, de Minas Gerais, Simões Lopes Neto, do Rio Grande do Sul, José Veríssimo, do extremo Norte, o cearense Gustavo Barroso; o nordestino Mário Sette, são exemplos de autores de literatura regionalista. Não se pode deixar de citar os grandes brasileiros, ícones da literatura regionalista, como o mestre Guimarães Rosa, Graciliano Ramos e Monteiro Lobato.

Os mineiros²⁵ que se destacaram na literatura, e que serão lembrados aqui, enquanto contistas foram: Affonso Romano de Sant'Anna, que publicou três contos em três antologias diferentes, sendo eles: "O burro, o menino e o Estado Novo", publicado na antologia *Lições de casa*, de 1978; "Porta de colégio", publicado na antologia *Retrato da escolha*, de 2012; e "Notas de Manfredo Rangel, repórter", publicado na antologia *Os melhores contos brasileiros* de 1974. Afonso Arinos publicou três contos em quatro antologias: "Pedro barqueiro", publicado em *As obras-primas do conto brasileiro*, de 1943; "Joaquim Mironga", publicado na *Antologia brasileira de literatura*, de 1967; e "Assombramento", publicado em *Maravilhas do conto brasileiro*, de 1958, e também em *O conto*

²⁴ Nesse caso, serão citados alguns autores e contos de maneira arbitrária. Serão levados em consideração os nomes mais expressivos sob a nossa óptica. A fonte principal para essa seleção foi o texto de Herman Lima, como consta nas referências no final deste documento.

²⁵ As informações usadas para listar os contistas mineiros e seus respectivos contos foram obtidas por meio de levantamento feito na Biblioteca Universitária da UFMG, Biblioteca Nacional, Biblioteca Luiz de Bessa, bem como em acervo particular.

fantástico, de 1960, na coleção História do Sertão. As publicações de Aníbal Machado somam quatro contos, em quatro antologias. Os contos publicados por esse autor são: “A morte da porta-estandarte”, de *As obras-primas do conto brasileiro*, de 1943; “O piano”, da *Antologia brasileira de humorismo*, de 1965; “O iniciado do vento”, da antologia *Vinte contos brasileiros*, sem data de publicação, e “O telegrama de artaxerxes”, da antologia *O conto fantástico*, de 1960. Carlos Drummond de Andrade publicou sete contos em seis antologias. Dentre eles, lembra-se: “Conversa de velho com criança”, publicado na *Antologia brasileira de humorismo*, de 1965; e “A hora e vez de Augusto Matraga”, publicado na *Antologia escolar de contos brasileiros*²⁶.

O terceiro lugar desse pódio é ocupado pelo mestre da literatura regionalista, João Guimarães Rosa, com a publicação de oito contos, em sete antologias, entre os quais destacam-se: “Meu tio o Iaretê”, da antologia *O conto brasileiro contemporâneo*, de 1975; “A terceira margem do rio”, da *Antologia brasileira de literatura*, de 1967; e “A hora e vez de Augusto Matraga”, da *Antologia escolar de contos brasileiros*. Luiz Vilela segue ocupando o segundo lugar no *ranking* das antologias brasileiras, tendo publicado contos em dez antologias. Dos contos que o autor publicou destacam-se, aqui, “O fim de tudo”, publicado em *A prosa do mundo: antologia de crônicas e contos para jovens*, de 2008; “Eu estava ali deitado”, publicado na antologia *O conto brasileiro contemporâneo*, de 1975; e “A volta do campeão”, publicado na antologia *Os melhores contos brasileiros* de 1974.

Para que rufem os tambores, será apresentado o medalhista de ouro da “disputa” à qual esses autores foram submetidos. O principal objetivo buscado com esta pesquisa não foi fazer surgir ganhadores ou perdedores, mas apresentar ao público leitor os ilustres brasileiros que deixaram seu legado para a arte literária em Minas Gerais, no Brasil e no mundo. Murilo Rubião, o primeiro colocado, publicou quatorze contos em quatorze antologias. Os contos de Rubião que serão destacados aqui, são: “A casa do girassol vermelho”, publicado na antologia *Erotismo no conto brasileiro*, de 1980; “Noiva da casa azul” e “Mariazinha”, ambos

²⁶ A *Antologia escolar de contos brasileiros* não possui data de publicação.

publicados na antologia *Mulheres e mulheres*, em 1978. Os contos e contistas aqui listados compõem apenas o ápice do grande *iceberg* de escritores e da produção literária que o Brasil possui.

A crônica

Com relação à crônica, conforme consta na edição especial do *Suplemento Literário de Minas Gerais* (SL) sobre esse gênero, em 2012, essa forma de narrativa, que provém dos folhetins franceses, logo ganhou “cidadania brasileira”.

[...] nenhum outro gênero literário se aclimatou no Brasil com a naturalidade da crônica – ao ponto de não haver exagero em dizer-se que ela é um pouco como o futebol, que também não inventamos, mas que só aqui veio a ganhar um molejo, uma “cintura” que jamais teve em seu país de origem, a Inglaterra²⁷.

Ainda de acordo com o SL, a crônica, no Brasil, teve seu início com o poeta e jornalista carioca Francisco Otaviano, no século XIX, e foi aperfeiçoada por celebridades literárias, como José de Alencar, Machado de Assis, dentre outros grandes mestres, e logo se tornou legitimamente brasileira. Em Minas Gerais, a crônica deve sua difusão especialmente a Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino e Ivan Angelo²⁸. Muitos outros grandes autores contribuíram com a disseminação do gênero. Este trabalho, no entanto, irá contemplar os trabalhos do itabirano Carlos Drummond de Andrade, do são-joanense Otto Lara Rezende e dos belo-horizontinos Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos.

Embora a crônica inicialmente não tenha sido escrita visando a publicação em livros, mas sim a publicação em jornais, que, no dia seguinte, eram descartados, hoje é extremamente comum encontrarmos antologias que reúnem crônicas, que, de certa forma, conquistaram o gosto do leitor devido aos temas explorados, que vão ao encontro imediato do seu imaginário discursivo.

²⁷ WERNECK. *Suplemento Literário*: a maioridade da crônica, p. 3.

²⁸ WERNECK. *Suplemento Literário*: a maioridade da crônica, p. 3.

Ficção e verdade

Nádia Battella Gotlib comenta, em *Teoria do conto*, que toda narrativa apresenta uma sucessão de acontecimentos de interesse humano, mas que o contar ou narrar não é simplesmente relatar um acontecimento, já que relatar implica que o acontecido deve ser trazido da mesma forma com que foi testemunhado por alguém. No entanto, o conto não segue essa norma. Toda vez que se conta uma história, ela aparece com uma nova roupagem, pois não tem obrigação de ser fiel ao evento real. Tem-se, nesse caso, a verossimilhança, que representa o real, porém, não é a realidade. Uma narrativa apresenta-se carregada de influências de outras narrativas, mas não deixa de apresentar novas perspectivas, pois a voz que fala gera novas leituras.

Para abordarmos a questão da verdade da crônica, vamos nos ancorar no ponto de vista da semiótica. Na perspectiva dessa ciência, veremos que, à medida que se escreve qualquer fato, ele não pode mais ser considerado verdade. Desse modo, o conto ou a crônica, ainda que tragam garantias de veracidade, são apenas verossímeis. Até mesmo as ciências exatas estão sujeitas a contestações devido ao progresso das grandes descobertas científicas. Assim, uma verdade que vale para o dia de hoje, poderá não fazer sentido no futuro.

Para garantir o teor de “verdade”, o autor de um conto, crônica ou um contador de histórias se vale da menção a fatos que poderiam ser verdade, como, por exemplo, servir-se de nomes de cidades reais, nomes de comidas e nomes de pessoas. Desse modo, o artista se utiliza da linguagem para firmar o pacto com o leitor ou ouvinte, que nem sempre é uma criança que precisa ser entretida. Isso se torna possível devido ao poder de representação da linguagem verbal, que até na historiografia é utilizada para construir a imagem de uma época e convencer as pessoas de uma verdade única.

Um gênero menor?

A aproximação do conto e da crônica se dá por intermédio dos concursos literários, como o Prêmio Jabuti. A crônica também é considerada uma

narrativa curta, no entanto, ao contrário do conto, que é considerado totalmente ficcional, diz-se que a crônica é uma narrativa voltada a relatos de casos verdadeiros, do cotidiano. Assim como o conto, a crônica sofreu restrições no que concerne à sua aceitação entre os leitores. As duas formas de narrativa sofreram críticas nas primeiras décadas de vida, sendo chamadas de gênero menor. A crônica, porém, sofre, ainda hoje, restrições quando comparada ao gênero conto, pois os

[...] concursos literários prestigiosos, como o Prêmio Jabuti e o Portugal Telecom, põem a crônica no mesmo balaio do conto, como se fossem coisas comparáveis. Apenas uma vez se viu um cronista ser contemplado como tal numa disputa graúda, aberta também a outros gêneros: em 2010, quando o vultoso Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura foi atribuído ao gaúcho Luis Fernando Verissimo²⁹.

Antonio Candido reflete sobre as opiniões que consideram a crônica como um gênero menor. Para o autor, ao contrário de diversas opiniões, por a crônica não ser tão respeitada como o romance ou o poema, esse gênero tende a ser mais acessível às pessoas, servindo de caminho para novos autores e para a própria literatura. A crônica, segundo Candido, tem sua escrita baseada em assuntos aleatórios, “ela se ajusta à sensibilidade de todo dia”, pois “elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural”³⁰. Diferente de outros gêneros, que têm linguagem mais elaborada – que atua como disfarce da realidade e que tem o intuito de se fixar na mente do leitor –, na singeleza da sua linguagem, a crônica se aproxima das situações cotidianas, extraíndo delas o que há de melhor, levando a literatura a uma ligação maior com a vida de cada indivíduo, mas a crônica não é isenta de poesia e humor. Essa dimensão parece explicar o motivo de a crônica ser entendida como uma escrita não ficcional.

Se a crônica nasce com as histórias mais próximas da vida das pessoas, garantindo ao gênero sua brandura e, de certa forma, motivando a existência das inúmeras críticas devido ao uso de uma linguagem menos rebuscada, o conto nasce das histórias que foram

²⁹ WERNECK. *Suplemento Literário*: a maioridade da crônica, p. 3.

³⁰ WERNECK. *Suplemento Literário*: A maioridade da crônica, p. 3.

contadas oralmente e sem o intuito de usar linguagem formal. Como já dito, o cronista e o contista se valem da menção a fatos que poderiam ser verdadeiros – nomes de cidades, comidas, pessoas – para garantir o teor de “verdade” da sua narrativa.

Para mostrar esses pontos importantes das narrativas, como acontece com o conto e com a crônica, segue a análise de “O cego de Ipanema”, crônica de Paulo Mendes Campos, “A doida”, conto de Carlos Drummond de Andrade, “Gato, gato, gato”, conto de Otto Lara de Resende e “O homem nu”, crônica de Fernando Sabino.

Em “O cego de Ipanema”, o enredo é construído sob o ponto de vista do narrador observador, em terceira pessoa, que observa a rotina de um homem cego, o personagem principal da história. O espaço da narrativa é uma cidade e o assunto explorado é a questão da superação: como é possível um cego ser tão preciso em sua caminhada pelas ruas de uma cidade tão movimentada? Outro ponto explorado é a questão do desrespeito às pessoas com deficiência, como é o caso do cidadão cego.

Os cegos, habitantes do mundo esquemático, sabem aonde ir, desconhecendo nossas incertezas e perplexidades. Sua bengala bate na calçada, com um barulho seco e compassado, investigando o mundo geométrico. A cidade é um vasto diagrama, da qual ele conhece as distâncias, as curvas, os ângulos. Sua vida é uma série de operações matemáticas, enquanto a nossa costuma ser uma improvisação constante, [...]. Sua sobrevivência é um cálculo. Ele parava ali na esquina, inclinava sua cabeça para o lado, de onde vêm ônibus monstruosos, automóveis traiçoeiros, animais violentos dessa selva de asfalto. Se da rua viesse o vago e inquieto ruído a que chamamos silêncio, ele a atravessava como um bicho assustado, sumia dentro da toca, que é um botequim sombrio. Às vezes, ao cruzar a rua, um automóvel encostado à calçada impedia-lhe a passagem. Ao chocar-se contra o obstáculo, seu corpo estremecia; ele disfarçava, como se tivesse apenas tropeçado, e permanecia por alguns momentos em plena rua, como se a frustração o obrigasse a desafiar a morte³¹.

Em “A doida”, o enredo é conduzido por um narrador, em terceira pessoa, que conta a história de uma senhora que morava numa casinha simples e sem nenhum conforto. “A doida”, personagem principal,

³¹ CAMPOS. O cego de Ipanema.

era importunada todos os dias por três garotos, personagens secundárias, que usavam a rua para acessar o córrego onde costumavam tomar banho. O narrador não tem certeza do motivo pelo qual a mulher era tida como doida, já que cada pessoa da vizinhança contava uma versão diferente do que a deixou com o comportamento alterado, e isso deixa o foco da narrativa fragmentado. O leitor decide acreditar em uma versão ou em outra ou, ainda, cria sua própria versão. A história é ambientada em uma espécie de arraial e discute a questão do abandono de idosos.

A doida habitava um chalé no centro do jardim maltratado. E a rua descia para o córrego, onde os meninos costumavam banhar-se. Era só aquele chalezinho, à esquerda, entre o barranco e um chão abandonado; à direita, o muro de um grande quintal. E na rua, tornada maior pelo silêncio, o burro que pastava. Rua cheia de capim, pedras soltas, num declive áspero. Onde estava o fiscal, que não mandava capiná-la? Os três garotos desceram manhã cedo, para o banho e a pega de passarinho. [...] era bom passar pela casa da doida e provocá-la. As mães diziam [...] que era horroroso, poucos pecados seriam maiores. Dos doidos devemos ter piedade, porque eles não gozam dos benefícios com que nós, os sãos, fomos aquinhoados. Não explicavam bem quais fossem esses benefícios, [...]. A loucura parecia antes erro do que miséria. E os três sentiam-se inclinados a lapidar a doida, isolada e agreste no seu jardim. Como era mesmo a cara da doida, poucos poderiam dizê-lo. Não aparecia de frente e de corpo inteiro, como as outras pessoas, conversando na calma. [...]. Corria [...] a história de que fora noiva de um fazendeiro, e o casamento uma festa estrondosa; mas na própria noite de núpcias o homem a repudiara, Deus sabe por que razão. [...] outros contavam que o pai, não o marido, a expulsara, e esclareciam que certa manhã o velho sentira um amargo diferente no café, ele que tinha dinheiro grosso e estava custando a morrer – mas nos relatos antigos abusava-se de veneno. De qualquer modo, as pessoas grandes não contavam a história direito, e os meninos deformavam o conto³².

O conto “Gato, gato, gato” tem o enredo conduzido por um narrador observador, em terceira pessoa, que faz uma crítica com relação à prisão de quem vive nas grandes cidades, onde os muros separam as pessoas e até impedem as crianças de brincarem, deixando-as

³² ANDRADE. A doida, p. 29.

agressivas. O gato e o menino oscilam entre o personagem principal e o secundário, é difícil separar um e outro, pois ambos sofrem com o crescimento acelerado das cidades. O ambiente em que se passa a história é uma cidade cercada de muros, em que os vizinhos não se comunicam e vivem reclusos mesmo sendo livres.

Em cima do muro, o gato recebeu o aviso da presença do menino. [...]. E o menino songamonga, quietinho, conspirando no quintal, [...]. O gato olhando o menino vegetalmente nascendo do chão, como árvore desarmada e inofensiva. [...]. O gato de pé, vigilante-mente quadrúpede e, no equilíbrio atento, a centelha felina. [...]. O gato mais igual a todos os gatos do que a si mesmo. Impossível qualquer intercâmbio: gato e menino não cabem num só quintal. Um muro permanente entre o menino e o gato. Entre todos os seres emparedados, o muro. A divisa, o limite. O odioso mundo de fora do menino, indecifrável. Tudo que não é o menino, tudo que é inimigo. Nenhum rumor de asas, todas fechadas. [...]. O gato, o alvo: a pedrada passou assobiando pela crista do muro. O gato correu elástico e cauteloso, estacou um segundo e despencou-se do outro lado, sobre o quintal vizinho. De cima do muro, o menino devassa o quintal vizinho. A obsedante presença de um gato ausente. Na imensa prisão do céu azul, flutuam distantes as manchas pretas dos urubus. O bailado das asas soltas ao sabor dos ventos das alturas. [...]. Do outro lado da cidade, partiram solenes quatro badaladas no relógio da Matriz. O menino olhou a esfera indiferente do céu azul, sem nuvens. O mundo é redondo, Deus é redondo, todo segredo é redondo. As casas escarrapachadas, dando-se as costas, os quintais se repetindo na modorra da mesma tarde sem data. Até que localizou embaixo, enrodilhado à sombra, junto do tanque: um gato. Dormindo, a cara escondida entre as patas, a cauda invisível. [...]. O menino apanhou o tijolo com que vedava a entrada do mistério. [...]. O tijolo partiu certo e desmanchou com estrondo a tranqüila rodilha do gato. As silenciosas patinhas enluvadas se descompassaram no susto, na surpresa do ataque gratuito, no estertor da morte. A morte inesperada. A elegância desfeita, o gato convulso contorcendo as patas, demolida a sua arquitetura. Os sete fôlegos vencidos pela brutal desarmonia da morte. [...]. O gato fora do gato, somente o corpo do gato. [...]. O intransponível muro entre o menino e tudo que não é o menino. A cidade, as casas, os quintais, a densa copa da mangueira de folhas avermelhadas. O inatingível céu azul. Em cima do muro, indiferente aos cacos de vidro, um gato – outro gato, o sempre gato – transportava para a casa vizinha o tédio de um mundo impenetrável.

O vento quente que desgrenhou o mormaço trouxe de longe, de outros quintais, o vitorioso canto de um galo³³.

A crônica “O homem nu” tem seu enredo conduzido por um narrador em terceira pessoa, que observa um momento de “saia justa” de um homem, que precisa pagar uma prestação, porém ele não havia trazido nenhum dinheiro no dia anterior. A narrativa é ambientada numa época em que os cobradores iam à residência dos credores, e é construída na perspectiva do homem, que é o protagonista da história. A mulher atua como antagonista dentro da história. A crônica faz uma crítica à sociedade capitalista, na qual os trabalhadores precisam comprar a prestação para adquirir algo para sua casa. O título da crônica faz menção à situação em que o homem foi encontrado no corredor do prédio, mas é também uma metáfora da vida do trabalhador, do homem simples.

Ao acordar, disse para a mulher: – Escuta, minha filha: hoje é dia de pagar a prestação da televisão, vem aí o sujeito com a conta, na certa. Mas acontece que ontem eu não trouxe dinheiro da cidade, estou a nenhum. – Explique isso ao homem – ponderou a mulher. – Não gosto dessas coisas. Dá um ar de vigarice [...]. Escuta: quando ele vier a gente fica quieto aqui dentro, não faz barulho, para ele pensar que não tem ninguém. [...] – amanhã eu pago. Pouco depois, tendo despido o pijama, dirigiu-se ao banheiro para tomar um banho, mas a mulher já se trancara lá dentro. Enquanto esperava, resolveu fazer um café. Pôs a água a ferver e abriu a porta de serviço para apanhar o pão. Como estivesse completamente nu, olhou com cautela para um lado e para outro antes de arriscar-se a dar dois passos até o embrulhinho deixado pelo padeiro sobre o mármore do parapeito. [...]. Mal seus dedos, porém, tocavam o pão, a porta atrás de si fechou-se com estrondo, impulsionada pelo vento. [...] precipitou-se até a campainha e, depois de tocá-la, ficou à espera, olhando ansiosamente ao redor. Ouviu lá dentro o ruído da água do chuveiro interromper-se de súbito, mas ninguém veio abrir. Na certa a mulher pensava que já era o sujeito da televisão. [...]. Enquanto isso, ouvia lá embaixo a porta do elevador fechar-se, viu o ponteiro subir lentamente os andares... Desta vez, era o homem da televisão! Não era. [...] ouviu passos na escada [...]. Tomado de pânico, olhou ao redor, fazendo uma pirueta, e assim despido, embrulho na mão, parecia executar um *ballet* grotesco e mal ensaiado. [...]. Correu para o elevador, apertou o botão. Foi o tempo de abrir a porta e entrar, e a empregada passava, vagarosa,

³³ MORICONI. *Os cem melhores contos brasileiros do século*, p. 220-223.

encetando a subida de mais um lance de escada. Ele respirou aliviado, enxugando o suor da testa com o embrulho do pão. Mas eis que a porta interna do elevador se fecha e ele começa a descer. [...]. E agora? Alguém lá embaixo abriria a porta do elevador e daria com ele ali, em pêlo, podia mesmo ser algum vizinho conhecido... [...]. Agarrou-se à porta do elevador e abriu-a com força entre os andares, obrigando-o a parar. [...]. Depois experimentou apertar o botão do seu andar. [...]. O elevador subiu. – Maria! Abre esta porta! [...]. Ouviu que outra porta se abria atrás de si. Voltou-se, acuado, apoiando o traseiro no batente e tentando inutilmente cobrir-se com o embrulho de pão. Era a velha do apartamento vizinho:[...]: – Valha-me Deus! O padeiro está nu! E correu ao telefone para chamar a radiopatrulha:[...]. Maria, a esposa do infeliz, abriu finalmente a porta para ver o que era. Ele entrou como um foguete e vestiu-se precipitadamente, sem nem se lembrar do banho. Poucos minutos depois, restabelecida a calma lá fora, bateram na porta. – Deve ser a polícia – disse ele, ainda ofegante, indo abrir. Não era: era o cobrador da televisão³⁴.

Observa-se que, sendo conto ou crônica, as narrativas contam alguma história. Ambas as formas narrativas buscam convencer o leitor ao fazer menção a fatos que poderiam vir a acontecer de verdade e ambas têm a escrita bem próxima da linguagem usual da sua época. Assim, parece quase impossível dizer que “isso é um conto” ou “isso é uma crônica” sem conferir, na ficha catalográfica do livro, qual foi a classificação dada pelo seu autor.

Um cronista ou um contista se vale de estratégias diversas para persuadir seu leitor da “verdade” daquilo que escreve, ele precisa prender a atenção do leitor e despertar seus sentimentos de modo que, ao terminar a leitura, o indivíduo questione sobre o que leu. Nesse processo de conversa com o texto, o leitor, geralmente, indaga sobre a verdade do escrito daquele autor e quem faz o serviço do convencimento é o narrador, que “pega o leitor pelo braço” e o conduz por todo o percurso narrado. Adilson Citelli refletiu sobre “as possíveis relações existentes entre o discurso literário e a linguagem persuasiva”³⁵. A escolha lexical do escritor, bem como a construção do texto, reforça ou não o teor da verdade da narrativa, quanto mais ambíguo, menos verossímil, e quanto

³⁴ MORICONI. *Os cem melhores contos brasileiros do século*, p. 249-251.

³⁵ CITELLI. *Linguagem e persuasão*, p. 59.

mais “fechado” for o signo, mais verossímil será o texto. Ao comparar, no entanto, a crônica “O cego de Ipanema”, de Paulo Mendes Campos com o conto “Gato, gato, gato”, de Otto Lara de Resende, observa-se que os autores desenvolveram suas histórias se valendo de acontecimentos que podem fazer parte do nosso cotidiano; parecem descrever uma cena que estão assistindo. Embora, em o “O cego de Ipanema”, o autor deixe explícito uma crítica e uma denúncia a favor de cidadãos com problemas de visão, em “Gato, gato, gato,” o autor também deixa transparecer uma crítica à situação de cárcere que os indivíduos dos grandes centros vivem.

Com relação ao conceito de verdade da crônica, Luzia de Maria³⁶ nos lembra a história de Xerazade, que contava uma história todo dia para que o rei não a matasse e também nos lembra o dito popular que diz: “quem conta um conto, aumenta um ponto”. Então, parece possível pensar que só por ser uma forma de narrativa, o conto e a crônica estão sujeitos a influências de quem escreve da mesma forma com que acontece com histórias em transmissão oral.

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. A doida. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Contos de aprendiz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 29-35.
- ANDRADE, Mário de. Contos e contistas. In: ANDRADE, Mário de. *O empalhador de passarinho*. 3. ed. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1972. v. 1. p. 44-53.
- ASSIS, Machado de. Três tesouros perdidos. In: BIBLIOTECA Digital de Literatura de Países Lusófonos. Disponível em: https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/0006-02414.html. Acesso em: 18 out. 2021.
- CAMPOS, Paulo Mendes. O cego de Ipanema. Disponível em: <https://almacarioca.wordpress.com/2012/02/28/o-cego-de-ipanema-paulo-mendes-campos/>. Acesso em: 27 jan. 2017.
- CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 15. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. In: CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. Tradução de Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993. p. 147-163.
- CORTÁZAR, Julio. Do conto breve e seus arredores. In: CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. Tradução de Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 227-237.
- MARIA, Luzia de. *O que é conto?* São Paulo: Brasiliense, 1984. (Primeiros Passos, 135).
- GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 1985.

³⁶ DE MARIA. *O que é conto?*

GUIMARÃES, Bernardo. A dança dos ossos. In: PORTAL Domínio Público. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>. Acesso em: 5 out. 2022.

LIMA SOBRINHO, Barbosa (Org.). *Os precursores do conto no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960. (Panorama do Conto Brasileiro, 1).

LIMA, Herman. *Variações sobre o conto*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, serviço de documentação, 1952. (Os cadernos de cultura, 37).

MORICONI, Ítalo (Org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

QUIROGA, Horacio. *Decálogo del perfecto cuentista*. Disponível em: <https://biblioteca.org.ar/libros/1116.pdf>. Acesso em: 5 out. 2022.

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE MINAS GERAIS. Belo Horizonte: Humberto Werneck. A maioria da crônica, edição especial, nov. 2012.

A edição independente contemporânea em Minas Gerais

Bruna Kalil Othero
Octávio Cardozo
Vinícius Sáez

A edição independente no século XXI

O século XXI é mais jovem do que nós, na aurora das vinte e poucas primaveras, que escrevemos. A grande novidade das primeiras décadas do século XXI, em termos de edição literária, é o advento da tecnologia eletrônica e da linguagem virtual. Com a facilidade de acesso à internet, a criação de *sites* e *blogs* voltados à literatura borbulhou consideravelmente. Hoje, qualquer pessoa pode escrever e publicar, pois as plataformas de divulgação são muitas e, em sua maioria, gratuitas. Porém, que publicação é essa? O conceito de livro, antes muito restrito, passou a ser discutido e ampliado. Se livro era o conjunto de textos editado em papel, com capa, projeto gráfico, diagramação; hoje, a escrita regular em plataformas *online* também pode ser considerada livro, assim como os *e-books* e PDFs divulgados nas redes sociais. Logo, considerando todas essas variáveis, todo mundo que escreve e publica na internet seria um editor independente? O que, afinal, caracteriza essa forma de edição?

Para discutir esse conceito, precisamos ter em mente a esteira de produção do livro. Segue abaixo uma reprodução mais ou menos fidedigna de como ela funciona:

autor + texto original → editoração do texto (preparação de originais, revisão, normalização, direitos autorais) → produção gráfica (projeto gráfico, diagramação) → impressão → divulgação + venda

Pensando nessa linha, editar de forma independente significa ser independente em algum desses processos, em contraposição aos modelos canônicos (em termos de linguagem) e industriais (em termos de produção). Se o autor, com seu texto, quebrar as barreiras da linguagem e se rebelar contra as normas clássicas, o livro seria independente. Se a editoração do texto não se importar com revisão ou direitos autorais, engolindo textos alheios sem pedir permissão, o livro seria independente. Se a produção gráfica for totalmente artesanal, livre dos modelos industriais, o livro seria independente. Se a impressão for feita na garagem de casa, o livro seria independente. Se a venda e a divulgação forem feitas pelo próprio autor, fora dos circuitos comerciais, o livro seria independente. Combinando tudo isso, encontramos a figura máxima da edição independente: o poeta marginal da década de 1970, literalmente à margem de todo o sistema, que imprimia em mimeógrafos e vendia os livros pelos bares das cidades. “Frente ao bloqueio sistemático das editoras, um circuito paralelo de produção e distribuição independente vai se formando e conquistando um público jovem que não se confunde com o antigo leitor de poesia”¹, afirmava Heloísa Buarque de Hollanda em 1975, na abertura da famosa antologia *26 poetas hoje*. Esses autores levaram a independência ao extremo – desde o uso de frases alheias nos seus poemas, como forma de “colagem *ready-made*”, até a produção artesanal em mimeógrafo e divulgação boca a boca, como Heloísa Buarque de Hollanda explica:

[...] a participação do autor nas diversas etapas da produção e distribuição do livro determina, sem dúvida, um produto gráfico integrado, de imagem pessoalizada, o que sugere e ativa uma situação mais próxima do diálogo do que a oferecida comumente na relação de compra e venda, tal como se realiza no âmbito editorial. A esse propósito, convém lembrar a tão frequente presença do autor no ato da venda, o que de certa forma recupera para a literatura o sentido de relação humana².

Uma figura semelhante e herdeira dessa é o contemporâneo autor de zines. Esse tipo de edição se baseia em projetos impressos

¹ HOLLANDA. *26 poetas hoje*, p. 9.

² HOLLANDA. *26 poetas hoje*, p. 10.

em casa e feitos manualmente, geralmente distribuídos pelo próprio autor em bares e feiras da cidade.

Essa independência, porém, não é a única, e nem a mais presente no século XXI, uma vez que, atualmente, a internet é grande aliada da publicação, como já foi observado. Pensando pela ótica capitalista, uma editora, para ser independente, precisaria funcionar sem fontes de financiamento do Estado – ou seja, sem verbas de leis ou editais de incentivo à cultura. Entretanto, muitas editoras que se dizem independentes se inscrevem nesses projetos estatais e produzem seus livros com financiamento governamental.

Por outro ponto de vista, tomando como exemplo duas editoras independentes que se destacam hoje no meio literário – a Patuá, de São Paulo, e a Jovens Escribas, de Natal –, cunhamos o conceito de independência pelo viés da divulgação e distribuição. Essas editoras vendem seus livros apenas pela internet ou nas suas respectivas sedes, criando, dessa forma, uma autonomia em relação ao grande mercado comercial, que privilegia os grandes grupos editoriais. É o caso da Companhia das Letras, que leva no seu nome muitos outros selos, entre eles, Seguinte e Companhia de Bolso. Considerando a hegemonia dessas editoras-modelo na estante das livrarias e dos leitores, toda pequena editora que saia do seu monopólio – ainda que seja industrial em todas as etapas de produção –, seria uma editora independente, pois é um ponto fora da curva.

O que se percebe, ao analisar tantas variáveis e possibilidades, é que o conceito de edição independente é, para dizer o mínimo, bastante discutível. Não pretendemos criar uma definição única e absoluta, mas refletir e trabalhar em cima desse assunto – tão importante nos dias de hoje e já tão inserido no cotidiano de todo leitor e estudioso de literatura.

Livros independentes de contistas mineiros contemporâneos

Ao discorrer sobre livros de contos, inevitavelmente, surge a pergunta: o que é conto? Lembremos da clássica definição de Mário de Andrade: “em verdade, sempre será conto aquilo que seu autor batizou com o nome de

conto”³. Há uma forma editorial simples de saber qual o gênero textual de determinado livro – observar, na sua folha de rosto e ficha catalográfica, a classificação que a obra recebeu do autor ou da Câmara Brasileira do Livro. Neste trabalho, portanto, foram escolhidos livros classificados como contos pelos seus autores e pelos registros de ISBN. O recorte mineiro, neste breve ensaio, se dá apenas pela naturalidade dos contistas, já que suas respectivas editoras são de outros estados, como São Paulo e Rio Grande do Norte. Por conta da novidade e extrema contemporaneidade do assunto discutido, foi difícil encontrar casas mineiras independentes que editassem contos, portanto, privilegiamos aquelas que tivessem autores mineiros no seu catálogo.

Outra discussão essencial é: afinal, o que é contemporâneo? Muito já se discutiu sobre esse signifiante, e chegou-se a poucas conclusões. Giorgio Agamben, no ensaio “O que é o contemporâneo?”, afirma que

[...] o contemporâneo não é apenas aquele que, percebendo o escuro do presente, nele apreende a resoluta luz; é também aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história⁴.

Já Marina Tsvetaeva, na sua célebre conferência *O poeta e o tempo*, tem uma visão de luta:

[...] ser contemporâneo é criar o próprio tempo e não só refleti-lo. Refleti-lo, sim, mas não como um espelho, antes como um escudo. Ser contemporâneo é criar o próprio tempo, ou seja, lutar contra nove décimas partes desse tempo, como se luta contra nove décimas partes do primeiro rascunho⁵.

Essa ideia de resistência, que afasta a passividade do artista, do escritor, reforça o papel combativo da arte, ainda mais necessária em tempos de crise – como são os tempos atuais.

³ ANDRADE. Contos e contistas, p. 5.

⁴ AGAMBEN. O que é o contemporâneo?, p. 72.

⁵ TSVETAeva. O poeta e o tempo, p. 60.

Os Jovens Escribas (RN) editando Ana Elisa Ribeiro

Com quase quinze anos de fundação, a editora Jovens Escribas foi criada por Carlos Fialho, no Rio Grande do Norte. Inicialmente, teve a ideia de publicar quatro jovens escritores, via Lei Municipal de Incentivo à Cultura, e depois se tornou editora. O nome remete à junção do novo ao antigo, jovens em um ofício tradicional. Era a tentativa de modernizar as formas de edição e distribuição tradicionais das editoras.

Um dos seus lançamentos de 2015 foi *Beijo, boa sorte*, de Ana Elisa Ribeiro, mineira, formada em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais e atuante na cena literária de Belo Horizonte desde a década de 1990. A edição deixa evidente a participação da autora também no processo editorial da obra. A capa, que reflete a estética adotada nos textos, e a anatomia do livro demonstram a liberdade de Ana Elisa e o caráter independente da edição.

O livro é dividido em duas partes: a primeira, “Com o rosto em retalhos”, que reúne contos do cotidiano, e, a segunda, “Baú de avó”, uma coleção de contos-memória. Todos com a temática da violência contra a mulher, seja ela física, verbal ou emocional: “vê-la carbonizada me lembrou muito aquelas velas votivas gastas” e “a cabeça dela ficou em pedaços, ornamentando os cacos de vermelho vivo”⁶ são alguns exemplos dessa linguagem visceral.

Os contos são curtos, o que dá o tom contemporâneo à obra. Alfredo Bosi, ainda na década de 1970, já anunciava as potencialidades da narrativa curta, quando dizia que “na verdade, se comparada à novela e ao romance, a narrativa curta condensa e potencia no seu espaço todas as possibilidades de ficção”⁷.

A autora utiliza da ironia, desenvolvendo os textos de forma leve e delicada, para tratar de assuntos áspers. O sarcasmo também está presente na capa, construída à base de uma imagem ilustrando uma estampa de roupa feminina, branca com bolinhas vermelhas – que, na

⁶ RIBEIRO. *Beijo, boa sorte*, p. 24-25.

⁷ BOSI. Situação e formas do conto brasileiro contemporâneo, p. 7.

quarta capa, se apresenta manchada de sangue, adiantando ao leitor que a violência contra a mulher estará em pauta.

A qualidade dos papéis utilizados na impressão, bem como a diagramação cuidadosa e o projeto gráfico convidativo e interessante, levantam a dúvida se aquele objeto é uma obra independente ou não. Todas as características de um livro editado por uma grande editora comercial estão ali: possui orelha com as informações sobre o livro e sobre a autora; o dorso traz o título, o nome de Ana Elisa e a logomarca da editora; o verso da folha de rosto tem as informações habituais dos colaboradores e os dados de registro da obra; além de possuir dedicatória, agradecimento, epígrafe, sumário e até sobrecapa, item que encarece o produto.

Mas alguns detalhes expressam a independência editorial do livro. O texto do colofão foi escrito pela própria autora, em tom informal, indicando as tipografias e papéis utilizados no projeto gráfico e na impressão. Em vez de apenas apresentar o ano de edição da obra, Ana Elisa acrescenta que ela se deu na primavera. Além disso, ela conta por quantos anos guardou os textos: “este livro está nas gavetas desde 2003 e veio à luz, em tinta, na primavera de 2015”⁸.

Outro traço comum entre os livros de grandes editoras e que foi suprimido em *Beijo, boa sorte* é a quarta capa contendo um resumo da obra. Neste caso, a única informação presente é o *site* da editora e o ISBN em código de barras – estratégia que fomenta a curiosidade no leitor de descobrir o conteúdo do livro.

A Patuá (SP) editando Eduardo Sabino

A editora Patuá, dirigida por Eduardo Lacerda, se define, no seu *site*, como

[...] uma alternativa no mercado editorial: com o objetivo principal de publicar bons autores que ainda não encontraram espaço nas grandes editoras, mas que também não desejam pagar pela edição da própria obra, pretendemos apresentar ao público livros com excelente qualidade gráfica e, sobretudo, literária⁹.

⁸ RIBEIRO. *Beijo, boa sorte*, p. 72.

⁹ A história da editora Patuá está disponível em: <https://www.editorapatua.com.br/institucional/15359/45197>. Acesso em: 5 out. 2022.

Nascida em São Paulo, em fevereiro de 2011, já possui 1400 títulos publicados, se consolidando como uma das principais editoras independentes do Brasil. Já ganhou duas vezes o Prêmio São Paulo de Literatura, duas vezes o Prêmio Jabuti e seus autores sempre figuram como finalistas e semifinalistas dos principais prêmios literários do país.

Porém, a casa não publica apenas paulistas, dando espaço a escritores de todo o país; inclusive os mineiros. O livro aqui escolhido foi lançado em 2016 pelo novalimense Eduardo Sabino, cujo parentesco com o lendário Fernando Sabino só se dá pelo legado literário e pela mineirice. Composto por doze contos, *Naufrágio entre amigos* reúne narrativas breves e concisas, que fletam principalmente com o tempo e a memória. A autonomia na escrita e na escolha dos doze temas nos contos se reflete, inclusive, na editoração do livro. A tipografia fora do usual – em cor azul – traz o ar de mimo aos restritos quinhentos exemplares da obra. *Naufrágio entre amigos*, porém, não se restringe a excentricidades editoriais e foi contemplado com um prêmio na primeira edição do concurso literário Brasil em Prosa, promovido pelo jornal *O Globo*.

“Sombras” é o conto dessa condecoração. A memória já é evocada nas primeiras linhas, ao se confrontar a infância e as suas reminiscências dentro de uma igreja no domingo. Em primeira pessoa, o narrador se lamuria: “não existe nada tão ruim para uma criança quanto a obrigação de fazer silêncio na idade do barulho”¹⁰. A trama se mantém, envolvendo ainda o avô e o amigo na época de meninice. Este mesmo período é retratado em outro conto: “Estouros”. A recordação de quando soltava bombinhas e rojões na rua da Tia Nice envolve também um incidente com um bêbado no bar. Insultos de “sapatão” para a Tia e um disparo de revólver são o ápice da micronarrativa.

As vivências de um amor adolescente e o gosto apurado por *rock* estão em “Discografia do fim”. A contemporaneidade se faz presente quando se lê: YouTube, Facebook e MP3 no decorrer da história. Júlia é uma das mocinhas por quem ele, um dos narradores – ou o único “eu” narrativo – se apaixona. Clara é outra, a protagonista do conto que dá título à obra, “Naufrágio entre amigos”. A oralidade marcada no diálogo

¹⁰ SABINO. *Naufrágio entre amigos*, p. 11.

se atrela à linguagem de gírias adolescentes, presentes no dia a dia dos personagens. “Relaxa, cara, vamos tomar uma”¹¹ e “Traz só a saidera aí então, Manel. Aí a gente vai”¹² são só alguns exemplos. Além disso, o tom do texto se mescla com a crônica em alguns dos contos, devido a relatos do cotidiano e ao caráter informal da escrita.

O contista esboça uma desconstrução do gênero em “Jogo de três”, ao escrever sobre uma partida de *videogame* em tom de deboche, quando um dos amigos escolhe voluntariamente o personagem rosa pra ser seu *player*: “havia um castigo a quem perdesse no futebol: jogar com o [...] rosa”¹³. A timidez, o isolamento, e o *bullying* são traços representados nessa opressão. A unidade de tempo extrapola o presente quando os protagonistas se encontram tempos depois: “voltei à minha terra natal oito anos após a formatura”¹⁴. Esse fato chega apenas pra estereotipar a criança que gostava “da cor de menina”, e no futuro se descobre *gay*.

A contemporaneidade na escrita de Sabino não se dá somente pelo tema, ousando na forma em que trata de assuntos ditos “tabus”, principalmente no conto “Jogo de três”. É possível perceber, apoiando-se na definição de Regina Dalcastagnè, uma “influência perceptível [...] do cinema. Diálogos rápidos, concisão de estilo, linguagem coloquial fazem narrativas bastante plásticas, onde cenas do cotidiano se desenrolam diante de nossos olhos”¹⁵. Além disso, a composição formal através de fragmentos, separados por asteriscos, ajuda a construir a atmosfera intempestiva das narrativas.

Vale ressaltar um outro projeto recente de Eduardo Sabino, junto de Cristiano Silva Rato e Flávio Coelho: o canal no YouTube e Facebook Literatura no Boteco. A proposta de mesclar declamação de poemas e entrevistas com escritores mineiros contemporâneos em bares belohorizontinos se mostra bem-sucedida: os mais de 2500 *likes* na página comprovam isso. A ideia é divulgar o trabalho de autores mineiros, em sua maioria independentes, como as poetisas Norma de Souza Lopes,

¹¹ SABINO. *Naufrágio entre amigos*, p. 88.

¹² SABINO. *Naufrágio entre amigos*, p. 145.

¹³ SABINO. *Naufrágio entre amigos*, p. 106.

¹⁴ SABINO. *Naufrágio entre amigos*, p. 106.

¹⁵ DALCASTAGNÈ. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, p. 8.

Simone Teodoro e Adriane Garcia – sendo que as duas primeiras são editadas também pela Patuá. Entre os entrevistados, estão os contistas Sérgio Fantini (publicado pela Jovens Escribas) e Marcílio França Castro, que discorrem sobre suas narrativas e trajetórias literárias.

Edição independente em solo mineiro

Breve histórico

Durante as décadas de 1960 e 1970, enquanto o Brasil estava imerso em um regime ditatorial, a vontade de editar e distribuir textos era patente, como afirma Regina Dalcastagnè, estudiosa do conto contemporâneo:

[...] em plena ditadura militar – com as arbitrariedades acontecendo do lado de fora e a censura dentro dos grandes jornais – o Brasil viveu na década de 70 um período de efervescência literária e editorial. Só em 1979, 250 milhões de livros foram lançados. Nunca se publicou tanto. Nunca tantos escritores foram apresentados ao público¹⁶.

E Minas Gerais não foi exceção: berço de inúmeros lançamentos nessa época, o solo mineiro foi ainda mais fértil no gênero conto.

Em meados da década de 1960, jovens estudantes da UFMG se uniram em direção a um sonho comum – a criação de uma revista literária, voltada para a publicação de textos escritos pelos alunos da universidade. Depois de muito lutar pela causa, em 1966, a *Revista Literária do Corpo Discente da UFMG* foi fundada por Plínio Carneiro, Luiz Vilela e Luiz Gonzaga Vieira. Havia duas partes dedicadas aos contos: uma vinda do concurso literário, constituindo a primeira seção da revista; e a outra com textos de convidados, a segunda seção. Em 2019, cinquenta anos e 27 edições depois, a história se repetiu: alunos da Faculdade de Letras da UFMG, sob a coordenação de Luis Alberto Brandão, professor e ex-colaborador da RL, organizam uma edição comemorativa da revista, trazendo-a para discussão novamente.

No mesmo ano em que surgiu a *Revista Literária*, nasceu o *Suplemento Literário de Minas Gerais*, sob a tutela de Murilo Rubião,

¹⁶ DALCASTAGNÈ. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, p. 4.

que abriu espaço para jovens contistas como Duílio Gomes, Humberto Werneck, Luiz Vilela, Jaime Prado Gouvêa, Lucienne Samôr, Sérgio Sant'Anna, Luis Gonzaga Vieira e Wander Piroli – que mais tarde vieram a se tornar grandes nomes do conto mineiro. Como ressaltou Laís Corrêa de Araújo, a partir do próprio *Suplemento*, o conto “escapou para tornar-se um texto inventivo, autônomo, tão importante e significativo quanto qualquer obra ficcional de maior contextura”¹⁷.

Em 1965, um ano antes da criação desses dois periódicos literários, surgiu a revista de contos *Estória*, que foi publicada até 1967, contando com seis edições. A grande maioria dos seus colaboradores, que publicaram pela primeira vez nessa revista, posteriormente se associou ao grupo de autores do *Suplemento*. Alfredo Bosi, ao discorrer sobre o conto contemporâneo em 1974, reafirma a importância desses veículos:

[...] a dicção que se faz no interior desse mundo é rápida, às vezes compulsiva; impura, se não obscena; direta, tocando o gestual; dissonante, quase ruído. Está, necessariamente, fazendo escola: junto a Rubem Fonseca, ou na sua esteira, algumas páginas de Luiz Vilela, de Sérgio Sant'Anna, de Manuel Lobato, de Wander Piroli, de contistas que escrevem para o *Suplemento Literário de Minas Gerais*¹⁸.

A ideia de independência, nesse contexto, é relacionada aos próprios autores, que não eram ligados a nenhuma editora, já que muitos ainda estavam nas primeiras publicações. A predominância de periódicos não é coincidência: a ideia da edição em grupo era muito forte nesse momento histórico, no qual a censura se impunha, cerceando liberdades. Na contemporaneidade, por outro lado, encontramos mais livros de um autor só em comparação a antologias e revistas, talvez por uma tendência contemporânea de vozes individuais, bem marcadas nas suas particularidades.

As feiras contemporâneas

A efervescência literária da produção de contos vista em décadas anteriores não se faz mais presente, sendo preterida em relação a outros

¹⁷ ARAÚJO. *Da teoria e da prática do conto*, p. 6.

¹⁸ BOSI. *Situação e formas do conto brasileiro contemporâneo*, p. 18.

gêneros. Nota-se hoje, curiosamente, uma produção em maior escala de poesia, atrelada a um modelo alternativo de divulgação paralelo ao das grandes editoras e livrarias: as feiras contemporâneas. São escritores, editores e artistas gráficos independentes que se reúnem, com uma certa periodicidade, para lançarem seus trabalhos.

Em Belo Horizonte, a Feira Faísca acontece desde 2015, com a periodicidade mensal, no Instituto Cultural Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG) com 45 expositores locais. A proposta é criar um espaço para que se possa vender e divulgar as produções e publicações. Junto a ela, existem também outras feiras independentes que merecem destaque, como a Colômbio e a Feira de Autoras, essa última voltada apenas para mulheres que editam e escrevem, ambas acontecendo na capital mineira.

Esse movimento alternativo se mostra necessário uma vez que o mercado literário no país é limitado principalmente ao eixo Rio-São Paulo, onde se concentram as grandes editoras e os órgãos de imprensa. De acordo com Regina Dalcastagnè, no Brasil, “a distribuição dos livros é precária, mesmo para as grandes editoras, sem falar das pequenas. A mídia cede pouquíssimo espaço para a literatura, ainda mais para nomes poucos conhecidos”¹⁹.

Nesse cenário e método de exposição, mostram-se relevantes ao mercado gráfico independente algumas editoras mineiras como a Relicário Edições, a Quintal Edições e a Impressões de Minas.

O futuro chegou: edição *online*

Ao escrever sobre textos contemporâneos é inevitável chegar na questão da internet. Devido à facilidade de acesso e possibilidade de rápida viralização, a edição *online* se tornou um meio propício para os novos escritores se lançarem sem dependerem de editoras. A plataforma da Amazon, por exemplo, permite que o autor edite seu próprio livro e o venda como *e-book*. Ainda, há *sites* como o Wattpad, que criam uma comunidade de troca entre autores e leitores baseada em comentários e diálogos – já que os capítulos vão sendo lançados à medida que são

¹⁹ DALCASTAGNÈ. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, p. 15.

escritos –, resultando em inúmeros romances, contos e *fanfics* (ficções criadas por fãs a partir de celebridades). Isso sem mencionar os já clássicos *blogs*, queridinhos da chamada geração 90, que lançou contistas hoje já estabelecidos como Daniel Galera e Clara Averbuck.

A edição mais interessante, porém, tem surgido de modo semelhante ao da década de 1970, aqui já mencionado: por meio de periódicos, revistas e antologias. Novos contistas e poetas têm ganhado um importante espaço nos *sites* que buscam divulgar e fomentar a produção de literatura contemporânea.

Podemos citar, brevemente, alguns exemplos dos endereços mais destacados nos últimos tempos: *Germina – Revista de Literatura & Arte*, dirigida pela poeta Silvana Guimarães, que abrange todo tipo de produção literária; *Mallarmagens*, editada por Alexandre Guarnieri, Marceli Andresa Becker e Nuno Rau, que publica predominantemente poesia, mas também outras áreas artísticas; *Modo de Usar & Co*, também na maioria lírica, cujos editores são os poetas Angélica Freitas, Fabiano Calixto, Marília Garcia e Ricardo Domeneck; *Vida Secreta – Revista de Literatura e Ideias*, criada pelo escritor pernambucano João Gomes, publica poemas e contos, em formato virtual. Além disso, a Vida Secreta Publicações edita antologias de poesia contemporânea, entre elas, a *Contemporâneas*, de 2016, organizada por Adriane Garcia, composta apenas por poetas mulheres brasileiras. Entretanto, assim como na edição independente de publicações impressas, como já abordado na seção sobre feiras, a poesia prevalece sobre o conto.

Um ganho que a edição digital propiciou em relação aos outros tipos foi o aumento da diversidade. Em 2001, Regina Dalcastagnè identificou o seguinte problema na literatura de então:

[...] qualquer amostragem retirada de uma grande livraria indica o que uma pesquisa estatística confirmaria – eles [os livros] ainda são escritos, em sua esmagadora maioria, por homens brancos da classe média. O que quer dizer que o povo brasileiro não está integralmente representado na nossa literatura, como não o está na política, no mercado de trabalho, nas escolas e universidades. Talvez, mais do que a variedade de gêneros e estilos (que sempre enriquecem a arte), o que a literatura brasileira pode estar pre-

cisando para se revitalizar seja de uma saudável e democrática multiplicação de perspectivas²⁰.

Hoje, vinte anos depois, infelizmente, vemos o mesmo cenário nas grandes editoras. A novidade, porém, é que a internet ajudou quem antes não conseguia chegar aos maiores meios de divulgação literária, proporcionando uma ampliação da variedade de autores. Antigamente, era muito difícil encontrar autores negros, LGBTQIA+ e mulheres nas prateleiras. Em 2017, contudo, a solução está a um clique de distância: escritores como Livia Natália, poeta negra que escreve em seu *blog*, e o próprio João Gomes da *Vida Secreta*, negro e LGBTQIA+, resistem e constroem o seu próprio espaço – de forma obstinada e independente.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* Chapecó: Argos, 2009.

ANDRADE, Mário de. Contos e contistas. In: ANDRADE, Mário de. *O empalhador de passarinho*. São Paulo: Martins, 1972. p. 5-8.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. Da teoria e da prática do conto. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais. *Suplemento Literário*, 7 abr. 1979. p. 6.

BOSI, Alfredo. Situação e formas do conto brasileiro contemporâneo. In: BOSI, Alfredo. *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Editora Cultrix, 1978. p. 7-22.

CRENI, Gisela. *Editores artesanais brasileiros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

DALCASTAGNÊ, Regina. Renovação e permanência: o conto brasileiro na última década. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 11, jan/fev. 2001.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *26 poetisas hoje*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2001.

RIBEIRO, Ana Elisa. *Beijo, boa sorte*. Natal: Jovens Escribas, 2015.

SABINO, Eduardo. *Naufrágio entre amigos*. São Paulo: Patuá, 2016.

TSVETAIEVA, Marina. *O poeta e o tempo*. Praga: [S.l.], 1932.

²⁰ DALCASTAGNÊ. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, p. 16.

As negras e os negros no conto mineiro: de personagens a autores

Gustavo Tanus

Introdução

Toda formação de uma série literária, para uma análise e sistematização de um conjunto, demanda a busca de elementos comuns aos textos, aqueles que possam garantir uma coesão a esse conjunto, que é conseguida às vezes por generalizações, outras, por fabulações. Alertados disso, ou orientados por essas afirmações, estudar o conto mineiro nos interpõe ao menos dois primeiros embaraços: qual é nosso horizonte de interpretação desse gênero textual repleto de dificuldades de classificação, e como fugir das essencializações, parte das idealizações sobre uma experiência de “mineiridade”, esse elemento identitário que objetiva a unidade, a coesão, a metáfora “muitos como um”¹, que sói apagar as marcas das alteridades na cultura.

Algumas “essências” desse ser ideal, dessa tradição inventada, partiram tanto da cabeça de alguns críticos em leitura dos textos quanto da pena de alguns autores, que agregam adjetivos que, não aprofundando sobre o habitante das Minas Gerais, ao menos e melhor (re)criaram-nos eles próprios. Esse projeto crítico, acreditamos, adentra um ciclo que, a cada imagem dessa tradição, gestada e cultuada à exaustão, afunda-se na impossibilidade de realização de outras leituras, outros modos de ver, que possibilitariam provavelmente outros modos de ser, considerando a diversidade, e respeitando a alteridade, do corpo textual e físico.

¹ BHABHA. *O local da cultura*, p. 219.

Sabemos que a análise da literatura brasileira em busca da presença do negro pode ser realizada de diversas maneiras. Partimos da inexistência, da invisibilidade nos textos literários, estes produzidos em uma sociedade criada por meio da exploração profunda do escravizado por quase quatro séculos de instituição escravista legal, e que os desconsiderou como formadores da ideia de pátria, da realização da nação, como cidadãos e, melhor dito, como seres humanos. E chegamos à materialização dos sujeitos negros como personagens e como autores. Entretanto, seja participando dos textos literários em que foram tratados como objetos² – como “peças”, como braços para o trabalho, e como sexualidade para ser explorada e devassada por “respeitáveis senhores” e “digníssimas senhoras”³ – seja representados como sujeitos⁴, de todo modo, quase nenhum texto conseguiu escapar de uma representação que não compartilhasse, de modo consciente ou não, dos estereótipos e preconceitos que são partes, ainda hoje, da agenda do racismo, esse “valor” estrutural e estruturante da sociedade brasileira.

A participação do negro como autor da literatura afro-brasileira teve início nas últimas décadas do século XVIII, com a poesia de Domingos Caldas Barbosa, e, como autora, em meados do século XIX, com o romance da maranhense Maria Firmina dos Reis⁵. No conto, Francisco de Paula Brito, escritor, precursor na edição, editor de Machado de Assis, é o pioneiro desse gênero na literatura brasileira, tendo publicado já em 1839. Em Minas Gerais, o primeiro contista negro foi, ironicamente e a contrassenso desse “estado de grandes homens”, a escritora nascida em Sacramento, Carolina Maria de Jesus, que compôs seus contos em meados do século XX.

Personagens: o negro narrado

A primeira aparição do negro como personagem no conto mineiro se deu no texto “Uma história de Quilombos”, que é o primeiro conto do livro *Lendas e romances*, de Bernardo Guimarães, publicado em 1871. A

² PROENÇA FILHO. A trajetória do negro na literatura brasileira, p. 193.

³ DUARTE. *Mulheres marcadas*: literatura, gênero, etnicidade, p. 63.

⁴ PROENÇA FILHO. A trajetória do negro na literatura brasileira, p. 193.

⁵ Sobre o negro como personagem, destacamos ainda o conto intitulado “Páginas de uma vida obscura”, da escritora potiguar Nísia Floresta, publicado em 1854, que denuncia os maus tratos dados aos escravizados. Cf. DUARTE. *Nísia Floresta: vida e obra*.

temática central desse conto é o triângulo amoroso, tema muito explorado pela literatura em fins do século XIX: em que dois personagens, Mateus, um escravizado que foge para o Quilombo de Zambi (por vezes anotado Zumbi), certo “de achar agasalho e vida regalada nos covis de seus parceiros quilombolas”⁶, e o “senhor” Anselmo, figura do “respeitável” negro embranquecido, disputam o amor da “mulata” Florinda.

O narrador do conto, preciosista com os detalhes, apresenta as personagens por meio de breves elementos descritivos – característica marcante da literatura naquele momento, descrição morfológica que se acreditava poder revelar o “espírito” e contribuir com a imaginação do leitor, mas, por fim, urge atentar para os modos de validar as imagens preconcebidas. Destaca-se a apresentação de Anselmo, mulato embranquecido cujos trajes, que revelam “asseio e esmero”, contrastam com a afirmação de que pela “aspereza de seus cabelos negros e crespos, se conhecia claramente que tinha nas veias sangue africano”⁷.

Ainda sobre esses contrastes, diremos que o triângulo amoroso é composto pelos vértices: negro quilombola raivoso por ter perdido a futura companheira, prometida a ele pelo senhor⁸; a obstinação do mulato bem vestido recém-chegado para ser benfeitor; e uma moça seduzida pela segurança e liberdade deste quase-branco. A interpretação desses vértices pode, ainda, partir: do negro que se tornaria quilombola, em busca de uma vida sem “surra todo santo dia”⁹; do mulato “bem-disposto, de fisionomia agradável” cuja negritude pode ser mascarada por trajes e “por arreios de sua cavalgadura”¹⁰, “felicidade” cotidiana de manter seu corpo; e da moça, objeto de desejo e de disputa dos dois personagens.

Se tal conto inovou, até então, por iniciar-se com o diálogo de escravizados quilombolas, ou por se afastar um pouco da representação mais comum do negro na literatura nacional, cujos textos, em geral, não o viam como seres complexos, dotados de consciência e de desejo, mas como animais constituídos de instinto, por outro lado, esse conto não se

⁶ GUIMARÃES. *Lendas e romances*, p. 10.

⁷ GUIMARÃES. *Lendas e romances*, p. 15.

⁸ GUIMARÃES. *Lendas e romances*, p. 5-7.

⁹ GUIMARÃES. *Lendas e romances*, p. 5-6.

¹⁰ GUIMARÃES. *Lendas e romances*, p. 15.

desvencilha de algumas imagens que alimentam o imaginário negativo sobre os negros, tratados como perigosos, raivosos, vingativos etc., nesses “documentos de negatividades”¹¹, que circulam no imaginário social brasileiro. Observamos que esse conto foi um dos primeiros textos a colocar a religiosidade afro-brasileira como prática dentro do enredo: a “mandinga”, como processo de ingresso no quilombo – “flagelo dos tropeiros e caminhantes, e terror dos fazendeiros”¹² –, procedimento ritualístico realizado com “objetos de feitiçaria africana” e juramento feito por “horrríveis palavras cabalísticas em língua africana”¹³, e sob o “feitiço”, uma “mandinga de trazer o amor de volta”¹⁴.

“Pedro Cabinda” é o conto de Pelayo Serrano, pseudônimo de Nelson Coelho de Senna, que integra o volume *Contos sertanejos*, publicado em 1902. O conto narra uma história que se ambienta nos tempos do “infamante azorrage dos senhores de escravos”¹⁵, vistos e vividos pelo narrador em sua infância. Sobre as estratégias da memória dos sertanejos, o narrador diz que a história daquela festa de casamento “tinha que perdurar por muitas gerações de roceiros, sempre recontada, com esses aumentos ingênuos a quase instintivos do nosso povo sertanejo, propenso, por índole, a narrar com lustre e saudade as cousas do passado”¹⁶.

O enredo trata do trânsito de Pedro Cabinda, escravizado que tivera que buscar uma encomenda, na cidade do Tejuco, objetos preparados ali, que eram parte dos preparativos das núpcias da filha do dono da fazenda de Santo Idelfonso, onde ele trabalhava. Pedro carregava um pesado baú que continha o enxoval para o casamento. Em seu íntimo, cogitava a possibilidade de atrasar. De fato, encontrou obstáculos difíceis em seu caminho: a chuva, a enchente e a travessia de um rio de “águas turvas e velozes”. Ali, teria que atravessar o rio Guanhães, que estava veloz e em alta, e deveria cruzar o atoleiro da várzea baixa do rio.

¹¹ Esse termo foi criado por nós, a partir da leitura de *Crítica da razão negra*, de Achille Mbembe, para contrapor a outros modos de arquivamento dos negros, de que tratamos na dissertação *Constelações do poeta negro...*, 2017.

¹² GUIMARÃES. *Lendas e romances*, p. 10.

¹³ GUIMARÃES. *Lendas e romances*, p. 14.

¹⁴ GUIMARÃES. *Lendas e romances*, p. 9.

¹⁵ SERRANO. *Contos sertanejos*, p. 41.

¹⁶ SERRANO. *Contos sertanejos*, p. 47.

No dia das bodas, como Pedro Cabinda ainda não havia chegado, o dono da fazenda arranhou um grupo de captura de Pedro, “vivo ou morto”. Tal grupo era encabeçado pelo capitão do mato, chamado Felisberto, aquele que castigava o sujeito que tivesse o “mau sestro de abandonar a senzala infecta da fazenda pelo refúgio ameno da vida à solta”¹⁷. Esse chefe de milícia captura o protagonista, que estava cansado de “ingratíssima jornada”, quando ele estava perto do arraial, certo de cumprir sua jornada. Amarra-o, e o conduz “na mais hedionda e selvagem das cruezas”¹⁸ até a fazenda. Ali, a festa do casamento se dava e:

[...] grupos da escravaria [...] casquiavam os pandeiros, os adufes e tambores de *caxambú*, e em outras rodas de camaradas e tabaréos vindos à função ouvia-se o ponteado meigo das violas e machetas, anunciando o começo do batuque e “dança de quatro”, de par com o samba engraçado dos negros¹⁹.

Por fim, o narrador diz que o “bruaá” dos festejos populares contrastava com os berros da tortura perpetrada pelo capitão do mato: “No recinto lóbrego e infecto do tronco, tinha mais uma vez esguichado o sangue inocente de um futuro redimido de 88!”²⁰. Vemos que o conto não faz grandes modificações em relação à profundidade das personagens, que são planas. Porém, em seu favor, há uma identificação com o negro escravizado, caracterizado como leal, corajoso, destemido, que parte para a aventura contra a natureza em busca do cumprimento de uma ordem que lhe fora dada. Demonstra, no desfecho, como resultado dos arroubos, dos temores de uma classe dominante cruel e dos seus sistemas de torturas e de castigos, a violência gratuita que contrasta com a felicidade do casamento.

A autoria negra nos contos das Minas Gerais

Sobre a autoria negra, já adiantamos que a primeira contista negra mineira foi Carolina Maria de Jesus, que escreveu seus contos juntamente com seus famosos cadernos em meados do século XX. Esses contos, porém, só foram publicados bem depois; “O Sócrates africano”,

¹⁷ SERRANO. *Contos sertanejos*, p. 42.

¹⁸ SERRANO. *Contos sertanejos*, p. 51.

¹⁹ SERRANO. *Contos sertanejos*, p. 49, grifos do autor.

²⁰ SERRANO. *Contos sertanejos*, p. 52.

em 1976, e dois outros, “Onde estaes felicidade?” e “Favela”, publicados em 2014. O primeiro conto trata da história de vida do avô da autora, um homem que tinha compaixão, que nunca fora preso, não brigava, não bebia, e era um homem muito inteligente, reconhecido por todos, brancos e negros, alfabetizados ou não.

A narradora conta que ele, por sua inteligência, era chamado de Sócrates. Ela odiava José Afonso, “presidente de Sacramento”, porém ela não poderia xingá-lo, porque aqueles que “xingavam o presidente de Sacramento iam presos, e apanhavam”. Tal consideração, verossímil, é, como um efeito da violência institucional da classe dirigente brasileira, um demonstrativo de como as ditas “autoridades” agem a despeito das leis. E a narradora continua: “Pensava: se o vovô fosse branco e rico o senhor José Afonso havia de considerá-lo. Mas o vovô era preto e o preto não é o dono do mundo”²¹.

Por fim, ela, que buscava o significado de ser o tal “Sócrates africano”, deslindando todas as qualidades em sua postura aberta para discussão, na manutenção de uma “assembleia onde [...] discutiam as falhas do nosso povo”²², conclui que sua melhor sabedoria era sua condição de mais velho responsável pela sobrevivência – material, e, sobretudo moral – da família da narradora.

O conto “Onde estaes felicidade?”, que dá título ao livro de Carolina Maria de Jesus, editado em 2014, possui uma narrativa bem pensada e bem executada, e comporta duas estruturas: uma superficial, que é a história de um casal sem posses, cuja esposa, Felicidade, enamorou-se de um caixeiro viajante que a seduzira com bens materiais; e outra, profunda, percebida enquanto avançamos na leitura. A fim de enganar o esposo, o caixeiro viajante pede a Felicidade que aja de modo a parecer que havia ficado louca. No momento em que ela encena, o caixeiro viajante aparece dizendo-se médico, e que teria que levá-la ao hospício da cidade. Após muitos anos, o homem ainda apaixonado pela esposa, sentindo falta de Felicidade, sai em busca dela. Vai de hospício em hospício a procurá-la, e escuta dos porteiros: aqui nunca vimos Felicidade. Se ele

²¹ JESUS. *Revista Escrita*, p. 6.

²² JESUS. *Revista Escrita*, p. 6.

era muito feliz com sua Felicidade, o “senhor é mais feliz do que eu, que desde o dia em que nasci, não sei o que é felicidade”²³.

Ainda de Carolina Maria de Jesus, o conto “Favela”, que integra esse mesmo volume, *Onde estaes felicidade?*, possui algumas características do famoso livro de memórias *Quarto de despejo*, publicado em 1960. De fato, ele trata da mesma situação que este livro trabalha, porém, o conto possui um tratamento literário, com vistas à exploração da tensão e do ritmo um pouco diferentes, haja vista que a intenção narrativa do conto é apresentar uma fotografia da favela, informar sobre sua formação e sobre seus atores. A narrativa contém, segundo Eduardo de Assis Duarte, a primeira “crítica do processo de modernização autoritária e excludente por uma de suas vítimas”²⁴, o que hoje em dia nomeamos como “racismo ambiental” urbano, que é a expulsão dos moradores pobres de suas habitações para a valorização do espaço. Enquanto “São Paulo modernizava-se”²⁵, a favela foi desativada por policiais. Os moradores foram buscar uma solução com o governante, que os destinou para as margens do rio Tietê, no bairro do Canindé. A narradora, que não tinha moradia própria, porque dormia nos empregos, ia ser mãe. Ela conheceria “a vida infausta das mulheres com filhos e sem lar”²⁶.

Após conseguir um terreno para construir um “barraco”, ela conta as agruras para efetivar a construção e para sobreviver como mulher negra. Numa ocasião em que, por conta da gravidez, sentiu tonteira, escutou o brado: “Negra nova podia e pode trabalhar, mas prefere embriagar-se”, ou em discurso direto livre: “ela sozinha deve ser alguma vagabunda. É crença generalizada que as pretas do Brasil são vagabundas”. Importante é a autoafirmação da narradora, que, para responder a essas pessoas, diz: “Eu sou poetisa. Peço respeitar-me mais um pouco”²⁷.

Um traço importante da narrativa sobre a favela é a denúncia da violência da “patrulha”. Lembramos o episódio em que o delegado, emitindo sua opinião pessoal preconceituosa, chamou a narradora de “sem vergonha”²⁸

²³ JESUS. *Onde estaes felicidade?*, p. 36.

²⁴ DUARTE. *Carolina Maria de Jesus: informações sobre literatura afro-brasileira*.

²⁵ JESUS. *Onde estaes felicidade?*, p. 39.

²⁶ JESUS. *Onde estaes felicidade?*, p. 41.

²⁷ JESUS. *Onde estaes felicidade?*, p. 41.

²⁸ JESUS. *Onde estaes felicidade?*, p. 67.

das violências domésticas, “a gente sempre despertava com um grito de socorro. Eram mulheres apanhando dos esposos”²⁹. A denúncia realizada no conto pela narradora supera a matéria denunciada, porque revela e delinea a diferença de tratamento da cidade oficial e letrada – administração e cidadãos que não vivem nas favelas – dado aos moradores dali.

No ano de 1986, o escritor natural de Ponte Nova, Luís Cláudio Lawa [Eustáquio José Rodrigues], lançou seu primeiro livro de contos, *Cauterizai meu umbigo*, e, logo, em 1990, o *Flor de sangue*. O conto “Cauterizai meu umbigo”, do primeiro livro, trata de uma amizade recente entre africanos, pertencentes a etnias diferentes, reunidos em um jantar na casa de um deles, o personagem Limpunda. O narrador, que é o visitante, indaga sobre um objeto, uma arma de guerra presa na parede, o que remete seu dono à lembrança que motiva o outro a uma narração sobre conflitos que culminariam na escravização do povo vizinho. A arma é símbolo da vitória sobre o outro, não por ser objeto de ataque, mas espólio conquistado do vencido.

O conto comporta dois planos com diferenças na formatação: o da narrativa em ação, sem recuo, e o da reflexão do narrador, com recuo. Neste, o visitante pensa:

[...] entreguei-lhe minha maça de guerra; sim!; ESTA, LIMPUNDA, QUE AGORA ME ESFREGAS À FACE COMO TUA! [...] Compreendemos quando vocês passaram a nos dar a melhor comida, a água decantada, a mais pura. Compreendemos quando o branco lhes deu miçangas e adereços. E por que estávamos no cercado. Éramos como porcos. Sim, como porcos, e como porcos tínhamos que ser engordados. Pois é, Limpunda, compreendemos: estávamos sendo vendidos. Muitos começaram a se lamentar, a bater com a cabeça na palçada; as mulheres a escavar o chão, procurando enfiar a cabeça, se sufocarem e aos filhos pequenos. Olhei-te nos olhos. O tempo todo olhei-te nos olhos. Bamongo, hein? Eu voltarei, bamongo!³⁰

Num primeiro momento, o narrador imagina ser imprescindível recuperar tal objeto, por seu significado, como motivação para a memória. Porém, reavalia-o como um troféu de valor, dado que o importante, naquela situação, foi que ele conseguira sobreviver em terras

²⁹ JESUS. *Onde estaes felicidade?*, p. 46.

³⁰ LAWÁ. *Flor de sangue*, p. 96.

estrangeiras e regressou à África. Esta não é, no conto, tratada como uma terra mítica, uma espécie de paraíso perdido. Esse local – de onde o narrador provém e onde ele sofrera a violência do aprisionamento para ser trocado por uma garrafa de bebida, dada como paga ao bamongo Limpunda – é, dessa vez, preterido pelo narrador, que, ao comprar a arma pertencente ao povo bamongo, desiste da vindita e retoma, sem esquecer da violência sofrida, sua vida.

O montes-clarense Waldemar Euzébio Pereira, que havia publicado o conto “Foi mesmo alegria de festa” nos *Cadernos negros*, volume 21, em 2001, lançou, em 2004, seu primeiro livro, *Achados*, que reúne dezessete contos. O conto intitulado “Achados” se passa na cidade de Montes Claros, onde o narrador-personagem vai crescendo e vivenciando experiências profissionais, desde a infância até a adolescência. Interessante a narração das aventuras, descobertas e travessuras da criança em cada profissão por que passara: fora engraxate, trabalhou no mercado, fora esterqueiro, vendeu metal velho, fora carregador, alimentou porco, até que terminou a educação primária e fora aprender o ofício de ferroviário, que naquele momento tinha estabilidade. Como não receberia presente no Natal, o narrador-personagem passou a odiar a si e a seu pai “por ser preto”. E concluiu:

Ele [Papai Noel] não vinha para pobre. Nada poderia dizer o contrário. Conhecimento vivido é fé, nada arreda. Nem ameaça de cruz. A primeira mentira pressentida revolve o estômago. Falta-nos o amparo da hipocrisia. O aprendizado sinaliza: a sensibilidade pode não ser boa companhia, mas é a nossa marca d’água. Igual frutos, amadurecemos desiguais. Primeiro, do lado exposto ao sol. A bronca subiu até Deus, por ter-me deixado nascer ali, naquela família que só sabia crescer como erva daninha³¹.

Esse narrador, ao contar sobre si e sua vida de poucos recursos, revela-nos suas considerações acerca da vida lembrada, permitida pelo que chama de “achados”, que são uma mescla de fato real e de construto da memória que, em intenção de recuperar o vivido, contribui para a recriação do passado.

³¹ PEREIRA. *Achados*, p. 26.

Conceição Evaristo, autora belo-horizontina consagrada pelas poesias e romances que escreveu, publicou, em 2011, o livro de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Em 2014 ela publicou *Olhos d'água*, livro com o qual ela ganha o Prêmio Jabuti. Os contos – muitos deles já editados, desde a década de 1990, nos *Cadernos Negros* – são narrativas construídas a partir de um ponto de vista negro feminino. No ano de 2016, foi lançado o *História de leves enganos e parecenças*, livro que traz contos que conjugam outras estratégias narrativas, afastando-se do real e aproximando-se de outros caminhos, “do insólito, do estranho, do imprevisível”³².

O primeiro livro de contos, *Insubmissas lágrimas de mulheres*, é composto de textos que narram histórias de vida de mulheres. Neles, são traçadas biografias de mulheres que, independentemente das diferentes trajetórias, discutem o papel social da mulher, como filha, mãe, profissional, dona de seu corpo e de sua mente.

Violências de todos os tipos são praticadas pelos homens, numa cultura machista, contra mulheres, sejam crianças ou adultas. Em algumas dessas histórias o início se dá quando a mulher ainda é uma criança, e, em outras, depois de casada, em relação à maternidade, à sexualidade etc. Discute-se, ali, a constituição da família contemporânea ideal, marcada pela ausência do pai e pela forte presença da mãe, que passa a se ver como mulher, sujeito de desejos, e constitui-se base psicológica e econômica da instituição familiar.

Cada uma dessas mulheres – donas de suas próprias histórias – conta-a a uma narradora. No momento em que elas fazem isso, se constituem como sujeitos de consciência. A narradora, que as ouve com cuidado e atenção, coleta essas histórias que serão narradas, ou melhor, tecidas em uma história maior – de violência patriarcal e de luta por sobrevivência –, em que todas são narradoras e protagonistas.

O conto “Memorial”, do escritor Jorge Dikamba, natural de Itabirito, foi publicado em 2014, numa coletânea de autores escolhidos em concurso nacional. É um conto que trabalha a situação de encontro da voz narrativa com um ancião, um avô, com quem o jovem narrador irá conversar. Esse mais velho inicia uma narração – repleta de imagens, de

³² SILVA. A fortuna de Conceição, p. 7.

muitas qualificações e de nomes inventados, a recriar poeticamente uma oralidade – sobre a infância de seu pai, escravizado, em tempos de antanho. Ele perfaz caminhos de lembrança, “voejava em seus olhinhos de criança no mundo só, voltava ao tempo longe, lá”³³, e começa a contar sobre um casamento da filha de um fidalgo, da localidade, nos tempos da escravidão. Entre as idas e vindas de pretendentes, ricos, até a escolha de um rapaz pobre, essa narrativa trata, por fim, de contar a origem da comunidade negra do narrador naquela região.

O conto negro mineiro na literatura infantil e juvenil: o livro-conto e o reconto

Se formos considerar os contos de autoria negra desconsiderando a existência de personagens negras e negros, nossa lista ultrapassaria provavelmente umas centenas de títulos. Assim, apresentaremos apenas as escritoras e escritores negros mineiros que cultivaram esse gênero textual “conto” em histórias sobre personagens negros voltados para o público infantil e juvenil.

Vemos que alguns contos produzidos na estética das literaturas infantis e juvenis são partes integrantes de um livro, esse objeto ocidental de reunião de textos. Outros são diferentes, não em suas características mais gerais, mas em princípios de organização do texto dentro da publicação, sendo um conto que é o livro como um todo.

Para definir o livro-conto, partimos da ideia de que o conto é um arranjo sucinto e cuidadoso da prosa, cujo enredamento não se perde nos excessos e trabalha duas histórias³⁴: no primeiro plano, uma história com um ritmo tão lapidado que não conseguiríamos parar a leitura; no segundo, uma outra, construída em segredo. A qualidade do texto estaria no modo como são cifrados os elementos da segunda história dentro da primeira. Em relação a isso, muitos textos infantis e juvenis contemporâneos são compostos de ilustrações que não são apenas uma simples tradução entre sistemas, mas operações de transcriação entre sistemas

³³ DIKAMBA. Memorial, p. 25.

³⁴ Essa ideia compõe a primeira tese sobre o conto de Ricardo Piglia. Cf. PIGLIA. *Formas breves*.

semióticos diferentes, e frequentemente trazem outros elementos, não explorados pela narrativa verbal.

Alguns dos textos cujas personagens são negras contam histórias do continente africano. Em 1998, foi lançado o livro *A tatuagem*, do escritor campo-belense Rogério Andrade Barbosa, livro-conto que narra a história de Duany, uma jovem de uma comunidade do Quênia, que iniciara a marcação de seu corpo como parte de um rito social de crescimento. A jovem sai em busca de um velho tatuador conhecido, a fim de terminar de marcar o seu corpo, e ingressa em uma aventura. Ela conhece uma cobra que, como recompensa a um trabalho bem realizado, lhe dá uma tatuagem bonita, porém com a advertência de que não contasse à sua aldeia sobre a origem de tal tatuagem. No fim, os episódios vividos pela personagem simbolizam a própria marcação na pele, confirmadora de seu crescimento.

O rei do mamulengo, do escritor Rogério Andrade Barbosa, livro-conto publicado em 2003, narra a história de um menino que sonhava em se tornar mamulengueiro como seu avô, Mestre Perfumado. Vemos que os bonecos representam a sociedade: “Cabo 70”, responsável pelo manejo do “marmelório-no-lombo”, excessos de violência sem motivos, os advogados “Doutor Sabe Nada”, um padre avaro chamado “Seu Vigaro”, um boneco representando a “Alma” e outro a “Morte”. Dentre os bonecos que o avô tinha para as apresentações, havia um boneco negro chamado Benedito Cravo de Lima, que arrancava risadas da plateia, por sua alegria e “façanhas”. Destemido e folgazão, Benedito não chega a ultrapassar os limites do esperado. Em 2010, o mesmo autor publicou o livro *Em Angola tem? No Brasil também!*, que conta a história da amizade de duas crianças, o brasileiro Josinaldo e o angolano Matondo, que trocam cartas entre si. Nessas cartas eles trocam informações sobre a origem de elementos de suas culturas, cada qual partindo do seu lugar, do seu ponto de vista. Na busca de informações sobre elas, os dois acabam aproximando-se nas semelhanças e nas diferenças.

A escritora belo-horizontina Jussara Santos lançou *De flores artificiais*, em 2002, livro de literatura juvenil que contém nove contos. A temática passa por questões de violência, racismo e preconceito. Em um dos contos, por exemplo, “A vez da caça”, há uma inversão da situação de caçador:

um escritor que sai às ruas em busca de inspiração obtida “caçando” meninos da periferia, e um dia torna-se caça deles. Tão interessante quanto a inversão é a caracterização desse escritor/caçador que utiliza a periferia como tema. A autora publicou mais dois livros de contos: *Com afagos e margaridas*, em 2006, e *Crespim*, em 2013. O primeiro é composto por dois contos que expõem difíceis realidades – de violência e abandono – vividas por mulheres oriundas de famílias humildes. O segundo, livro dedicado aos leitores menores, conta a história de um anjinho negro, Crespim, que possui, como sua família, descendência afro. Como uma das suas ações, ele intervém na relação amorosa dos personagens negros, Amélia e João, a fim de ajudá-los. Trata-se, então, de um livro sobre a timidez, sobre o amor, e, mais, sobre os padrões de representação do negro.

Do escritor juiz-forano Edimilson de Almeida Pereira, há o reconto *Os comedores de palavras*, narrativa de um contador de histórias que vivia no país das árvores que falam. Para contar histórias, ele tocava seu tambor e elas nasciam vivas como serpentes em sua boca. Um dia ele foi raptado por um monstro, e seu tambor ficou adormecido. Dali, seu filho, que tanto sentia sua falta, resolveu ir atrás do pai, e percorreu terras de aventuras e passou por provações diversas. O livro *Histórias trazidas por um cavalo marinho*, publicado pelo poeta em 2005, com ilustrações de Denise Nascimento, traz quatro pequenos contos: “O livro amarelo com páginas brancas”, “O pastor de pássaros”, “O nome do sol” e “O menino de argila”, que tratam, de maneira geral, sobre a desnaturalização de uma realidade insólita e seus arranjos extraordinários, por meio de processos empreendidos pelas personagens, crianças negras. Em 2011, o autor publicou o livro de contos *Os reizinhos do Congo*, ilustrado por Graça Lima, com duas histórias: a do Rei de Congo e a da Rainha-menina, contadas de forma poética e no ritmo próprio do Congado.

Patrícia Santana, natural de Belo Horizonte, é autora de três obras infantis: *Entremeio sem babado* (2007), *Minha mãe é negra sim* (2008) e *Cheirinho de neném* (2011). Todas as histórias se passam com personagens negras. Em seu primeiro livro, *Entremeio sem babado*, a autora conta a história de Kizzy, uma menina negra cujas descobertas da infância fazem parte do modo curioso como ela trata a vida. Já no segundo livro, *Minha mãe é negra sim*, a autora aborda mais diretamente a questão do

preconceito racial, situação sofrida pelo personagem Eno, que culmina em um processo de reconhecimento de si, de construção de autoestima e de posicionamento crítico frente ao racismo, auxiliado pelo avô. No terceiro livro, *Cheirinho de neném*, está representado o universo infantil de Iara, uma menina negra que vê seu mundo ser dividido pelo nascimento do seu irmão Abayomi. Interessantes são as estratégias de transformação literária da escritora, afastando-se dos estereótipos na representação da criança negra.

Em 2008, a escritora nascida em Belo Horizonte Cidinha da Silva lançou o livro *Você me deixe, viu? Eu vou bater meu tambor!*, que, embora não tenha saído com a chancela “juvenil”, se faz importante, a nosso ver, para essa faixa etária pela riqueza de suas temáticas: a afetividade, a sexualidade, o amor e o corpo. Nele, há uma mistura de textos, entre crônicas e minicontos com personagens mulheres, e temáticas que exploram os modos de representação e de organização do poder hegemônico. *O mar de Manu*, terceiro livro de Cidinha da Silva, ilustrado por Mbiya Kabengele, foi lançado em 2011, e é um livro-conto cuja narrativa se passa em um dia e uma noite vividos pelo protagonista em um lugar em África entre Mali, Níger e Burkina Fasso, que, como Minas Gerais, não possui mar.

O escritor Jorge Dikamba lançou o livro infantil *Amani*, em 2010, ilustrado por Juliana Buli. O livro-conto traz a história de Amani, menino africano, em sua rotina dentro da sua comunidade, até que um dia algo de terrível acontece. A narrativa trabalha o horror do aprisionamento de pessoas para alimentar o “mercado de escravos”, entretanto Amani consegue fugir dos seus algozes e retorna à aldeia, arrasada pelo incidente. É um conto infantil inovador por apresentar o apresamento de pessoas em África do ponto de vista do africano.

A escritora belo-horizontina Madu Costa lançou o livro-conto infantil *A caixa de surpresas*, em 2009, e *Lápis de cor*, em 2012. Em relação à representação e valorização étnica, ambos possuem como protagonistas personagens negros. O primeiro narra a indecisão de Victor, menino que busca o presente perfeito para sua professora. Já o segundo narra a história de Luan, menino preocupado com a preservação do planeta, cujas

preocupações transformam-se, da figuração para a ação, e retornam, da realidade para a imaginação, com auxílio dos lápis de cor.

O livro *Nikké*, do escritor juiz-forano Édimo de Almeida Pereira, lançado em 2011, é composto de dois contos, cada qual tendo a menina angolana Nikké como protagonista. Esses contos tratam da curiosidade infantil – em busca de aprendizagem – que coloca a criança frente a uma questão, que ela, em sua descomplicação inteligente, resolve. O narrador revela-nos que a primeira história foi escutada de outro contador, que a escutara da própria menina. É, portanto, um livro que trata da construção da memória, por meio da oralidade, e da formação de uma comunidade.

Percebemos que, dentro dessa ideia de livro-conto, algumas publicações são “recontos”, que são reconstruções de contos da tradição oral³⁵. O escritor natural de Manhumirim, Júlio Emílio Braz, publicou, em 2005, o livro *Sikulume & outros contos africanos*, que é um reconto de histórias da tradição oral africana. De Rogério Andrade Barbosa, destacamos a obra *Duula*, a mulher canibal, ilustrado por Graça Lima, lançado em 1999, que reconta uma história da tradição oral somali. Essa história possui dois momentos, dois modos de lutar pela sobrevivência. O primeiro, a família de pastores busca, por falta de chuva, novas terras. Na tentativa de atravessar o deserto, os pais da criança Duula morrem. Ela, que ficou sozinha e faminta, passou a comer carne de pessoas que morreram tentando atravessar o deserto. Assim desumanizou-se, tornando-se fera. O outro, a luta pela sobrevivência frente ao monstro que queria devorá-los. Os irmãos, o menino Askar e a menina Mayran, que se perdem dos pais, arrumam meios de fugir da morte. *Irmãos Zulus*, de Rogério Andrade Barbosa, lançado em 2006, conta uma história, aprendida com o povo Zulu, de um jovem, Malandela, que sai em busca de seus dois irmãos, que meses antes se foram em busca da fortuna. Após encontrá-los, empreendem o caminho – repleto de aventuras que testam sua capacidade de resiliência – de retorno à sua terra natal. Há, na bibliografia desse autor, mais outros tantos recontos, cuja origem é africana, como, por exemplo: *Nyangara Chena: a cobra curandeira*,

³⁵ SÁ. Reconto.

história do Zimbábue; *Os gêmeos do tambor: reconto do povo Massai; Uma ideia luminosa* (2007), história da Eritreia, entre outros.

Considerações finais

Em busca de uma cartografia, não desse estado de mares de morros, veredas e sertão longínquo, mas das representações dos negros e negras nos contos mineiros, os encontramos como personagens dos contos de Bernardo Guimarães, nos fins do século XIX, dezessete anos antes do fim oficial da escravidão, e de Nelson Coelho de Senna, no início do século republicano. Embora tenha havido cuidado, nestes casos, na composição das personagens, na identificação com a personagem negra, tomada como protagonista, o “ponto de vista”³⁶ adotado não é o do negro.

Em relação à autoria de contistas negros em Minas Gerais, descobrimos que a primeira contista foi Carolina Maria de Jesus, seguida por diversas outras escritoras e escritores negros, oriundos de diversas localidades das Minas Gerais: Sacramento, Ponte Nova, Montes Claros, Itabirito, Varginha, Campo Belo, Manhumirim, Juiz de Fora e Belo Horizonte. Cada qual com seus modos de narrar, por meio do conto, do livro-conto infantil e/ou juvenil ou do reconto de histórias da tradição oral africana.

Avessos à tradição inventada da alma de Minas, as contistas negras e os contistas negros não tematizaram em seus contos a “mineiridade”, esse espírito gestado para agregar sob um mesmo ideal grupos sociais muito diferentes, mas que, por fim, não consegue incluí-los como sujeitos complexos e diversos. Ao percorrer as tantas páginas dos contos, percebemos a naturalidade com que as personagens negras e negros, em suas diversidades, integram as histórias, sendo protagonistas delas, ora em busca de suas origens, ora em reconfiguração de suas maneiras de ver e de ser, porém todas partindo de seus próprios procedimentos de subjetivação.

Referências

BARBOSA, Rogério Andrade. *A tatuagem*. Ilustrado por Gerson Conforti. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

BARBOSA, Rogério Andrade. *Duula: a mulher canibal*. Ilustrado por Graça Lima. São Paulo: DCL, 1999.

³⁶ DUARTE. Por um conceito de literatura afro-brasileira.

- BARBOSA, Rogério Andrade. *Em Angola tem? No Brasil também!.* São Paulo: FTD, 2010.
- BARBOSA, Rogério Andrade. *Irmãos Zulus*. Ilustrado por Ciza Fittipaldi. São Paulo: Larousse do Brasil, 2006.
- BARBOSA, Rogério Andrade. *Nyangara Chena: a cobra curandeira*. Ilustrado por Samo Dansa. São Paulo: Scipione, 2006.
- BARBOSA, Rogério Andrade. *O rei do mamulengo*. Ilustrado por André Neves. São Paulo: FTD, 2003.
- BARBOSA, Rogério Andrade. *Os gêmeos do tambor: reconto do povo Massai*. Ilustrado por Ciza Fittipaldi. São Paulo: DCL, 2006.
- BARBOSA, Rogério Andrade. *Uma ideia luminosa*. Ilustrado por Thaís Linhares. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.
- BHABHA, Hommi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BOSI, Alfredo (Org.). *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- BRAZ, Júlio Emílio. *Sikulume & outros contos africanos*. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.
- COSTA, Madu. *A caixa de surpresas*. Belo Horizonte: Nandyala, 2009.
- COSTA, Madu. *Lápis de cor*. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.
- DIKAMBA, Jorge. *Amani*. Ilustrado por Juliana Buli. Belo Horizonte: C/Arte, 2010.
- DIKAMBA, Jorge. Memorial. In: COSTA, José Mauro da (Org.). *Mulheres*: 29 autores escolhidos em concurso nacional. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.
- DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: vida e obra*. Natal: Editora UFRN, 1995.
- DUARTE, Eduardo de Assis. *Carolina Maria de Jesus*: informações sobre literatura afro-brasileira, 2017. Não publicado.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 63-78, dez. 2009.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: LITERAFRO. O portal da Literatura Afro-brasileira. 2008. Disponível: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/148-eduardo-de-assis-duarte-por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira>. Acesso em: 3 jul. 2017.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, Brasília, n. 31, p. 11-23, 2008.
- EVARISTO, Conceição. *Histórias de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2016.
- EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.
- EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2014.
- GUIMARÃES, Bernardo. *Lenda e romances*. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006. [1871].
- JESUS, Carolina Maria de. O Sócrates africano. *Revista Escrita*, São Paulo, n. 11, p. 5-6, set. 1976.
- JESUS, Carolina Maria de. *Onde estaes felicidade?* Organização de Dinha e Raffaella Fernandez. São Paulo: Me Parió Revolução, 2014.
- LAWA, Luís Cláudio [Eustáquio José Rodrigues]. *Cauterizai meu umbigo*. Rio de Janeiro: Anima, 1986.

- LAWA, Luís Cláudio [Eustáquio José Rodrigues]. *Flor de sangue*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1990.
- PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Histórias trazidas por um cavalo marinho*. Ilustrações de Denise Nascimento. São Paulo: Editora Paulinas, 2005.
- PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Os reizinhos de Congo*. Ilustrações de Graça Lima. São Paulo: Editora Paulinas, 2004. (Coleção Árvore Falante).
- PEREIRA, Edimilson de Almeida; ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. *Os comedores de palavras*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004.
- PEREIRA, Édimo de Almeida. *Nikké*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.
- PEREIRA, Waldemar Euzébio. *Achados*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004.
- PIGLIA, Ricardo. Teses sobre o conto. In: PLIGIA, Ricardo. *Formas breves*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Estudos avançados*, v. 18, n. 50, p. 161-193, 2004.
- SÁ, Alessandra Latalisa de. Reconto. In: UNIVERSIDADE Federal de Minas Gerais (UFMG). Faculdade de Educação (FaE). Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale). *Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores*. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/reconto>. Acesso em: 30 jun. 2017.
- SANTANA, Patrícia. *Cheirinho de neném*. Ilustrações de Thiago Amormino. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.
- SANTANA, Patrícia. *Entremeio sem babado*. Ilustrações de Marcial Ávila. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.
- SANTANA, Patrícia. *Minha mãe é negra sim*. Ilustrações de Hyvanildo Leite. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008.
- SANTOS, Jussara. *Com afagos e margaridas*. Belo Horizonte: Quarto Setor Editorial, 2006.
- SANTOS, Jussara. *Crespim*. Belo Horizonte: Impressões de Minas, 2013.
- SANTOS, Jussara. *De flores artificiais*. Belo Horizonte: Sobá, 2002.
- SANTOS, Jussara. *Indira*. Belo Horizonte: Nandyala, 2009.
- SERRANO, Pelayo [Nelson Coelho de Senna]. *Contos Sertanejos: lendas e fragmentos*. Porto: Typographia Universal, 1902.
- SILVA, Assunção de Maria Sousa e. A fortuna de Conceição. In: EVARISTO, Conceição. *Histórias de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2016. p. 6-14.
- SILVA, Cidinha da. *O mar de Manu*. Ilustrações de Mbiya Kabengele. São Paulo: Kuanza Produções, 2011.
- SILVA, Cidinha da. *Você me deixe, viu? Eu vou bater meu tambor!* Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008.

Nota de fim

Ensaio originalmente publicado em 2018 na revista *Brasil/Brazil: A Journal of Brazilian Literature* (volume 31, número 58).

Mineiras contistas

Gustavo Tanus
Pedro Henrique Silva

A presença de mulheres no mundo das letras não é recente. Quando olhamos para a historiografia literária brasileira, para além das arapucas limitadoras do cânone construído a partir de uma perspectiva branca-burguesa-heteronormativa, não vemos a presença, por exemplo, de Maria Firmina dos Reis, educadora, contista, e autora de *Úrsula* (1859), o primeiro romance abolicionista escrito por uma mulher em toda a América Latina; vemos pouco de Júlia Lopes de Almeida, escritora cuja obra circulou nos primeiros anos do século XX, que também publicou contos, entre outros gêneros; menos ainda sobre Carolina Maria de Jesus, a primeira contista negra mineira¹.

O modo como elas aparecem nesse mundo tem relação com o lugar social que ocupam nas sociedades machistas, misóginas, que criam barreiras tanto para a vida quanto para a escrita, e para publicação e circulação. São conhecidos os casos de autoras que publicavam sob pseudônimo masculino, para que seus textos pudessem ser lidos. Tais barreiras têm sido questionadas nos últimos tempos, o que é ação para sua destruição. Apesar disso, nem de longe estamos perto de acabar com a misoginia e com o conservadorismo, porém a discussão não pode mais ser invisibilizada ou silenciada, haja vista o número crescente de escritoras, pensadoras, intelectuais, editoras e as tantas confrarias de mulheres insurgentes.

¹ Ver nesta coletânea o ensaio de Gustavo Tanus "As negras e os negros no conto mineiro: de personagens a autores", p. 39-56.

Nas letras, essas escritoras, críticas, pesquisadoras, tal qual fizera Virginia Woolf em seu livro *Um teto todo seu*, vêm reivindicando a presença dos seus livros nos acervos, nas feiras literárias, mesmo na crítica acadêmica. A questão maior não é bem, tal qual conservadores pensariam, uma espécie de complementação esperada, ou mesmo desejada, de uma estrutura de teoria/crítica/história, trazendo para o interior do sistema literário *tout court* uma adição que nunca teria sido pensada, caso tivesse sido idealizada por quem detém o poder de fala e de produção de conhecimento; é necessário questionar a estrutura que permitiu, isto é, permite a manutenção do *status quo* dominante, que vem excluindo o pensamento e a produção intelectual, literária, filosófica das mulheres, e minimizando suas atuações.

O tornar-se, colocar-se e se fazer escutar têm suplementado a estrutura, provocando um descentramento no aí posto, e suscita, com isso, a necessidade de reescrita da história e da crítica da literatura, não apenas com acréscimos ou minimização das ausências, das escritoras que “foram sistematicamente ignoradas e alijadas da memória canônica do arquivo oficial”², mas escrita preferencialmente por mão das próprias mulheres, que pensam seus projetos individuais, para além da simples pertença ao movimento que integram, como foi feito em relação às primeiras escritoras lidas pelos manuais; mas também uma outra escrita de teoria, por conta das atualizações, descentramentos e criações de procedimentos específicos da textualidade etc., constantes nas escritas das mulheres.

Para este ensaio, utilizaremos os dados resultantes do levantamento realizado por estudantes da disciplina História da edição em Minas, cujo objetivo foi buscar escritoras mineiras que publicaram contos em antologias mineiras e brasileiras e em periódicos brasileiros. Aqui, destacaremos as escritoras que mais publicaram nessas antologias e as que publicaram contos nas revistas literárias mineiras: *Estória*, *Silêncio*, *Inéditos* e a importante *Revista Literária do Corpo Discente da UFMG*³, que atravessou quatro décadas lançando jovens autores. Os resultados confirmam Minas Gerais como o lugar do conto, gênero

² DUARTE. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, p. 64.

³ Mais conhecida como *Revista Literária da UFMG*, como passaremos a designá-la aqui.

fortemente produtivo entre os escritores mineiros em geral, produtivo também entre as escritoras mineiras.

O gênero conto, a autoria de escritoras e a escrita feminina

Concisão, tensão, unidade de efeito, entre outros, compõem as características do conto. Há, ainda, uma diversidade de procedimentos inovadores, que não só são dispostos por meio da inserção de novas temáticas, mas frequentemente por uma escrita poética, em que tema e palavra se relacionam nos fios do texto. As teorias elencadas como fundantes de uma certa teoria do conto são de escritores que, na maioria dos casos, realizaram-na a partir da escrita de contos, isto é, partindo de suas experiências como autores de contos e, também, como leitores de outros contistas. Essas mesmas reflexões foram e vêm sendo realizadas por escritoras, que poderiam constar como teorização sobre o gênero, em levantamento urgente de ser realizado, para que possam integrar uma outra teoria.

Há um modo de escrita que a crítica nomeou de escrita feminina. Nela, o adjetivo não se refere ao fato de ser realizada por mulheres autoras, mas sim pela maneira como a escrita “se constitui em torno da ausência de representação e, ao mesmo tempo, é aquela mais capaz de suportar os excessos”⁴. Com isso, constrói-se uma dicção que traz um certo incômodo, pela forma do que é dito (escrito), e também por uma performance do que não é dito, que desloca as importâncias do enredo para “o som das palavras, a textura da voz, os contornos do ritmo, os movimentos respiratórios do texto”⁵.

Segundo Lúcia Castello Branco, a escrita feminina possui também uma relação com a memória, e com o dito gozo da linguagem, que não trabalha na ideia do preencher e satisfazer-se, mas sim apontando para algo que está além e que, por isso, não é atingido, nem se completa. Longe de ser um complemento que se relaciona à composição ou complementação de um todo percebido, preenchendo lacunas identificadas, ela aponta a própria lacuna, como perda, rasura, decomposição da imagem,

⁴ MIRANDA. *O indizível em Clarice Lispector*, p. 53.

⁵ CASTELLO BRANCO. *O que é escrita feminina?*, p. 21.

mantendo uma relação suplementar, em sentido derridiano, que causa sempre descentramento. Sobre esse descentramento, podemos pensar até no trânsito das autoras dentro de um campo literário que é, segundo as pesquisas de Regina Dalcastagnè⁶, regido, movimentado, ainda hoje, por uma maioria de autores do sexo masculino.

Vemos nesses textos, um projeto (pessoal, por vezes, coletivo) de desconstrução dos espaços sociais e culturais relegados às mulheres, o que nos aponta para fratura dos valores tradicionais conservadores da sociedade, que podem ser resumidos no machismo, misoginia e racismo, sendo um modo de resistir aos sistemas de poder (e de significação?) que dominam essa sociedade⁷, além de modos de marcar a existência.

As contistas mineiras nas antologias

As antologias, como um gênero, são importantes porque contribuem para formar e transformar o cânone⁸, pela compilação, reunião, em uma mesma publicação, de textos diversos, sob um selo comum, que pode ser tema, autoria ou mesmo o período. Esse gênero, que se configura em publicações compósitas de textos diferentes, é importante também para a publicação das alteridades, por possibilitar a congregação de autorias que normalmente não têm espaço de publicação. As escritoras mineiras publicaram em antologias, tanto de ambos os sexos quanto especificamente de escritoras, como no livro *Contos Gerais: antologia de novos contistas mineiros* (1971), coletânea que saiu pela Edições Oficina e reuniu jovens contistas mineiros que atuavam no *Suplemento Literário do Minas Gerais*; *Novos contistas mineiros* [197-]; *Mulheres e mulheres* (1978); *Ponta de lança: antologia de contos* (1979); *Concursos de contos* (1980); *Contos mineiros* (1984); *Histórias mineiras* (1984); *Contos da terra do conto* (1997); *69/2 contos eróticos* (2006); *O conto da mulher brasileira* (1978); *Retratos da escola* (2012).

Nessas antologias, publicaram as escritoras Adélia Prado, Ana Cecília Carvalho, Angela Leite de Souza, Branca Maria de Paula, Cleonice

⁶ DALCASTAGNÈ. *Literatura brasileira contemporânea*.

⁷ ALMEIDA. *Writing from the Place of the Other: the Poetic Discourse of Transgression in the Works of Virginia Woolf, Clarice Lispector and Teolinda Gersão* apud MONTEIRO. *Em função do agora*.

⁸ SERRANI. *Estudos Neolatinos*.

Rainho, Fernanda Agrelli Alves, Josemaire Rosa Nery, Luci Cléa Soalheiro, Lucienne Samôr, Maria Amélia Bracks Duarte, Maria Auxiliadora Moreira Duarte, Maria do Carmo Brandão, Maria do Carmo Volpi de Freitas, Maria Lysia Corrêa de Araújo, Maria Tereza de Castilho Jacob, Martha Azevedo Pannunzio, Neide Maria Malaquias de Carvalho, Norália Amaral de Mello Castro, Rachel Jardim, Rita Espeschit, Ruth Bueno, Sandra Lyon, Sara Lyon, Tânia Alves de Araújo, Vilma Guimarães Rosa, Virgínia Reis, Vivina de Assis Viana, e Wanda Figueiredo. Delas, as que mais tiverem contos integrando uma antologia foram Branca Maria de Paula, com seis contos, Lucienne Samôr, Martha Azevedo Pannunzio e Rachel Jardim, cada uma com três contos, e Cleonice Rainho, com dois contos, as demais publicaram apenas um. Dessas autoras, exporemos uma nota biobibliográfica das que mais publicaram contos em antologias.

Branca Maria de Paula

Nasceu na cidade de Aimoré, em 1946, tendo se mudado para Belo Horizonte na juventude. Licenciou-se em Filosofia pela UFMG e dedica-se à fotografia, tendo vários trabalhos premiados. Trabalhou na Imprensa Oficial, de 1983 a 1989, como assessora de Murilo Rubião, participando, também, da redação do *Suplemento Literário de MG*. Como fotógrafa, trabalhou no jornal *Estado de Minas*. Participou da fundação da Associação Profissional dos Escritores de MG, da qual foi vice-presidenta em 1986. Atuou como bolsista da Biblioteca Internacional da Juventude, em Munique, na Alemanha. Nessa ocasião, teve um de seus contos, “Pela primeira vez...”, traduzido para o alemão. Teve ainda seu livro de contos *Fundo infinito* traduzido para o italiano, publicado em 2008 por Vertigo Edizioni. Sua obra fez parte da bibliografia do curso *Contemporary Brazilian Prose Fiction by Women*, da *University of Colorado Boulder*.

A escritora se aventurou também no cinema, tendo escrito o roteiro do seu primeiro longa-metragem, *Kozmic Blues*, em parceria com Paulo Augusto Gomes. Colaborou também no roteiro de *O colecionador de memórias*, de José Américo Ribeiro. Em 1978, recebeu o prêmio no 3º Concurso Nacional de Contos Eróticos, com o conto “Fundo infinito”, que na época foi censurado na íntegra, o que repercutiu por todo o país,

tornando-a conhecida. Recebeu diversos outros prêmios, como a menção honrosa nos concursos da *Revista Literária da UFMG*, em 1978; no 1º Concurso de Contos da Universidade Federal de Juiz de Fora, em 1982; no prêmio Clarice Lispector do 3º Concurso de Contos de São Bernardo do Campo, em 1982; além desses, recebeu o Jabuti, em 1987, por melhor produção editorial em obras infanto-juvenis, e o III Prêmio Henriqueta Lisboa no Grande Prêmio Minas de Cultura da Secretaria de Estado da Cultura de MG. Seu primeiro livro de contos, *A mulher proibida*, foi lançado em 1990, pela editora Comunicação. Em antologias, publicou os contos: "Toca o bonde"⁹, "Linha 2902"¹⁰, "Aninha"¹¹, "No meio da palha"¹², "Uma aragem de nada"¹³, e "Pisando leve"¹⁴.

Lucienne Samôr

Escritora mineira de Conselheiro Lafaiete, participante da "Geração Suplemento", que foi uma geração de novos escritores e escritoras que trabalharam e publicaram no *Suplemento Literário do Minas Gerais*, criado em 1966 pelo escritor Murilo Rubião. Dentre as escritoras participantes, Lucienne era a única mineira. Segundo o escritor Duílio Gomes, em entrevista concedida à Eliana Nunes, Lucienne Samôr era:

Essencialmente contista, começou publicando na revista *Estória* quando chamou atenção por sua literatura forte. [...] dotada de um talento explosivo, sem lapidação – mistura de Clarice Lispector e Susan Sontag. Presa na época da ditadura, a escritora não chegou a se consagrar e teve apenas um livro [de contos] publicado, *O olho insano*, lançado em 1975 pela Interlivros. Segundo considera Sérgio Sant'Anna (1975) no prefácio do livro, a obra seria a tentativa de uma escritora que marginalizada, presa e torturada na época da ditadura, tentar a partir da escrita, "devolver ao mundo, a sociedade, o que este mundo e esta sociedade fizeram com ela desde a infância numa província cruel e sufocante. Talvez seja isso o 'Olho Insano': uma resposta" (Sant'Anna)¹⁵.

⁹ SANT'ANNA. *Histórias mineiras*.

¹⁰ CONTOS da terra do conto.

¹¹ CLAVER. *69/2 contos eróticos*.

¹² CLAVER. *69/2 contos eróticos*.

¹³ CLAVER. *69/2 contos eróticos*.

¹⁴ MACEDO. *Retratos da escola*.

¹⁵ NUNES. *Geração suplemento*, p. 81.

Sérgio Sant'Anna ainda comenta sobre a chegada do conto "O olho insano", nas mãos dos editores da revista *Estória*, dizendo que o conto parecia dotado de uma estranha força¹⁶. Nas antologias, a autora publicou os contos "O paraíso"¹⁷, "Uma fotografia ampla"¹⁸ e "Enxerto um"¹⁹.

Martha Azevedo Pannunzio

Nascida em Uberlândia, em 4 de fevereiro de 1938, graduou-se em Letras Neolatinas (Universidade Mackenzie, SP) e Artes Plásticas (Universidade Federal de Uberlândia). Foi professora de Latim, Francês e Português, durante 31 anos. Elegeu-se vereadora suplente pelo PMDB, em 1982. Em 1987, transferiu-se para o PDT, e foi eleita para uma vaga na Câmara de Vereadores de Uberlândia. Em 1988, reelegeu-se e passou a integrar a Assembleia Constituinte, que promulgou a Lei Orgânica do Município em 1990. Ela ocupa a cadeira número três da Academia de Letras do Triângulo Mineiro, tendo recebido diversos prêmios e destaques literários²⁰, como, em 1979, o 21º Prêmio Jabuti, na categoria de autora estreada em literatura infantil (Prêmio Jannart Moutinho Ribeiro), com seu livro *Veludinho*. No ano 2000, criou o programa Cerrado e Letras, em que recebe estudantes na sua fazenda para conversar sobre seus livros. Publicou, pela Editora José Olympio, as obras *Veludinho* (1978), *Os três capetinhas* (1980), *Bicho do mato* (1986), *Era uma vez um rio* (2000), *Bruxa de pano* (2002) e, pela EDUFU, *Você já viu gata parir?* (2005). Em antologias, a autora publicou os contos "Juventino"²¹, "As Ambrósias" e "História do começo do mundo"²².

¹⁶ SANT'ANNA. *O conto zero e outras histórias*.

¹⁷ SANT'ANNA. *Histórias mineiras*.

¹⁸ CLAVER. *69/2 contos eróticos*.

¹⁹ CONTOS da terra do conto.

²⁰ SANTOS. *Uma leitura crítica da obra Era uma vez um rio, de Martha Azevedo Pannunzio*, p. 16.

²¹ BORGES. *Ponta de lança*.

²² CONCURSOS de contos.

Rachel Jardim

Nasceu em Juiz de Fora e foi, em 1942, morar no Rio de Janeiro. Trabalhou como servidora pública municipal, tendo atuado na área de Patrimônio Cultural, Urbanismo e Ecologia. A escritora trocou correspondências com seu amigo o escritor Murilo Rubião, e suas cartas, hoje, integram o acervo Murilo Rubião, alocado no Acervo de Escritores Mineiros da UFMG. Em seus contos, aborda os valores morais da sociedade, questões existenciais e aspectos da vida cotidiana. Publicou quatro livros de contos: *Os anos 40: a ficção e o real de uma época* (1973), *Cheiros e ruídos* (1982), *Cristaleira invisível* (1982), *Vazio pleno: relatório do cotidiano* (1976); e três romances: *Inventário das cinzas* (1984), *O penhoar chinês* (1987, reeditado em 2005), *Num reino à beira do rio* (com Alexei Bueno, 2004). Participou de diversas antologias, como *Mulheres e mulheres* (1978), *O conto da mulher brasileira* (1978), *Muito prazer* (1980), *O prazer é todo meu* (1985), *Crônicas mineiras* (1992), *Minas de liberdade* (1992), *Belo Horizonte: a cidade escrita* (1996), *Contos de escritoras brasileiras* (2003). Nessas antologias, publicou os contos "Coração solitário" e "História de Eduarda"²³, "Cordélia, a caçadora" e "Em uso"²⁴. Os contos "As urzes da Cornualha"²⁵ e "História de amor e de fé"²⁶ foram publicados nas coletâneas organizadas por Márcia Denser. Das coletâneas da Ática publicadas em 1985, participou apenas no volume dedicado às crônicas, com os textos "Severino" e "Para onde?"²⁷. Participou também da coletânea comemorativa ao bicentenário do martírio de Tiradentes, com o conto "Tiradentes"²⁸, e na antologia *Belo Horizonte: a cidade escrita*, organizada por Wander Melo Miranda, a autora publicou o conto "Os anos 40"²⁹, e "A viagem de trem"³⁰, na antologia *Contos das escritoras brasileiras*.

²³ JARDIM. *Mulheres e mulheres*.

²⁴ STEEN. *O conto da mulher brasileira*.

²⁵ DENSER. *Muito prazer*.

²⁶ DENSER. *O prazer é todo meu*.

²⁷ SANT'ANNA. *Crônicas mineiras*.

²⁸ SANTOS; SOUZA; MIRANDA. *Minas de liberdade*.

²⁹ MIRANDA. *Belo Horizonte: a cidade escrita*.

³⁰ MIRANDA. *Belo Horizonte: a cidade escrita*.

Cleonice Rainho

Nasceu em Além Paraíba, distrito de Angustura, em 15 de março de 1919. Quando criança se mudou para Juiz de Fora. Formou-se em Letras Clássicas, foi poeta, ficcionista, cronista, jornalista e professora universitária. Começou a carreira ainda jovem, divulgando seus textos na imprensa. Em 1956 lançou seus primeiros livros: *Ternura*, uma prosa confessional em que trata da experiência da maternidade, e *Sombras e sonhos*, poesia. Em 1973, estreia na literatura infantil com *Varinha de condão*. E em 1984 publica o romance *Uma sombra nas ruas*. Constam de sua extensa obra três livros de contos: *O chalé verde* (1964), *3kms & picos* (1980) *João Mineral* (1983). Em antologias, publicou os contos “Em círculo”³¹ e “Zezé Concinha”³². Destacamos o pioneirismo do livro *O chalé verde*, de 1964, primeiro livro autoral de contos de uma escritora mineira publicado.

Em 2011, o acervo de Cleonice Rainho foi incorporado pelo Museu de Arte Murilo Mendes, onde as obras se encontram acessíveis a pesquisadores de todo o país. A escritora faleceu em 2012.

Sandra Lyon

Nascida em Alfenas, ela se formou em Medicina pela UFMG, instituição onde prosseguiu os estudos, realizando a residência médica, o mestrado e o doutorado. Professora universitária, preceptora-chefe de residência médica na área de Dermatologia, recebeu, em 2010, o título de Cidadã Honorária de Belo Horizonte. Além da atuação como médica, escreveu livros dentro de sua área de formação, além de dedicar-se à literatura, tendo publicado diversos contos na *Revista Literária da UFMG*, e obras individuais como o livro de contos *De corpo inteiro* (1976), vencedor do Prêmio Fernando Chinaglia, da União Brasileira de Escritores (UBE), e a novela *Dias de ódio* (1988). A autora publicou em antologias os contos “Malditos sejam”³³ e “O ventre da terra”³⁴.

³¹ NOVOS contistas mineiros.

³² SANT’ANNA. *Histórias mineiras*.

³³ CONTOS da terra do conto.

³⁴ SANT’ANNA. *Histórias mineiras*.

As contistas mineiras em revistas literárias

As revistas literárias são muito importantes para a publicação e circulação de novos escritores, assim como para a crítica literária. Algumas das revistas que se destacam em Minas Gerais na segunda metade do século XX – *Estória*, *Silêncio*, *Inéditos* e *Revista Literária da UFMG* – surgiram em tempos de grande movimentação artística e literária, mas pouca liberdade, haja vista a censura e a perseguição impingida pela ditadura civil-militar. Com isso, ou talvez, por isso, percebemos, nas malhas da grande maioria dos contos, uma linguagem mais cifrada, hermética, utilizando-se da força de uma palavra mais poética; em tempos e espaços mais imprecisos, com narradores, e muitas narradoras, mais descritivas das questões postas.

A revista *Estória* foi criada pelo escritor mineiro Luiz Vilela, em 24 de outubro de 1965, em plena ditadura civil-militar. Importante publicação, um sonho desse escritor que tinha, então, 22 anos, tornou-se conhecida no país, entretanto, duraria apenas seis números: 2 e 3, de 1966; o 4, em 1967; e os números 5 e 6, em 1968. Desses números, apenas no terceiro e no sexto não houve participação de escritoras, no restante, houve participação de Wanda Figueiredo, nos números 1 e 2; Lucienne Samôr, nos números 4 e 5; neste número contou-se também com a presença de contos de Maria Luíza Ramos e Terezinha Azeredo.

Silêncio, criada em 1973, também em plena ditadura, foi editada por um grupo de estudantes da FAFICH/UFMG. A revista alcançou seis números, entre 1973 e 1975, sendo que os números de 2 a 5 foram publicados no ano de 1974, e o sexto, em 1975, quando a revista foi silenciada, pela perseguição da censura³⁵. No número 1, contou com a presença de contos de Lucia Afonso e Luísa Rocha. Essas escritoras publicaram também no número 2, ao lado de Rachel Kopit. Lucia Afonso ainda publicaria no número 3, sendo este o de menor presença de escritoras. No número 4, além de Lucia Afonso e Rachel Kopit, houve publicação de Regina Neves. No número 5, publicaram Lucia Afonso, Lucia Bernardes, Regina Neves e Bety Fleury. No derradeiro, o sexto número, publicaram Lucia Afonso e Regina Neves.

³⁵ RUFFATO. *Rascunho*.

Outra revista belo-horizontina em que escritoras publicaram é a *Inéditos*. Lançada em 1976, tendo como editor Vladimir Luz e diretor Ricardo Teixeira de Salles, circulou em âmbito nacional, durando seis números. No número 1, a escritora Ana Cecília de Carvalho publicou o conto "Tartarugas". No número 2, Lucienne Samôr publicou "As últimas consequências". E no número 5, Maria Lysia Corrêa de Araújo publicou "De como um casal muito pacato e distinto da classe média foi influenciado por uma tela de Goya, causando espanto nos meios familiares-sociais-políticos-médicos-lítero-musicais-etc. etc.", e Sônia Roedel publicou "Apenas um convite".

No ano de 1966, surgiu uma importante revista de grande alcance nacional e internacional, a *Revista Literária da UFMG*, que durou mais de trinta anos, e por onde passaram importantes escritores e escritoras em seus primeiros escritos. Sendo uma revista idealizada por estudantes da universidade, ela foi porta-voz dos desejos e inquietações de jovens brasileiros da segunda metade do século XX. A primeira contista de um total de 45 escritoras a publicar nessa revista foi Elisa Maria Pereira, com o conto "Semifácio", publicado em 1967. O conto trata da descoberta do tempo, das distâncias, e, com isso, como se dão as dúvidas, a curiosidade. O personagem principia a descobrir o cerne de toda a realidade, normalmente articulada em uma vida sem grandes questionamentos, e passa a inquirir sobre o que é a vida e seus modos de opressão, traduzindo em palavra os sentimentos, sobretudo o desejo, e estes em ação.

No número 4, em 1969, estão presentes as escritoras Beatriz Chaves, com o conto "João Ninguém", e Maria Cecília de Oliveira, com "Submundo". Escritoras voltariam a publicar no número 6 da revista, em 1971, com a participação de Maria das Graças Silva, com o conto "Ronda", e Sandra Lyon, com os contos "O velho, de partida" e "Uma vez no sótão". Esta é a que mais publicou contos na revista, tendo quinze textos publicados, entre 1971 e 1983. Outras dezessete escritoras publicaram mais de um conto. São elas: Ana Maria de Almeida, com oito textos publicados (1974, 1975, 1977, 1978, 1979, 1980, 1981, 1983); Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva, com seis (1989, 1990, 1991, 1992, 1994, 1996); Maria do Carmo Brandão, com cinco (1979, 1980, 1982, 1988); Eunice Dutra Galery (1978, 1979, 1980, 1982) e Magda Velloso Fernandes de Tolentino (1988, 1989, 1991, 1992), cada uma com quatro contos; Ângela Cançado

Lara Resende (1976, 1979, 1980), Elvira Maria Caetano Pereira (1994), Jussara Santos (1994), Lúcia Castelo Branco (1975, 1976, 1977), Maria do Espírito Santo Gontijo (1985), Regina Neves (1972, 1973, 1976), Terezinha Taborda Moreira (1989) e Venus Brasileira Couy (1988, conto republicado em 1989 juntamente com outros dois inéditos), com três textos inéditos; e Ana Cristina Fernandes Moraes Cavalcanti (1989), Branca Maria de Paula (1978, assinando com o sobrenome Xavier, 1982), Denise Costa de Almeida (1991, 1992) e Gracia Regina Gonçalves (1985), com dois contos. As escritoras cuja contribuição se deu com um conto: Adalgisa Botelho de Mendonça (1991); Ana Cecília Carvalho (1973); Beatriz Chaves (1969); Elisa Maria Pereira (1967); Gabriela Arciniegas (1975); Gabriela G. Gazzinelli (2002); Guiomar de Grammont (1990); Ilka Valle de Carvalho (1990); Jacira Meneghello Delvivo (1992); Márcia Ramalho (1972); Maria Beatriz Mac Dowell da Costa (1983); Maria Cecília de Oliveira (1983); Maria das Graças Silva (1971); Maria do Carmo de Carvalho (1981); Maria Esther Maciel de Oliveira (1983); Maria José Somerlate Barbosa (1980); Maria Lúcia Silva Couto (1976); Melânia Silva de Aguiar (1981); Miriam L. Moreira Leite (1968); Mônica de Catella Noronha (1972); Raísa Maria dos Santos Lage (1981); Rita Espeschit (1988); Sandra Duarte Penna (1982); Sônia Queiroz (1982); Stela Cardoso de Carvalho (1972).

É notável a edição número 21, de 1989, que contou com a presença expressiva de contistas mulheres, com onze contos publicados. No concurso, os três primeiros lugares ficaram com as escritoras, respectivamente, Ana Cristina Fernandes Moraes Cavalcanti, com o conto "Odaliscas"; Venus Brasileira Couy, com o conto "Coração-mortalha"; e Terezinha Taborda Moreira, com o conto "Amorchx". Elas ainda publicaram, na mesma edição, outros contos: "O rosto", da primeira colocada; "As camisolas azuis de um delirante ofício" e "A mulher exilada", da segunda colocada; e, da terceira colocada, "Retrato em branco e preto" e "Lolita, meu amor". Na mesma edição, fora do concurso, são publicados os contos "Fantasia de uma mulher casada", de Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva; "O salto", de Tânia Diniz; e "A viagem", de Magda Velloso Fernandes de Tolentino.

Jussara Santos³⁶, escritora negra³⁷, após sua estreia na *Revista Literária da UFMG*, publicou os seguintes livros autorais: de contos, *De flores artificiais* (2002) e *Com afagos e margaridas* (2006); e narrativas infanto-juvenis: *Indira* (2009) e *Crespim* (2013); e de poemas, *Samba de santos* (2015). Ganhadora dos prêmios do Concurso de Poemas Rosas de Abril – UFMG/1993, e do 25º concurso de contos, poemas e ensaios da referida *Revista Literária*, em 1993, publicou na edição de 1994 três contos: “Um primeiro instante”; “Do jogo e das peças” e “Arlequim, Arlequim”. Os contos têm uma narradora, e são muito imagéticos e descritivos, todos com o uso de uma palavra com força poética, em enredos que tratam sobre personagens mulheres. No primeiro, vemos uma escritora e sua rotina de vida, que passa a ser também uma vida literária, isto é, dedicada às questões da escrita, numa tessitura que não obedece à dinâmica do preenchimento e da satisfação, mas aponta para algo que está adiante, algo que nunca é atingido, algo que não se completa, não se satisfaz³⁸. Nos primeiros parágrafos a narradora descreve o ambiente em que a narrativa se passa, um apartamento pequeno “Quarto conjugado com banheiro, sala, cozinha”, no qual a personagem gostava de sentar-se à “janela e olhar a chuva ou o rio”. O apartamento pequeno não dá conta do corpo que em transe dança pela sala ao som da música da vitrola e, nesse movimento, “a sala parece menor, o corpo dela parece menor. Na vitrola a música aumenta e o corpo cai. Ela ri ‘embriagadamente’ e estremece com o último acorde. O chão está frio, ela adormece”³⁹. E, como quem diz que a vida em si não basta, se despede de nós, os leitores, com

³⁶ Para saber mais sobre a escritora, acessar o portal *Literafro*, em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/548-jussara-santos>.

³⁷ Das contistas mineiras que não aparecem no levantamento, não podemos nos esquecer de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Cidinha da Silva, Madu Costa e Patrícia Santana, que também escreveram e publicaram outros gêneros literários. Carolina, a primeira contista negra mineira; Conceição, contista que, antes dos seus livros autorais, publicou na mais duradoura coletânea de escritores e escritoras negras, a série *Cadernos Negros*; dentre seus treze livros autorais, três são de contos; Madu e Patrícia, que se dedicam à literatura infantil, dentro do que nomeamos livros-contos. Ver estas e outras informações no ensaio “As negras e os negros no conto mineiro: de personagens a autores”, publicado nesta coletânea, p. 39-57.

³⁸ CASTELLO BRANCO. *O que é escrita feminina?*

³⁹ SANTOS. *Revista literária*, p. 23.

a pergunta: “Como será que se sente a personagem quando o autor termina o livro ou o leitor fecha-o na estante?”.⁴⁰

No conto “Do jogo e das peças” há um jogo de sedução e conquista, um jogo erótico, a partir das jogadas de uma partida de xadrez “o tabuleiro de xadrez sobre o piano. Jogo de cartas tarô duas peças em separado”. A narrativa se desenrola a partir do ponto de vista da mulher, sem temor de desejar, de lançar o movimento, dona de seu desejo, o começo e todo o jogo. “[...] o gosto gostoso da conquista esse tocar e roçar de boca na maçã. Veridiana nunca soube. Ver Diana difícil fácil tarefa. Certas tentativas são de longa trajetória e muitas vezes se realizam em meio a total silêncio”, contudo, “o homem não se rende facilmente” e “Ela também não”⁴¹. E o jogo vai ganhando seus contornos “rei mais rainha, rainha sobre rei” e o xeque-mate vem da negação da cultura misógina, herança do invasor-colonizador-cristão, na qual o pecado tem a mulher como origem, no entanto na escrita de Jussara Santos a “Lilith fez seu próprio paraíso”⁴².

“Arlequim, Arlequim” é o drama de uma moça (Colombina?), atriz e espectadora de seu teatro, cujo enredo era o desafio de sobreviver à morte. Interessante é a preocupação da personagem em relação ao outro: quem limparia a sujeira provocada pela morte. A personagem, contudo, se joga da sua janela como que em um balé e segue “sobrevoando a cidade”. O conto é encerrado com a indagação: “Quem estaria preparado para morrer?”⁴³ Nesse caminho, poderíamos nos perguntar: “Quem estaria preparado para viver num mundo que produz morte?”.

A última escritora a publicar conto na *Revista Literária da UFMG* foi Gabriela G. Gazzinelli, que publicou “O sopro”, premiado no concurso de contos da última edição, em 2002. Nesse conto, a imaginação onírica invade a psiquê da personagem, uma mulher em um prostíbulo, para criar formas e seres de modo que consiga aguentar o peso da realidade e a dor que as circunstâncias lhe causam. Como condições de sua sobrevida, definindo em uma metamorfose, com a contribuição dos

⁴⁰ SANTOS. *Revista literária*, p. 25.

⁴¹ SANTOS. *Revista literária*, p. 26.

⁴² SANTOS. *Revista literária*, p. 27.

⁴³ SANTOS. *Revista literária*, p. 28.

homens que por ali passam, ela esculpia em pedra. A primeira imagem esculpida, o que ela tinha como ícone de amante, o unicórnio, à medida que ficava mais viva, com a vividez da carne, ela ia se consumindo, tornando-se pálida como o mármore. Nessa atividade, seus olhos se petrificaram e ela passou a enxergar por meio de imagens da memória. Naquele mundo onírico, as pessoas a sua volta eram percebidas por ela como uma rocha em processo de atividade escultural; no horizonte, um bosquejo, em carvão, como um estudo para desenhos; tudo isso como efeito de uma realidade violenta e abusiva.

Considerações finais

Textos de autoria feminina são, ainda hoje, menos publicados do que os de autoria masculina e isso se deve a uma sociedade estruturada a partir da desigualdade de gênero, perpassando também pela questão racial e social. Essa desigualdade reverbera no mercado editorial, principalmente o das grandes editoras, que acabam publicando mais homens do que mulheres. Entretanto, como um caminho de visibilidade das contistas mulheres é a integração delas em coletâneas, tanto em reunião de contistas de ambos os sexos, quanto em iniciativas de publicação de coleções específicas de textos de autoria feminina, que aumentam fortemente a partir da década de 1970, além da importância dos periódicos literários para a publicação e circulação de textos de mulheres escritoras, de maneira a desafinar (e também desafiar) o coro do *status quo* dominante.

Esse quadro de desigualdade está em processo de modificação, haja vista a crescente circulação de livros de autoria feminina, frequentemente editados por mulheres, proprietárias de casas editoras ou integrantes dos conselhos editoriais. Contudo, a estrada ainda é longa, posta a necessidade de desconstrução de uma historiografia literária construída por e a partir de sujeitos brancos, heterossexuais, ricos, cristãos, e por aí vai... Cabe, também, dizer sobre a necessidade de intensificar a circulação desses escritos, tanto em trabalhos como este, como também na formação de novas leitoras e leitores, bem como escritoras e escritores, estas e estes que estão não só na academia, mas também nas salas de aula das escolas de educação básica, nos saraus que tomam conta das cidades, nos transportes coletivos indo e voltando do trabalho.

Referências

- ALMEIDA, Sandra. *Writing from the Place of the Other: the Poetic Discourse of Transgression in the Works of Virginia Woolf, Clarice Lispector and Teolinda Gersão*. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade do Norte da Califórnia, Chapel Hill, 1994.
- BORGES, Joaquim (Org.). *Ponta de lança*: antologia de contos. Uberaba: Juruna, 1979.
- CASTELLO BRANCO, Lúcia. *O que é escrita feminina?*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- CLAVER, Ronald (Org.). *69/2 contos eróticos*. Belo Horizonte: Leitura, 2006.
- CONCURSOS de contos. Uberlândia: Departamento de Letras, 1980.
- CONTOS da terra do conto. 2. ed. Apresentação de Nádia Battella Gotlib. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.
- CONTOS Gerais: antologia de novos contistas mineiros. Belo Horizonte: Edições Oficina, 1971.
- CONTOS mineiros. São Paulo: Ática, 1984.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea*: um território contestado. Vinhedo: Editora Horizonte; Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.
- DENSER, Márcia (Org.). *O prazer é todo meu*. Rio de Janeiro: Record, 1984.
- DUARTE, Constância Lima. Arquivos de mulheres e mulheres anarquizadas: histórias de uma história mal contada. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 30, p. 63-70, 2007.
- GOULART, Fernanda; BRANDÃO, Luis Alberto (Org.). *Revista Literária da UFMG*: 50 anos. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2016.
- JARDIM, Rachel (Org.). *Mulheres e mulheres*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- MACEDO, Adriano (Org.). *Retratos da escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- MIRANDA, Ana Augusta. *O indizível em Clarice Lispector*: uma leitura em interface com a psicanálise. Vitória: Edufes, 2013.
- MIRANDA, Wander Melo (Org.). *Belo Horizonte*: a cidade escrita. Belo Horizonte: Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais; Editora UFMG, 1996.
- MONTEIRO, Rebecca. *Em função do agora*: aproximações entre literatura e política em Clarice Lispector. 2008. 216 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- NOVOS contistas mineiros. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, [197-]. (Série Contos).
- NUNES, Eliana Mirian Ferreira. *Geração suplemento*: memória e representação cultural. 2012. 133 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2012.
- PRADA, Cecília; DENSER, Márcia. *Muito prazer*: contos eróticos femininos. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.
- RUFFATO, Luiz. Revistas literárias em Belo Horizonte. *Rascunho*, n. 119, jan. 2012.
- SANT'ANNA, Afonso Romano de. *Crônicas mineiras*. São Paulo: Ática, 1984.
- SANT'ANNA, Afonso Romano de. *Histórias mineiras*. São Paulo: Ática, 1984.
- SANT'ANNA, Sérgio. *O conto zero e outras histórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SANTOS, Angelo Oswaldo de Araujo.; SOUZA, Eneida Maria de.; MIRANDA, Wander Melo. *Minas de liberdade*. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa; Secretaria da Cultura, 1992.

SANTOS, Sonia Marta Dantas dos. *Uma leitura crítica da obra Era uma vez um rio, de Martha Azevedo Pannunzio*. 2009, 235 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2009.

SERRANI, Silvana. Antologia: escrita compilada, discurso e capital simbólico. *Alea: Estudos Neolatinos*, v. 10, n. 2, p. 270-287, jul./dez. 2008.

STEEN, Edla Van. *O conto da mulher brasileira*. 3. ed. São Paulo: Global, 2008.

Os pioneiros do conto mineiro

Olívia Almeida

No cenário brasileiro, Minas Gerais é o estado responsável por lançar importantes nomes na literatura, em especial contistas: os do passado, nossos primeiros representantes no gênero, e também os mais recentes, revelados na segunda metade do século XX. Além dos vários contistas ainda pouco conhecidos com suas produções independentes.

As letras mineiras contribuíram bastante para a produção literária brasileira no século XIX, revelando, de acordo com as nossas pesquisas, cerca de 160 contistas publicados em antologias nacionais. No século XX, Minas conquistou um espaço no cenário do conto, trazendo a público, como aponta o antologista Edgard Cavalheiro em *O conto mineiro*, importantes nomes como Carlos Drummond de Andrade e João Guimarães Rosa, que contribuíram para o auge do modernismo no Brasil. Entre a segunda metade do século XX e a contemporaneidade, ressaltam-se nomes como Abgar Renault, Cyro dos Anjos, Murilo Rubião, Affonso Romano de Sant'Anna, Murilo Mendes, Otto Lara Resende, Fernando Sabino, Henriqueta Lisboa e Adélia Prado. Entretanto, muitos desses autores são conhecidos apenas como poetas, e suas produções de contos acabam não ganhando visibilidade.

Tristão Athayde, importante crítico literário, afirma que "um dos traços mais marcantes do conto mineiro é a sua tendência a universalidade"¹, englobando diversos temas, além da forte presença

¹ CAVALHEIRO. *O conto mineiro*, p. 1.

do regionalismo. A riqueza da produção de curtas histórias nas letras mineiras apresenta um grande e homogêneo grupo de cultores do conto. Assim, “o gênero floresce em Minas com um brilho e uma qualidade raramente encontráveis em outras regiões”².

Até o aparecimento de Bernardo Guimarães, o conto em Minas era desconhecido, quase inexistente. Nessa época, as publicações literárias circulavam por meio de periódicos e de correspondências manuscritas entre os escritores. Embora as publicações em formato de livro ainda não tivessem se estabelecido nas Minas Gerais, as publicações periódicas tinham grande importância e utilidade. Juliane Matarelli, no artigo “Panorama da edição de livros em Minas Gerais: de 1806 aos dias atuais”, publicado no primeiro volume da *série Editoras mineiras*, destaca que Minas Gerais “tem suas primeiras publicações literárias divulgadas por meio de volantes e periódicos rodados nas oficinas tipográficas que começavam a surgir”³.

Muitos contistas mineiros foram reconhecidos e publicados em antologias mineiras e brasileiras. Entretanto, poucos deles tiveram seus livros autorais de contos publicados nos séculos XIX e XX. Entre os pioneiros do conto mineiro com livros autorais publicados, destacamos o singular escritor ouro-pretano Bernardo Guimarães. O contista nasceu em 15 de agosto de 1825 e faleceu em 1884, aos 58 anos, é patrono da cadeira quinze na Academia Mineira de Letras e da cadeira cinco na Academia Brasileira de Letras, por sua importante contribuição na literatura e na cultura brasileiras⁴. Bernardo Guimarães tornou-se conhecido pelo romance *A escrava Isaura*, publicado pela primeira vez em 1875, pela Garnier. Em 1976, a narrativa abolicionista foi adaptada para a televisão no Brasil pela *Rede Globo* e, em 2014, pela *Record TV*, e também fez sucesso em centenas de países. Quatro anos antes de publicar o romance, em 1871, Guimarães lançara, pela mesma editora, o seu primeiro livro de contos, *Lendas e romances*, com os contos “Uma história de quilombolas”, “A garganta do inferno” e, o seu conto mais famoso, “A

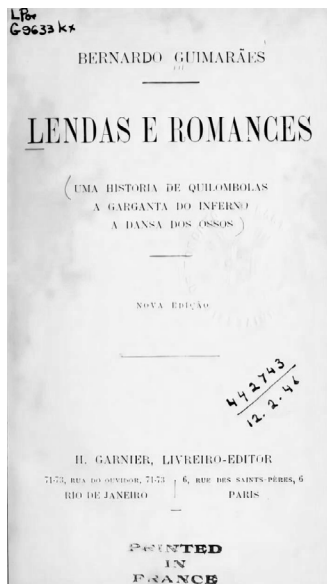
² CAVALHEIRO. *O conto mineiro*, p. 3.

³ MATARELLI. *Panorama da edição de livros em Minas Gerais: de 1806 aos dias atuais*, p. 18.

⁴ O patrono é uma personalidade que marcou a literatura e a cultura brasileira.

dança dos ossos". Este é o conto mais publicado do autor, estando presente em todas as antologias de contos.

Alguns anos depois, em 1879, ainda pela Garnier, o autor lança um novo livro, que reúne o romance *A ilha maldita* e o conto "O pão de ouro", dividido em seis capítulos. Os contos publicados por Bernardo Guimarães eram longos e muitas vezes divididos em capítulos, como é o caso de "A dança dos ossos", que tem quatro capítulos.

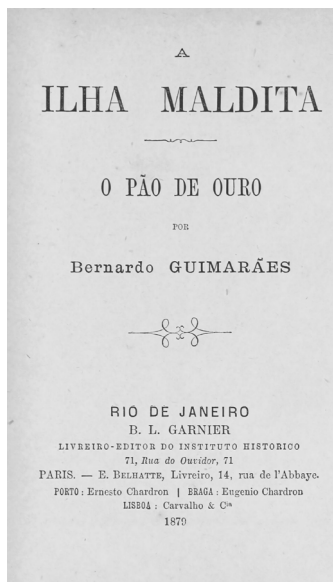


Folha de rosto do livro *Lendas e romances*, de Bernardo Guimarães.

Fonte: INTERNET Archive.

Disponível em: <https://archive.org/details/lendaseromances00guimuoft>.

Acesso em: 28 out. 2019.



Folha de rosto do livro *Ilha maldita*, de Bernardo Guimarães.

Fonte: BIBLIOTECA Brasileira

Guita e José Mindlin. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3079>. Acesso em: 28 out. 2019.

O segundo autor a publicar livros de contos em Minas foi Nelson Coelho de Senna, intelectual mais conhecido por sua atuação política como parlamentar – na implantação das ferrovias em Minas – e por sua pesquisa etnográfica sobre a contribuição dos indígenas e dos negros africanos na formação do povo brasileiro. Nelson de Senna foi fundador da

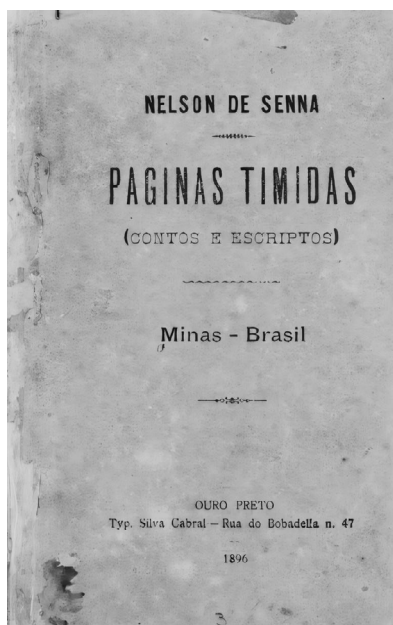
cadeira 36 da Academia Mineira de Letras, além de um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, de São Paulo, do Rio de Janeiro, do Paraná, do Ceará e da Paraíba. Nascido na cidade do Serro, em 11 de outubro de 1876, faleceu em Belo Horizonte, em 2 de junho de 1952.

Em comemoração aos cem anos do nascimento do escritor, em 1976, o *Suplemento Literário*⁵ publicou o conto “José da fé”, publicado pela primeira vez no livro *Contos sertanejos*, que o autor assina com o pseudônimo de Pelayo Serrano, pela Typographia Universal, na cidade do Porto, em 1902⁶. Antes disso, ainda no final do século XIX, mais exatamente em 1896, Nelson de Senna havia publicado, em Ouro Preto, pela Gráfica Silva Cabral, uma coletânea de contos e outros escritos literários, intitulada *Páginas tímidas*. Em 1893, como estudante secundarista em Diamantina, dirigiu o jornal quinzenal *O aprendiz* e, quando estudante do curso de Direito em Ouro Preto, dirigiu o jornal *A Academia*. O Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte possui os dois livros de contos, que integram o arquivo pessoal de Nelson de Senna.

O livro *Páginas tímidas* contém quinze contos e cinco fragmentos. O livro *Contos sertanejos: lendas e fragmentos* está organizado em duas partes: na primeira, “Lendas e fragmentos”, há doze contos, e na segunda, “Esboços e fantasias”, há 29 fragmentos.

⁵ SUPLEMENTO Literário, v. 11, n. 529, p. 11.

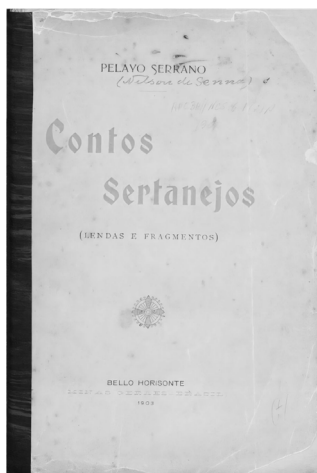
⁶ Embora, na capa do livro *Contos sertanejos*, a cidade de Belo Horizonte apareça como o local de publicação, antes da folha de rosto (no local onde estaria a página de créditos) consta o local da impressão: “Porto, Typographia Universal (a vapor), de Antonio Figueirinhas. T. de Cedofeita, 56. 1902”. Após a folha de rosto, o autor acrescenta ainda uma “advertência” ao leitor: “Pede-se a indulgencia (*sic*) do leitor para os possíveis erros e faltas typographicas (*sic*) deste livro, composto em Portugal, e, portanto, inteiramente fora das vistas e cuidados da revisão do Auctor (*sic*)”.



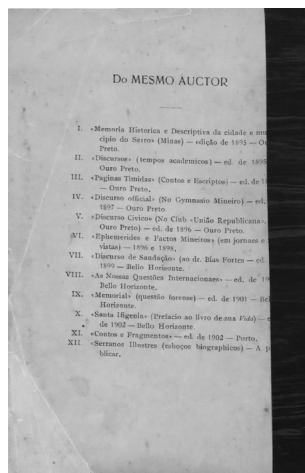
Folha de rosto do livro *Páginas tímidas*, de Nelson Coelho de Senna.

Fonte: reprodução feita pela autora a partir do exemplar do APCBH (Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte).

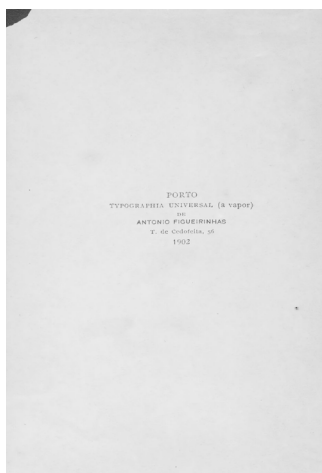
Nas páginas iniciais do livro *Páginas tímidas*, na seção intitulada “Do mesmo auctor”, ainda consta o livro *Contos leves: obra inédita*. Não encontramos essa publicação, mas podemos supor que seja o livro publicado posteriormente sob o pseudônimo de Pelayo Serrano, *Contos sertanejos*. Uma curiosidade a respeito do livro *Contos sertanejos*: na folha de rosto está impressa a data 1902, entretanto, na capa, o livro é datado de 1903; o prefácio é datado de julho de 1902 e a última página de contos do livro de outubro de 1901. Na quarta capa, na lista de publicações “Do mesmo autor”, há menção à obra *Contos e fragmentos*, uma edição de 1902, publicada no Porto. Também não identificamos essa obra, mas acreditamos que seja o próprio livro *Contos sertanejos: lendas e fragmentos*.



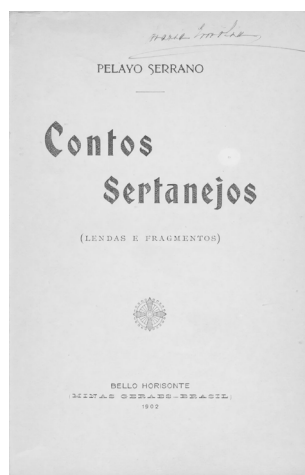
Capa do livro *Contos sertanejos*, de Pelayo Serrano.
Fonte: digitalização feita pelo APCBH.



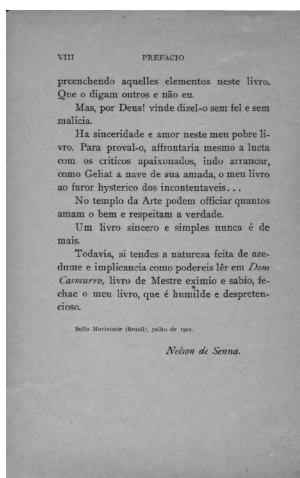
Quarta capa.
Fonte: digitalização feita pelo APCBH.



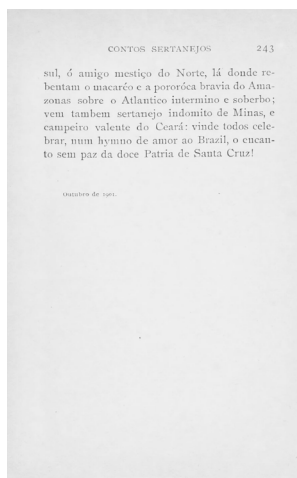
Paratexto.
Fonte: digitalização feita pelo APCBH.



Folha de rosto.
Fonte: digitalização feita pelo APCBH.



Prefácio.
Fonte: digitalização
feita pelo APCBH.



Última página.
Fonte: digitalização
feita pelo APCBH.

Os primeiros livros autorais de contos foram impressos em tipografias. Os livros de Guimarães foram editados e impressos pela famosa Livraria Garnier, dos irmãos franceses Auguste e Hippolyte, localizada no Rio de Janeiro, que esteve em atividade entre os anos de 1844 e 1934. Um dos livros de Nelson de Senna, *Páginas tímidas*, foi impresso na Typographia Silva Cabral, localizada na "Rua do Bobadella, n. 47", na cidade de Ouro Preto, como consta na folha de rosto do livro. *Contos sertanejos* foi impresso na Typographia Universal, de Antonio Figueirinhas⁷, na cidade do Porto, em Portugal.

Importante também destacar que "a primeira aparição do negro como personagem no conto mineiro se deu no texto 'Uma história de Quilombos', que é o primeiro conto do livro *Lendas e romances*, de Bernardo Guimarães"⁸. O intelectual mineiro Nelson de Senna foi o segundo autor

⁷ Antonio Figueirinhas, além do "seu" jornal, intitulado *O Meu Jornal*, também possuía uma editora, uma tipografia e uma livraria na cidade de Porto. BARREIRA. Antônio Figueirinhas, um empresário da educação no alvorecer da República Portuguesa. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312819245_ARQUIVO_TrabalhoCompleto-versaofinalrevisada-LuizCarlosBarreira.pdf. Acesso em: 28 out. 2019.

⁸ TANUS. De personagens negras à autoria negra no conto mineiro, p. 72. O ensaio de Gustavo Tanus, publicado inicialmente na revista *BRASIL/BRAZIL*, em 2018, integra também esta antologia sobre o conto em Minas como "As negras e os negros no conto mineiro: de personagens a autores" (Cf. p. 39). Grifos do autor.

a retratar a figura do negro em seus contos, dos quais podemos destacar “Pedro Cabinda”, uma histórica trágica de um escravizado fiel ao senhor.

Entre os pioneiros na publicação de contos em Minas, devemos incluir João Alphonsus de Guimaraens, contista mineiro que mais publicou livros autorais. O autor nasceu em Conceição do Mato Dentro, em 6 de abril de 1901, e faleceu na capital mineira em 23 de maio de 1944, aos 43 anos, vítima de uma septicemia. O contista, que também foi advogado, jornalista, poeta, promotor de Justiça e procurador-geral do Estado, era o primogênito do grande poeta Alphonsus de Guimaraens e irmão do poeta Alphonsus de Guimaraens Filho.

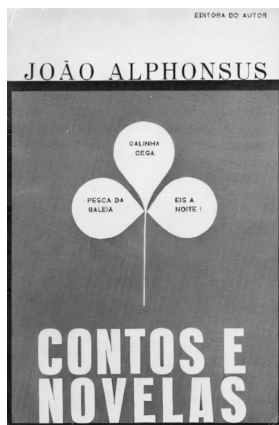
Ainda jovem, em 1922, trabalhou no Porto de Ponta d’Areia, na Bahia, quando escreveu o conto “A pesca da baleia”. “O gosto pela literatura foi-lhe inspirado pelo pai, que enviou seu primeiro conto, ‘Guaraci’, para um jornal de Belo Horizonte”. Publicou poemas, romances, novelas e crítica literária, “mas era como contista que o autor se sentia mais realizado”⁹. Ganhou o Prêmio Machado de Assis da Companhia Editora Nacional com o romance *Totônio Pacheco*, em 1934, e o Prêmio da Academia Brasileira de Letras, em 1938, pelo romance *Rola-Moça*.

Seu primeiro livro, *Galinha cega*, publicado em 1931 pela editora belo-horizontina Amigos do Livro, continha quatro contos: “Galinha cega”, “Oxicianureto de mercúrio”, “Godofredo e a virgem” e “O homem na sombra ou a sombra no homem”. Dez anos depois, em 1941, publicou *Pesca da baleia*, com seis contos: “Pesca da baleia”, “Morte burocrática”, “Uma história de Judas”, “O guarda-freios”, “O imemorial apelo” e “Sardanapalo”. Um ano depois, em 1942, tornou-se membro da Academia Mineira de Letras, ocupando a cadeira nove. Publicou ainda, em 1943, *Eis a noite!*, livro de contos e novelas vencedor de um concurso promovido pelo jornal *Folha Carioca*, como o melhor do gênero naquele ano. A coletânea trazia oito contos: “Eis a noite!”, “Mansinho”, “Foguetes ao longe”, “A noite do conselheiro”, “O mensageiro”, “O guerreiro”, “A ordem final” e “O caracol”.

A obra de João Alphonsus é marcada pela dor existencial e seus contos apresentam um forte caráter social. Nas palavras do poeta e amigo

⁹ DUARTE. *Dicionário biobibliográfico de escritores mineiros*, p. 194.

Carlos Drummond de Andrade, o contista criou “uma literatura humana, terrivelmente humana, miudamente, dolorosamente humana”¹⁰.



Contos e novelas, de João Alphonsus.
Fonte: Suplemento Literário, n. 1362, 2015.

Um nome pouco conhecido na literatura, mas que está entre os pioneiros em Minas, é Francisco Inácio Peixoto. O contista nasceu em Cataguases, em abril de 1909, e faleceu em janeiro de 1986. Com uma produção literária um pouco tímida, o autor é mais conhecido por sua atuação na área das artes e da arquitetura. Francisco Inácio Peixoto foi um dos mais importantes articulistas da revista *Verde*, criada por um grupo de escritores em Cataguases na década de 1920 e que durou cerca de dois anos (1927-1929). Com o “objetivo explorar e difundir o Modernismo e o nacionalismo brasileiro”, a revista “conseguiu estabelecer certa originalidade e independência dos estilos e modos literários relacionados ao movimento modernista brasileiro, inovando, desse modo, na linguagem e na temática”¹¹. Além de escritor, foi industrial, fazendeiro e advogado, e sempre se envolveu e financiou importantes manifestações culturais de Cataguases. Entre suas obras, encontramos o livro de poemas *Meia pataca*, publicado em 1928, o romance *Passaporte proibido*, publicado em 1960, e três livros de contos. O autor estreia nos contos com a obra *Dona Flor*, publicada em 1940, pela editora carioca Irmãos Pongetti. Vinte anos

¹⁰ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Passeios na ilha: divagações sobre a vida literária e outras matérias*, p. 169-170 *apud* DUARTE. Dicionário biobibliográfico de escritores mineiros, p. 195.

¹¹ SANTOS. *Verde: a revista modernista do interior mineiro*. Disponível em: <https://blog.bbm.usp.br/2018/verde-a-revista-modernista-do-interior-mineiro/>. Acesso em: 28 nov. 2019.

depois, em 1960, o autor publica *A janela*, também no Rio de Janeiro, pela Editora do Autor. Em 1982, é publicado pela editora Civilização Brasileira, em São Paulo, a coletânea *Chamada geral*.



Obras de Francisco Inácio Peixoto.

Fonte: JOAQUIM Branco Ribeiro Filho.

Disponível em: <https://joaquimbranco.blogspot.com/2015/04/perfil-dos-verdes-cataguases-1927-5.html>. Acesso em: 28 out. 2019.



Obras de Francisco Inácio Peixoto.

Fonte: JOAQUIM Branco Ribeiro Filho.

Disponível em: <https://joaquimbranco.blogspot.com/2015/04/perfil-dos-verdes-cataguases-1927-5.html>. Acesso em: 28 out. 2019.



Obras de Francisco Inácio Peixoto.

Fonte: ESTANTE Virtual.

Disponível em: <https://joaquimbranco.blogspot.com/2015/04/perfil-dos-verdes-cataguases-1927-5.html>. Acesso em: 28 out. 2019.

Na década de 1950, Otto de Oliveira Lara Resende, que já era conhecido pelo seu trabalho como jornalista, inicia a sua carreira literária como contista. O autor nasceu na cidade de São João del-Rei, em maio de 1922, e faleceu no Rio de Janeiro, em dezembro de 1992. Formou-se em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais e foi jornalista colaborador nos jornais *O Globo*, *Zero Hora* e *Folha de S. Paulo*, além de outros periódicos de menor expressão. Em 1979, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras, para a cadeira 39, sendo recebido por Afonso Arinos de Melo Franco. Fundou com Rubem Braga e Fernando Sabino, entre outros amigos, a Editora do Autor, por onde publicou alguns de seus livros. Junto com os amigos Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Hélio Pellegrino, Otto Lara Resende fundou também um grupo de intelectuais, batizado como “os quatro mineiros de um íntimo apocalipse”.

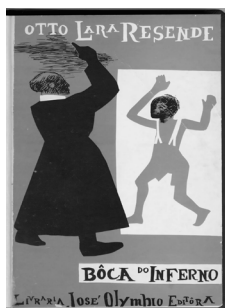
O contista estreou na ficção em 1952 com o livro *O lado humano*, sobre temas do cotidiano, publicado no Rio de Janeiro pela editora A Noite. Cinco anos depois, em 1957, publicou *Bôca do Inferno*, pela editora carioca José Olympio, em que aborda o universo infantil em sete histórias

nas quais é mostrada a complexidade psicológica da criança. Em 1962, o autor publica pela Editora do Autor, no Rio de Janeiro, o livro de contos *O retrato na gaveta*. Em 1964, escreveu o conto “A cilada”, que trata da avareza, para a coletânea *Os sete pecados capitais*, publicada pela editora Civilização Brasileira, da qual participaram também Guimarães Rosa, Mário Donato e Carlos Heitor Cony, entre outros contistas. Mais de dez anos depois, em 1975, foi publicado, pela editora Rocco, no Rio de Janeiro, *As pompas do mundo*. Seu último livro de contos, intitulado *O elo partido e outras histórias*, foi publicado pela editora Ática, de São Paulo, em 1991, um ano antes de sua morte.



Capa do livro *O lado humano*.

Fonte: Otto Lara Resende (1922-1992). Portal da Crônica Brasileira. Disponível em: <https://cronicabrasileira.org.br/autores/5895/otto-lara-resende>.



Capa do livro *Bôca do inferno*.

Fonte: Otto Lara Resende (1922-1992). Portal da Crônica Brasileira. Disponível em: <https://cronicabrasileira.org.br/autores/5895/otto-lara-resende>.

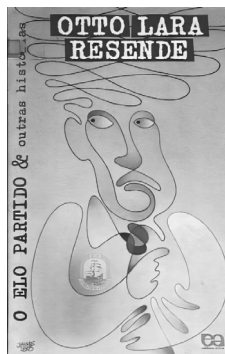


Capa do livro *O retrato na gaveta*.

Fonte: Otto Lara Resende (1922-1992). Portal da Crônica Brasileira. Disponível em: <https://cronicabrasileira.org.br/autores/5895/otto-lara-resende>.



Capa do livro *As pompas do mundo*. Fonte: Otto Lara Resende (1922-1992). Portal da Crônica Brasileira. Disponível em: <https://cronicabrasileira.org.br/autores/5895/otto-lara-resende>.



Capa do livro *O elo partido & outras histórias*. Fonte: Otto Lara Resende (1922-1992). Portal da Crônica Brasileira. Disponível em: <https://cronicabrasileira.org.br/autores/5895/otto-lara-resende>.

Como pioneira do conto escrito por mulher, devemos destacar Cleonice Rainho, nascida em Angustura, distrito da cidade de Além Paraíba, em 15 de março de 1915, e falecida em maio de 2012, aos 97 anos. Formou-se em Letras Clássicas e foi professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. Sua entrada no mundo da literatura se deu por colaborações em jornais da cidade, como o *Gazeta Comercial* e o *Diário Mercantil*. A autora publicou cerca de trinta obras entre livros, antologias e ensaios. Seu único livro de contos, intitulado *O chalé verde*, foi publicado pela editora Irmãos Pongetti, em 1964, no Rio de Janeiro.

A contista e ensaísta marcou a cultura e as letras de Juiz de Fora não somente por sua vasta produção, mas também pelas instituições que fundou e das quais participou, como a Associação de Cultura Luso-Brasileira e o Conselho Estadual de Educação de Minas Gerais. Recebeu diversos prêmios, como: Prêmio Cidade de Belo Horizonte, Prêmio Othon Bezerra de Mello, Prêmio Academia Mineira de Letras, Prêmio João Alphonsus Guimaraens da Secretaria do Estado de Educação de Minas Gerais, entre outros prêmios fora do estado mineiro (no Rio de Janeiro, em Pernambuco e também em Portugal).



O chalé verde, de Cleonice Rainho.
Fonte: ESTANTE Virtual. Disponível em: <https://bityli.com/T5G3Q>. Acesso em: 28 out. 2019.

O mineiro José Márcio Penido também foi um dos pioneiros do conto, entretanto, pouco se sabe sobre ele. Em 1966, o autor foi convidado para compor a equipe de redação do *Suplemento Literário*. No mesmo ano, publicou o livro de contos *Tuneon*, pela editora belo-horizontina Garoli. Em 1967, quando estava no quinto ano da Faculdade de Direito, ganhou o terceiro lugar no concurso da *Revista Literária do Corpo Discente da UFMG* com o conto "A chave no escuro".

O contista Ildeu Brandão nasceu em 1913, em Ouro Fino, e faleceu em 1994. Foi criado na capital mineira, onde se formou em Direito e trabalhou como jornalista e funcionário público. Publicou poucos livros em vida, destacando-se a coletânea de contos *Um míope no zoo*, publicada em 1968, em Belo Horizonte. Ildeu Brandão também publicava suas histórias em suplementos literários e antologias, e, de maneira geral, elas tratam de acontecimentos do cotidiano. Em 2010, a Editora UFMG lançou *Um míope no zoo e outros contos*, coletânea organizada pelo também contista Jaime Prado Gouvêa. O livro reúne textos publicados em 1968 e outros inéditos, escritos entre 1970 e 1971, quando o escritor dirigiu o *Suplemento Literário de Minas Gerais*.

A partir da década de 1970, as publicações autorais se tornaram mais frequentes e diversos autores tiveram suas coletâneas publicadas. No ano de 1970, Carlos Roberto Pellegrino publica *Do lado de lá*, no Rio de Janeiro, pela editora Oficina; Jaime Prado Gouvêa publica *Areia tornando em pedras*, também pela editora Oficina; Garcia de Paiva publica *Festa*, também no Rio de Janeiro, pela Arte Nova; Paulo Mendes Campos publica, pela Tecnoprint, no Rio de Janeiro, *Contos de Shakespeare*.

O contista Garcia de Paiva publica ainda na década de 1970 os livros *Os planelupedes*, em 1975, pela editora Brasília, no Rio de Janeiro; *Dois cavalos num fusca azul*, em 1976, pela editora Comunicação, em Belo Horizonte; e *Os agricultores arrancam paralelepípedos*, em 1977, pela editora Ática, em São Paulo; em 1988, o autor publica o livro *Berço e chão de Inácio Papacaça*, pela editora FTD, em São Paulo. O escritor Roberto Drummond, em 1975, publica o livro *A morte de D. J. em Paris*, e, sete anos depois, em 1982, publica *Quando fui morto em Cuba*, ambos pela editora Ática, em São Paulo. Em 1978, Jéferson Andrade publica *Um homem bebe cerveja no bar do Odilon*, no Rio de Janeiro,

pela editora Codecri, e em 1979, Joaquim Borges publica *Ponta de lança*, em Uberaba, pela editora Juruna.

Vilma Guimarães Rosa, primogênita de Guimarães Rosa, nasceu na cidade de Itaguara em 1931. A autora, que faleceu em 2022, no Rio de Janeiro, aos noventa anos, foi a contista mineira com o maior número de livros autorais publicados, totalizando oito títulos. Os seus seis primeiros livros foram publicados pela editora José Olympio, no Rio de Janeiro: *Acontecências*, em 1967, *Setestórias*, em 1970, *Por que não?*, em 1972, *Serendipity*, em 1974, *Carisma*, em 1978, e *Clique!*, em 1981. *As visões* e *Mistérios do existir* foram publicadas pela editora carioca Nova Fronteira, respectivamente, nos anos de 1986 e 1999.

O primeiro contista mineiro negro a publicar foi uma mulher, “ironicamente e a contrassenso desse ‘estado de grandes homens’”¹². Em meados do século XX, Carolina Maria de Jesus, nascida em Sacramento, escreveu contos juntamente com seus diários, nos famosos 75 cadernos manuscritos descobertos e editados inicialmente com muito sucesso pelo jornalista Audálio Dantas. “Estes contos, porém, só foram publicados bem depois, ‘O Sócrates africano’, em 1976, e dois outros, ‘Onde estaes felicidade?’ e ‘Favela’, bem recentemente, em 2014”¹³.

Em 1975, a contista de Conselheiro Lafaiete Lucienne Samôr publica *Olho insano*, pela Interlivros, em Belo Horizonte. A autora ficou conhecida quando enviou à revista *Estória*, na década de 1960, um conto de sua autoria, intitulado “O olho insano”. Seu conto foi considerado pelos editores da revista como “dotado de uma estranha força, apesar de sua escrita um tanto *literária*, pomposa, e de alguns erros de português, o conto foi incluído em um dos números da revista, alcançando relativo sucesso”¹⁴. Quinze anos depois foi publicado o seu único livro, com o mesmo título do conto, pela editora Interlivros.

A escritora Adélia Prado, nascida em Divinópolis e mais conhecida como poeta, publicou dois livros autorais em prosa: *Solte os cachorros*, em 1979, pela editora Nova Fronteira, no Rio de Janeiro; e *Filandras*, em 2001, pela editora Record, no Rio de Janeiro; e participou da antologia

¹² TANUS. De personagens negras à autoria negra no conto mineiro, p. 72.

¹³ TANUS. De personagens negras à autoria negra no conto mineiro, p. 75.

¹⁴ SANT’ANNA. Caminhos circulares, p. 159-169.

Contos mineiros, publicada em 1984, pela editora Ática, em São Paulo. É importante ressaltar que as mulheres aparecem em menor número, incluindo as pesquisas nas antologias de contos brasileiros e mineiros e nas revistas literárias.

Sabe-se que ainda há muitos outros contistas que não foram contemplados aqui e que viveram, e vivem, no anonimato. Neste texto, buscou-se traçar um panorama dos livros autorais, desde 1871, ano da primeira coletânea de Bernardo Guimarães, até o fim do século XX, dando maior destaque aos autores publicados até a década de 1970.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Passeios na ilha: divagações sobre a vida literária e outras matérias*. Rio de Janeiro: Edição da Organização Simões, 1952.

ARQUIVO Público da Cidade de Belo Horizonte (MG). Inventário do arquivo pessoal Nelson Coelho de Senna (1876-1952). Belo Horizonte: APCBH, 2000.

BARREIRA, Luiz Carlos. Antônio Figueirinhas, um empresário da educação no alvorecer da República Portuguesa. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, jul. 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312819245_ARQUIVO_TrabalhoCompleto-versaofinalrevisada-LuizCarlosBarreira.pdf. Acesso em: 28 out. 2019.

CAVALHEIRO, Edgard (Org.). *O conto mineiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959. (Panorama do conto brasileiro, 4).

DUARTE, Constance Lima (Org.). *Dicionário biobibliográfico de escritores mineiros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MATARELLI, Juliane. Panorama da edição de livros em Minas Gerais: de 1806 aos dias atuais. In: MATARELLI, Juliane; QUEIROZ, Sônia (Org.). *Editoras mineiras: panorama histórico*. 2. ed. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2011. p. 5-26. (Coleção Viva Voz).

SANT'ANNA, Sérgio. Caminhos circulares. In: SANT'ANNA, Sérgio. *O conto zero e outras histórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 159-169.

SANTOS, Leonardo Baroni Alves dos. *Verde: a revista modernista do interior mineiro*. In: BLOG da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Disponível em: <https://blog.bbm.usp.br/2018/verde-a-revista-modernista-do-interior-mineiro/>. Acesso em: 28 nov. 2019.

TANUS, Gustavo. De personagens negras à autoria negra no conto mineiro. *BRASIL/BRAZIL*, v. 31, n. 58, p. 70-87, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/brasilbrasil/article/view/89203>. Acesso em: 22 out. 2019.

Os contos de terror e horror em Minas Gerais

Katryn Rocha

Não que eu temesse ver coisas horríveis, mas fui invadido por um crescente pavor de não haver nada para ver.

Edgar Allan Poe, "O poço e o pêndulo"

Histórias sobre temas que escapam à explicação racional e ao mundo real parecem sempre ter fascinado o ser humano. Histórias transmitidas oralmente de geração para geração, lendas, fábulas, "causos", contos: o que não podemos explicar também pode nos atrair. Verdade ou mentira, real ou irreal, não se sabe ao certo; fato é que o mistério, a incerteza, a hesitação e o caráter espetacular de algumas histórias nos prendem, seja para ouvi-las, seja para lê-las.

O conto é uma narração breve de eventos imaginados que apresenta um grupo reduzido de personagens e que recorre a poucos recursos narrativos, de modo a desenvolver um argumento não demasiadamente complexo. Edgar Allan Poe, tido como um dos precursores do conto moderno, afirma que um bom conto se caracteriza pela intensidade, conseguida através da brevidade e da unidade. Júlio Cortázar, por sua vez, afirma que no conto deve estar presente, sempre, uma tensão constante.

Dentro do gênero conto há desdobramentos que permitem subdivisões, sendo o conto de terror ou horror um relato literário ficcional que visa provocar sentimentos de medo no leitor. Nesse sentido, apresenta histórias vinculadas fundamentalmente ao sobrenatural, e os temas abordados remetem à ideia aparente de fenômenos inexplicáveis do ponto de vista da razão. Aparente porque um dos elementos apontados como básicos para a caracterização é a ambiguidade, que resulta de uma hesitação tanto da personagem quanto do leitor diante de um fenômeno. Essa hesitação, por sua vez, é gerada pelo questionamento relativo ao pertencimento ou não ao mundo real daquilo que foi presenciado. Esse estilo narrativo é permeado de crimes e mistérios, exteriorizando, assim, outros elementos, tais como: o doentio, o obsessivo e, especialmente, a morte.

O conto de terror ou de horror além de ser um exercício estético que suscita no leitor sustos e medo, leva a refletir sobre situações além da vivência cotidiana ou da imaginação, e possui um fim moralizante, utilizando-se de um recurso narrativo mais impactante, advertindo o leitor de que evite adotar determinadas condutas e se expor a diversos males, pensamentos, ilusões e desejos que habitam o interior do ser humano.

Diferenças entre terror e horror

Há uma diferença sutil entre o conto de terror e o conto de horror: o terror é o sentimento de medo e expectativa que precede a experiência horrível, sendo essencialmente psicológico. Por outro lado, o horror é o sentimento de repulsa que geralmente ocorre depois de que algo assustador é visto, ouvido ou experimentado. É a sensação que se tem depois de chegar a uma realização terrível ou de experimentar uma ocorrência profundamente desagradável.

No livro *O horror sobrenatural em literatura*, H. P. Lovecraft afirma, sobre o horror, que:

O verdadeiro conto de horror [...] há que estar presente uma certa atmosfera de terror sufocante e inexplicável ante forças externas ignotas; e tem que haver uma alusão, expressa com a solenidade e seriedade adequada ao tema, à mais terrível concepção da inteligência humana – uma suspensão ou derrogação particular das imutáveis leis da Natureza, que são a nossa única defesa contra as agressões do caos e dos demônios do espaço sondado¹.

Grande parte do horror é inconsciente, portanto, uma das coisas mais importantes é a atmosfera. Ainda segundo H. P. Lovecraft: “Uma peça do gênero deve ser julgada não pela intenção do autor, nem pela simples mecânica do enredo, mas pelo plano emocional que ela tinge em seu ponto menos trivial”².

De qualquer forma, tanto o terror quanto o horror recorrem ao folclore, à cultura tradicional, à religião, isto é, ao sobrenatural, ou mesmo a supostos poderes latentes no ser humano e sentimentos

¹ LOVECRAFT. *O horror sobrenatural em literatura*, p. 4-5.

² LOVECRAFT. *O horror sobrenatural em literatura*, p. 5.

mais intensos, advindos do medo, em que o indivíduo não consegue pensar ou agir racionalmente.

O primeiro conto de terror ou horror em Minas Gerais

Ao procurar por contos de terror ou horror em Minas Gerais, encontra-se uma gama de histórias que têm como plano de fundo cidades do interior mineiro. A maioria desses contos tendem a ser escritos em primeira pessoa e são narrados como casos que realmente ocorreram com aquele que narra, ou sobre alguém que este conhece. É o que acontece em “A dança dos ossos”, conto do livro *Lendas e romances*, de Bernardo Guimarães, publicado em 1871.

Esse conto consiste em uma troca de relatos proferidos ao redor de uma fogueira, diante de uma casa de recebedoria³. O narrador se encontra em meio a um grupo de homens rústicos, entre os quais está um barqueiro, chamado Cirino, que conta a todos o que lhe aconteceu quando passava pela floresta e se deparou com um esqueleto que pulava e dançava. Tanto a narração em primeira pessoa quanto o diálogo do narrador com Cirino caracterizam a oralidade do texto, evocando os antigos “causos” contados em volta da fogueira. Por sua vez, a oralidade reflete o ambiente rural, repleto de superstições. O povo parece estar à mercê das incompreensíveis forças da natureza e de seus mistérios, e é através do ato de narrar que suas crenças fantásticas são passadas adiante. O conto de Bernardo Guimarães tem como ambiente a região de Minas Gerais e Goiás. É um cenário rural, que aparenta não apenas ser distante das grandes cidades, mas igualmente isolado e, portanto, caracterizado como ermo. O espaço principal, a floresta onde Joaquim Paulista é assassinado e, posteriormente, onde seu esqueleto aparece, é um local ainda mais deserto. Afastado dos homens, trata-se de um local comandado por forças de outra ordem, que foge ao controle e à compreensão dos personagens.

Desdobramentos em Minas Gerais

³ Casa de recebedoria era um local, repartição ou órgão público onde se recebia impostos e taxas.

Não são muitos os contistas que escrevem nesse gênero no estado de Minas Gerais. Depois do conto de Bernardo Guimarães, encontramos diversos contos populares acerca de figuras lendárias da região do contador como

- O Bicho da Carneira ou Lobisomem do Jequitinhonha, cuja forma é descrita como um horripilante cachorrão. Era um antigo morador da cidade, chamado Joaquim Antunes de Oliveira, falecido no final do século XIX. Anos mais tarde, com a construção de um novo cemitério em Pedra Azul, seu túmulo foi transferido de lugar. Um dia, a nova tumba amanheceu violada, com vários pelos de animais ao redor. Na mesma época, criações começaram a ser misteriosamente atacadas e devoradas na região;
- A Loira do Bonfim, mulher elegante e de cabelos loiros, que costumava entrar em táxis e pedia que fosse levada ao Cemitério do Bonfim, na Região Noroeste de Belo Horizonte. Depois de pagar a corrida, ela sempre descia e desaparecia entre as sepulturas da necrópole;
- O Caboclo d'água, monstro das águas que provoca arrepios nos pescadores do Rio São Francisco há várias gerações com aparência horrenda e musculosa, o bicho vive entre as margens e o leito do rio, virando canoas e causando pânico nos pescadores. As carrancas são usadas nas embarcações para tentar afugentá-lo;
- A procissão das almas, manifestação cultural pagã e popular que acontece em Mariana durante a madrugada da Sexta-feira da Paixão para o Sábado de Aleluia e que surgiu a partir da lenda de "Dona Maricota". Conforme a crença popular, ela passava as noites na janela de casa, prestando atenção à vida dos vizinhos. Em uma Sexta-feira Santa, Dona Maricota viu uma procissão diferente com pessoas cobertas com capuzes brancos que arrastavam correntes pelas ruas. Um dos integrantes pediu que ela guardasse uma vela e prometeu que voltaria para buscar o objeto mais tarde. Quando voltou, a vela havia se transformado em um osso humano. Maricota teria morrido de susto e, conforme a lenda, o espírito dela acompanha a procissão até hoje; entre tantos outros contos, que, no entanto, não possuem autores identificados.

Não se sabe se essa gama de contos são todos criados por mineiros, embora necessariamente todos se passem em cidades de Minas Gerais. As cidades do interior, e até mesmo a capital, parecem ser um cenário propício para a ambientação dessas histórias de fantasmas corriqueiras, ou mesmo humorísticas ou extravagantes, narradas de modo que o formalismo ou a piscadela irônica do autor, ou de quem conta o conto, elimina o verdadeiro senso do mórbido e do sobrenatural.

Em "O ovo com solenidade", conto em que Duílio Gomes, autor mineiro natural de Mariana, integrante da chamada Geração 60 e editor do *Suplemento Literário* na década de 1980, narra a situação de um cego que, estando dentro de casa sozinho, preparando para si uma

omelete, encontra-se ao lado dos porcos que fugiram do chiqueiro e dos quais ele tem medo. Ao ler o conto, percebe-se que a cegueira do personagem e o fato de não saber como são os porcos, mas sim imaginá-los em sua forma e o que eles pensam, aumenta demasiadamente sua aflição diante daquilo que ele não pode enxergar e que é a fonte de seu medo. Durante o conto, embora a maioria de nós tenha uma ideia de como é um porco, lidamos com o porco do imaginário do cego que é muito pior que o da realidade e nos sentimos à mercê do que eles podem fazer com o personagem.

Em 2014, a editora Andross lançou uma antologia de contos sobrenaturais, de suspense e de terror, intitulada *Horas sombrias*, organizada por Alfer Medeiros, com o intuito de lançar novos escritores no evento Livros em Pauta. Essa antologia reuniu diversos novos autores brasileiros, sendo oito mineiros, com uma publicação de dez contos no total. São eles: 1) Canhestro, belo-horizontino e acadêmico do curso de Letras pela UFMG, com o conto "A menina e a banheira", e que já havia publicado o livro *A casa*, romance de mesma temática; 2) Eduardo Tordek, nascido em Muriaé que, na época, era vigilante e o único que teve mais de um conto publicado no livro, sendo eles "A caixa d'água", "A pata da rua do toco" e "O sofá"; 3) L. Kolanski, também belo-horizontino e acadêmico do curso de Letras pela UFMG, sendo o conto "Na teia das trevas" sua primeira publicação; 4) Paula Barbosa, belo-horizontina e acadêmica de Letras pela UFMG, sendo o conto "Mudanças inesperadas" sua primeira publicação; 5) Rafael Peres, nascido em Patos de Minas, graduado em Letras pelo Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM) e mestre em Teoria Literária pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), teve o conto "Os aposentos de Nestor" publicado na antologia, também participou da coletânea *Caminhos do medo*, da editora Andross, e foi um dos vencedores do 45º Concurso Literário de Contos do FEMUP (Festival de Música e Poesia de Paranavaí); 6) Robert Hendrix, belo-horizontino, sendo o conto "As irmãs" sua primeira publicação; 7) Thays Martins de Paiva, nascida em São Gonçalo do Sapucaí, é acadêmica do curso de Letras na UFMG. Foi destaque especial no concurso Prêmio LiteraCidade 2014 Poemas Avulsos, da editora LiteraCidade, e sua primeira publicação foi o conto "O pianista", que está na antologia; e, por último, Willy Gomes, jornalista nascido em Campo

do Meio, que, além do conto “Castigo”, também participou da coletânea *Próxima estação* da editora Andross. Os contos do livro, incluindo os dos autores não mineiros, possuem tramas e personagens bem variados, cuja única ligação é a temática do livro: o medo.

De Bernardo Guimarães aos escritores menos conhecidos em Minas, nenhum dedicou sua escrita inteiramente aos contos de terror e horror, mas, sim, fizeram isso eventualmente e de forma que o principal componente desse estilo narrativo, o medo, sempre estivesse presente, às vezes de forma mais engraçada ou leve, outras na sua forma mais aflitiva.

Referências

BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. In: CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

GOMES, Duílio. O ovo com solenidade. In: COSTA, Flávio Moreira (Org.). *Os melhores contos fantásticos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

GUIMARÃES, Bernardo. A dança dos ossos. In: CAVALHEIRO, Edgard (Org.). *O conto mineiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959.

LOVECRAFT, Howard P. *O horror sobrenatural na literatura*. Tradução de João Guilherme Linke. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

MEDEIROS, Alfer (Org.). *Horas sombrias: contos sobrenaturais, de suspense e de terror*. São Paulo: Andross, 2014.

POE, Edgar Allan. A queda da casa de Usher. In: POE, Edgar Allan. *Histórias extraordinárias*. Tradução e adaptação de Clarice Lispector. São Paulo: Ediouro, 2005.

POE, Edgar Allan. O poço e o pêndulo. In: POE, Edgar Allan. *Contos de imaginação e mistério*. Tradução de Cássio de Arantes Leite. São Paulo: Tordesilhas, 2012. p. 49-66.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

As revistas literárias de Minas Gerais

Jayne Brito

Minas Gerais é um estado que se destaca em vários segmentos – seja na mineração de ferro, metais e pedras preciosas, seja no cenário cultural –, e na área da comunicação e literatura não poderia ser diferente. O estado como capitania (depois província) nos séculos XVIII e XIX teve grande importância econômica e política, porém sua imprensa não conseguiu acompanhar o mesmo desenvolvimento de outros estados, como do Rio de Janeiro e da Bahia, devido a alguns fatores como o “êxodo provocado pela crise da mineração e pela Inconfidência, a distância do litoral, os constantes deslocamentos do centro da imprensa da província e a ‘mineiridade’ (o modo de ser do habitante das Gerais)”¹. A criação de jornais de grande circulação no estado foi tardia, tendo ocorrido em 1927, com o *Diário da Manhã* em Belo Horizonte, após 38 anos da chegada da grande imprensa no país. Ainda assim, podemos considerar o estado de Minas Gerais um berço de contistas, que publicaram em vários periódicos culturais do país, sendo dado o pontapé inicial pelo *Suplemento Literário de Minas Gerais* (SLMG ou SL).

O SL foi de grande importância para a divulgação do gênero literário conto, que esteve presente em todas as suas edições. Além disso, o periódico abriu espaço para o discurso crítico e para novos contistas. Nos anos de 1960 e 1970, a nova geração de contistas acreditava que o conto estava ligado “à liberdade de criação e à necessidade de se trazer à

¹ MENDES. O “silêncio das gerais”, p. 95.

prática criativa elementos da vivência”². Devido ao momento político e à repressão sofrida, o contista via a necessidade de se posicionar tomando cautela para que suas obras não fossem um reflexo de sua militância política. Podemos encontrar essa discussão na série “O conto atual” (criada em setembro de 1970 pelo *Suplemento*), que apresenta uma proposta de ruptura formal de cunho ideológico.

O *Suplemento Literário do Minas Gerais* foi criado em setembro de 1966, uma época em que a produção literária por jovens escritores era bem intensa na capital mineira. A mídia não apoiava e nem abria espaço para esses jovens divulgarem seus trabalhos e o periódico *Suplemento* oferecia espaço para novos escritores publicarem seus textos, contos, poesias, traduções etc., e também para jovens artistas plásticos com seus ensaios fotográficos, ilustrações e desenhos. A redação do SL funcionava na sala Carlos Drummond de Andrade, que pertencia à Imprensa Oficial. O idealizador e primeiro editor do periódico foi Murilo Rubião, figura que democratizou a produção intelectual, promoveu encontros com escritores, traduziu grandes nomes da literatura estrangeira e fez com que o periódico fosse reconhecido fora do país. Em 1969, Murilo deixa a coordenação do SL e o escritor e também contista Wander Piroli toma posse como editor. Piroli inovou a parte gráfica do jornal e conseguiu driblar a censura abrindo espaço para desabafo dos escritores, mantendo o dinamismo que o periódico sempre teve. Devido ao fato de o *Suplemento* estar vinculado ao governo do estado, a circulação era bem ampla (mais de duzentos órgãos do estado recebiam o jornal *Minas Gerais*, de que o *Suplemento* fazia parte), e assim foi possível a publicação de textos de vanguarda, críticas, acadêmicos, dentre outros, até o ano de 1975, quando a censura passou a ser um grande empecilho para o jornal.

Desde a primeira publicação, escritores novos, mesmo não conhecidos pela crítica, ganharam espaço no *Suplemento*. Vários escritores passaram a ter reconhecimento nacional e publicaram seus próprios livros. Cerca de 185 escritores publicaram no SL, sendo que alguns apenas uma vez e outros com maior frequência, como Duílio Gomes, Jaime Prado Gouvêa, Wander Piroli, Lucienne Samôr, Sérgio Sant’Anna, Luis

² MAROCA. O fazer crítico e ficcional dos contistas do *Suplemento Literário de Minas Gerais*.

Gonzaga Vieira, Humberto Werneck e Luiz Vilela, grupo de escritores que foi nomeado “Geração Suplemento”. Nessa mesma época, era utilizada também a expressão “Os novos” para se referir a essa nova geração de escritores que estava surgindo no âmbito da literatura nacional. Podia-se ver novas condições criativas e ânsia por liberdade e posicionamento político. Através da literatura, os escritores podiam contribuir ideologicamente para o cenário marcado pela ditadura militar.

Além da publicação da produção dessa nova geração de escritores, existiam colunas como a “Roda gigante”, em que se publicava crítica de livros recém-lançados e se informava sobre concursos literários e sobre a atuação dos intelectuais mineiros. Outros assuntos ainda eram abordados no *Suplemento*, como música, cinema, artes plásticas e cênicas, e eram publicadas também entrevistas. Em 1968, o SL lançou um número especial dedicado aos novos escritores mineiros e organizou a exposição de artes plásticas Arte Jovem de Minas, em parceria com a nova geração de artistas plásticos da Escola Guignard e da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais.

No final da década de 1960 e início de 1970, viu-se a criação e o fechamento de vários periódicos culturais. Em 1965, surge em Belo Horizonte a revista de contos *Estória*, que teve seis números e foi publicada até 1967. Em 1976, a revista *Inéditos* foi lançada e publicava poesias, contos, artigos de vários escritores, como Octavio Paz, Sérgio Sant’Anna, Duílio Gomes, Luiz Vilela, Helvécio Ratton, Sônia Queiroz e Eneida Maria de Souza. Outros periódicos culturais mineiros, como a *Revista Literária do Corpo Discente da UFMG* (voltada exclusivamente à produção literária de estudantes) e a *Silêncio*, contribuíram para revelar grandes nomes da literatura brasileira como Luiz Vilela, Duílio Gomes, Luiz Gonzaga Vieira, Sergio Sant’Anna, Danilo Gomes, Jaime Prado Gouvêa, dentre tantos outros.

Apesar de existir uma maior possibilidade de descarte em relação ao livro, devido ao seu material frágil e à ação do tempo, os periódicos culturais eram de fácil acesso. Eles eram vendidos em bancas de jornais por um valor pouco significativo e eram bastante convidativos para os leitores, que muitas vezes optavam por esses periódicos por possuírem narrativas curtas e matérias bem dinâmicas sobre vários assuntos, ao contrário dos livros, que facilmente seriam deixados de lado devido a leitura ser mais extensa.

Além disso, no período da ditadura militar, todas as publicações tinham que passar por vistoria prévia do Ministério da Justiça, portanto os livros demoravam mais tempo para chegar às mãos do leitor. Sendo assim, os periódicos culturais eram uma excelente opção de leitura na época.

Além de valorizar o gênero conto, os periódicos abriram espaço para escritores, o que contribuiu significativamente para o *boom* na literatura na década de 1970. Mesmo com setores conservadores, como a Academia de Letras, e a repressão da ditadura militar, os escritores desafiaram a censura com publicações engajadas e de vanguarda, destacando-se o *Suplemento Literário do Minas Gerais*, no qual os escritores possuíam um posicionamento político marcante, mesmo pertencendo a um jornal oficial do governo.

Periódicos literários e culturais eram meios de acompanhar tendências e mudanças relativas à literatura, além de configurar o contexto histórico da época. Pode-se dizer que Minas Gerais teve seu papel singular na literatura nacional com seus periódicos, e o SL tem seu mérito por valorizar os contistas mineiros e a nova geração de escritores e artistas da época. Os primeiros anos de história do *Suplemento* foram marcantes, e Murilo Rubião, que sempre esteve à frente do jornalismo cultural, certamente foi um dos maiores responsáveis por isso. O *Suplemento Literário do Minas Gerais* publicou velhos e novos escritores, tradição e vanguarda, literatura e outras artes. Em 2016, o periódico completou cinquenta anos de existência e continuou sendo uma das mais importantes publicações culturais do país, até a sua extinção, ao final de 2020.

Referências

BIAGGI, Enio Luiz de Carvalho. Arquivo, memória e identidade cultural: a *Revista Literária do Corpo Discente da UFMG* e os periódicos artísticos nas décadas de 1960 e 1970. *Revista Recorte*, v. 12, n. 1, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://goo.gl/yC2z1M>. Acesso em: 31 jan. 2018.

COELHO, Haydée Ribeiro. Diversidade crítica e literária no *Suplemento Literário de Minas Gerais* (1966-73): ruptura de fronteiras. *O Eixo e a Roda*, Belo Horizonte, v. 9/10, p. 85-96, 2003/2004.

MAROCA, Viviane Monteiro. *Nos rastros dos novos: o fazer crítico e literário dos contistas do Suplemento Literário do Minas Gerais (1966-1975)*. 2009. 153 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MAROCA, Viviane Monteiro. O fazer crítico e ficcional dos contistas do *Suplemento Literário do Minas Gerais*. *Anais do SILEL*, Uberlândia, v. 1, n. 1, 2009.

MARQUES, Fabrício; NOVAES, Mariana. A hora e a vez do *Suplemento Literário de Minas Gerais*. In: ENCONTRO Nacional de História da Mídia, 9., 2013, Ouro Preto. *Anais...* Ouro Preto: UFOP, 2013.

MENDES, Jairo Faria. O “silêncio das gerais”: o nascimento tardio e a lenta consolidação dos jornais mineiros. *Vertentes*. São João del-Rei, Universidade Federal de São João del-Rei, v. 1, p. 95-102, 2011.

NUNES, Aparecida Maria. Murilo Rubião, criador e editor do *Suplemento Literário do Minas Gerais*. *Cadernos Neolatinos*, Rio de Janeiro, v. 14, p. 1-11, 2015.

REIMÃO, Sandra. “Proíbo a publicação e circulação...” – censura a livros na ditadura militar. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 28, n. 80, p. 75-90, abr. 2014. Disponível em: <https://goo.gl/j1TLpL>. Acesso em: 31 jan. 2018.

Uma breve história editorial: os contos de Duílio Gomes – escritor, editor

Sônia Queiroz

Duílio Gomes (1944-2011) é um dos mais reconhecidos contistas mineiros da chamada Geração Suplemento, que marcou a vida literária de Minas nos últimos quarenta anos do século XX. Sua história editorial, que vamos relatar de forma sintética neste texto, apresenta alguns traços da maior relevância para o conhecimento da história da edição de contos em Minas Gerais: a publicação inicial pela via do concurso literário, a colaboração em periódicos literários, como escritor, editor e crítico, a publicação em antologias, e a publicação, estudada, cuidadosa, de livros de autoria individual.

O número 1 da *Revista Literária*

A história de Duílio Gomes como escritor, contista, está visceralmente ligada aos periódicos literários de Belo Horizonte nas décadas de 1960, 1970 e 1980. Em depoimento que integra o texto de apresentação do seu livro *Verde suicida*, Duílio conta:

Sou um escritor nascido de suplementos e revistas literárias. Inclusive os críticos percebem isto, porque eles falam em grupo Estória, grupo Suplemento Literário, e esse nosso movimento parece que foi um marco mesmo, em 65, 66. Antes disso, o conto mineiro estava na mão do Ivan Ângelo, houve um hiato incrível entre 40 e 60, nessa época praticamente não se manifestou no sentido de movimentação, de publicação. Em 66, eu entrei no concurso da *Revista Literária da Universidade Federal de Minas Gerais* e tirei o primeiro lugar. E a partir daí o negócio começou a crescer pra mim, eu conheci o pessoal da revista *Estória* e então, em 67, eu publiquei na revista *Estória*. Nesse mesmo ano eu já estava publicando no

Suplemento Literário de Minas Gerais, e também o pessoal todo da *Estória* estava no *Suplemento*. O Luiz Vilela é da minha geração e ele foi praticamente o líder do nosso movimento, se é que existiu mesmo esse movimento, ele começou tudo, ele que praticamente fundou a revista *Estória*, ele que coordenava as ideias, pegava os originais, era um líder no sentido psicológico do termo¹.

A experiência relatada acima, do primeiro lugar no concurso de contos da *Revista Literária da Universidade Federal de Minas Gerais* em 1966 marca, na verdade, uma série de começos. Trata-se do primeiro número de uma das revistas de maior importância para a vida literária de Belo Horizonte, que será responsável, durante quase cinquenta anos, pelo lançamento, no mundo do impresso, da literatura escrita por jovens estudantes universitários, muitos dos quais se tornarão escritores reconhecidos no meio editorial, por leitores e críticos, recebendo outros prêmios, de âmbito nacional, e mesmo atingindo leitores estrangeiros, pela via da tradução. Duílio Gomes é o primeiro deles, o número um do conto no número um da *Revista Literária do Corpo Discente da UFMG*².

A *Revista Literária* nasceu de uma proposta de três contistas – dois estudantes, Luiz Vilela e Luís Gonzaga Vieira, e um técnico em Comunicação Social, Plínio Carneiro – apresentada ao reitor Aluísio Pimenta e logo apoiada. No início da entrevista publicada no número 18 (o primeiro depois da sua aposentadoria), Plínio Carneiro conta como nasceu de uma conversa entre os três “a ideia de fazer uma Revista Literária, que circulasse entre os alunos da UFMG, porque na universidade [...] não havia nada dos alunos e nada de literário”³. Os três escritores compuseram a primeira Comissão diretora da revista, que chegou a ser “a única revista brasileira feita por alunos e para alunos”⁴.

Mais tarde, o escritor negará a qualidade do conto “A confissão de Arnaldo”, premiado no primeiro concurso da RL. “Um conto que hoje eu não assinaria”, dirá em entrevista a Jaime Prado Gouvêa, publicada no número 190 do no SL em 18 de abril de 1970, quatro anos depois da

¹ GOMES. *Verde suicida*, p. 7.

² De nome tão extenso, a revista ficou mais conhecida como *Revista Literária*, ou RL, como também ocorreu com o *Suplemento Literário do Minas Gerais*, que passou a ser chamado de *Suplemento Literário*, *Suplemento*, ou SL.

³ CARNEIRO. Entrevista com Plínio Carneiro, p. 9.

⁴ CARNEIRO. Entrevista com Plínio Carneiro, p. 11.

premiação. É curioso notar que nessa mesma entrevista, aliás intitulada “Uma literatura para o povo”, Duílio defende uma literatura em linguagem acessível, “a comunicação pela simplicidade”: “O povo não quer saber de laboratório literário, mas apenas tomar conhecimento de um caso”⁵. O seu primeiro conto premiado é narrado por um menino de oito anos, engraxate na cidade, morador da “favela do dois a um”, perplexo com um mundo em que “pobre não tem vez”. A linguagem do narrador mescla com delicadeza a coloquialidade do morro e a escrita literária, de modo que o leitor reconhece a escrita e com conforto é levado a conhecer nela a voz do menino.

Duílio, estudante de Direito, também foi contemplado no concurso do número 2 da RL, em que recebeu Menção Honrosa seu conto “Verão”. Naquele ano, 1967, levaram os três prêmios três jovens estudantes que também ainda se tornariam conhecidos no universo do conto, da crônica, do jornalismo: Walden Camilo de Carvalho, Humberto Werneck, José Márcio Penido. No ano seguinte, 1968, Duílio Gomes ficará com o segundo prêmio, com o conto “Fragilidade”, que ele voltará a publicar no *Suplemento Literário*, em abril de 1972, e em 1975 no seu primeiro livro de contos, *O nascimento dos leões*. Ainda nesse mesmo concurso, de 1968, outro conto seu recebe Menção Honrosa, “O verão na estufa”, que será incluído no seu segundo livro, *Verde suicida*, publicado nove anos depois, em 1977.

A partir do número 4 da *Revista Literária*, Duílio Gomes passa a integrar a Comissão Diretora da revista, função que ele ocupa por três anos, até o número 6, ao lado de Walden Camilo de Carvalho, então estudante do Curso de Formação de Atores, e Plínio Carneiro, assessor de imprensa do reitor da UFMG e um dos mais atuantes fundadores da RL, que a manteve por quase vinte anos, até o número 17. Na apresentação do número 4, intitulada “A nova RL”, Duílio é apresentado aos leitores por Plínio Carneiro: “Um dos novos diretores é Duílio Gomes, aluno da Faculdade de Direito e um dos maiores nomes da nova geração de contistas de Minas. Duílio Gomes viu nascer a *Revista Literária*, participando de todos seus concursos”⁶. Desde então, de 1969 a 1980, os contos de Duílio

⁵ CARNEIRO. Entrevista com Plínio Carneiro, p. 9.

⁶ CARNEIRO. Apresentação, p. 7.

ocupam um espaço *hors concours*, a Segunda Seção⁷, na qual serão publicados quinze contos de sua autoria, em todos os números da revista, um a cada ano, com interrupção apenas em 1976⁸.

Foram publicados pela primeira ou segunda vez na Segunda Seção da RL alguns contos que fizeram história: “Deus dos abismos”, em 1982 (no ano seguinte no SL, e só dez anos depois em livro, com o mesmo título); “O nascimento dos leões” saiu em 1969 no *Suplemento Literário*, em 1972 na RL e em 1975 em livro ao qual dá título.

No *Suplemento Literário*, contista, crítico e editor

O maior número de contos avulsos de Duílio Gomes foi publicado no *Suplemento Literário*: em 35 anos de colaboração, entre 1967 e 2002, foram 59 contos publicados nesse que é, sem dúvida, o mais importante periódico literário de Minas Gerais. Mais recentemente, em 2013, dois anos após a morte do escritor, o SL publica um texto inédito, “Dorita, Carmita, Mercita e Lourdita”, memórias da vida em Mariana, cidade natal do escritor. Na *Revista Literária do Corpo Discente da UFMG*, entre 1966 e 1985, Duílio Gomes publicou dezenove contos, um por ano.

Pudemos observar que são poucos os contos que Duílio Gomes publica mais de uma vez em periódicos. O conto “Centauro” é publicado pela primeira vez em 1974 pela RL e sete anos depois, em 1981, no SL. “Deus dos abismos” é publicado em 1982 na RL e no ano seguinte no SL. “Fragilidade”, em 1968 na RL e em 1972 no SL. “Ossuário” em 1976 na revista *Inéditos* e em 1981 no SL. “O nascimento dos leões” é publicado pela primeira vez em 1969, no SL, e em 1972 na RL; em 1975 será reeditado pela editora Interlivros, na coletânea que tem o mesmo título. Por outro lado, é grande o número de contos publicados em periódico e em livro: 49 contos, dos quais 44 no SL. Considerado o total de 65 contos publicados em seus livros de autoria individual, concluímos que 75% dos contos selecionados pelo escritor para publicação em livro passaram antes pelo teste da publicação em periódico literário, uma prática editorial defendida por Mário de Andrade. São quarenta contos publicados

⁷ Na Segunda Seção eram publicados poemas, contos e ensaios de alunos premiados anteriormente, ex-alunos e professores da UFMG e escritores convidados pelos editores.

⁸ Não encontramos nenhuma explicação para essa lacuna.

avulsos – 35 apenas em periódicos literários em Minas, dos quais dezenove no SL, doze na RL, três na revista *Estória*, um na publicação eletrônica *Tanto*, e cinco em antologias. Nenhum desses quarenta contos foi incluído nos livros publicados por Duílio Gomes.

A vocação da narrativa curta para a publicação periódica, seu veículo por excelência, é apontada por Mário de Andrade já em 1938, no brevíssimo ensaio sobre “Contos e contistas”, publicado inicialmente no jornal *O Estado de São Paulo* e posteriormente na coletânea *O empalhador de passarinho*:

O leitor de livros, se não é todo o público que lê revistas, é provavelmente um leitor de revistas também. Ora, o conto, material e mesmo esteticamente falando, é muito mais próprio da revista que o romance. Se pode afirmar, preliminarmente, que qualquer trabalho, não apresentando uma importância técnica infalível a que tenhamos de recorrer fatalmente, deve ser publicado de uma só vez. O romance, publicado aos pedaços mensais pelas revistas, é um psicológico desacerto, que diminui de metade os seus leitores possíveis. O conto, não; a revista é o seu lugar. Poder-se-ia mesmo definir o conto “um romance pra revista”.

[...] Já que estamos num período de muitas leis e mais numerosos projetos, creio seria bem possível e bem justa a lei que impedisse os escritores de publicar livros de contos, antes que estes fossem experimentados nas revistas⁹.

A atenção aos outros meios, além do impresso, é um outro traço interessante de se observar na escrita de Duílio Gomes. Em abril de 1970, ele observa, em entrevista ao também contista e editor Jaime Prado Gouvêa, que “já tem material para um livro mas quer deixar isso para mais tarde. Porque é coisa definitiva e ele não quer dar mancada. Porque, apesar de, como todo bom mineiro, entender bem de queijo e literatura, as coisas não andam bem”¹⁰.

Acho que a televisão e o cinema derrubaram um pouco o prestígio do escritor, porque quem quiser tomar conhecimento de uma estória não vai se dar ao trabalho de ler um livro, pois ela está ali ao seu alcance, na esquina ou até numa sala. O mito da estória gráfica está morrendo, o que vale agora é a estória visual. Mas sempre existirá um bom leitor para um bom escritor. O que eu acho é que existe escritor demais para um número relativamente pequeno de

⁹ ANDRADE. *O empalhador de passarinho*, p. 6-7.

¹⁰ SUPLEMENTO Literário, p. 9, abr. 1970.

leitores. Principalmente no Brasil (e isso já está se tornando um lugar-comum afirmar), onde os que leem são uma minoria. Eu pessoalmente, diante do fato, pararia imediatamente de escrever se já não estivesse completamente tomado pela *doença*. É por isso que eu insisto no fato de escrever coisas inteligíveis. Se já existe uma crise de leitores e você faz literatura hermética, então não vai sobrar nada¹¹.

“Todos os insetos”, conto publicado pela primeira vez em 1973 no SL, e incluído posteriormente no livro *Verde suicida*, foi adaptado para o cinema por Breno Milagres, o média-metragem *Nada será como antes*¹².

O contista Duílio Gomes desde muito jovem demonstra em entrevistas uma maturidade editorial rara entre escritores, sobretudo em início de carreira. Ainda estudante universitário, ele mostra clareza na escolha da sua atividade profissional de ficcionista e reflete com calma sobre as oportunidades de publicação de seus contos. Em 1966, aos dezessete anos, venceu o concurso de contos da *Revista Literária*, em 1972 ganhou o Prêmio Cidade de Belo Horizonte com seu primeiro livro, *O nascimento dos leões*, e já tinha material suficiente para um segundo livro. Mas, como declara ao SL, “sua intenção é editar com calma, com a mesma calma com que acumulou sua literatura ao longo dos últimos sete anos. Está com 28 anos de idade, cursa a quarta série da Faculdade de Direito da UFMG e é assíduo colaborador do *Suplemento Literário*”¹³. Dois anos antes, em entrevista já citada aqui, a Jaime Prado Gouvêa, no mesmo SL, ele já refletia sobre a relação do escritor com o público leitor e as implicações nas suas escolhas formais:

Eu sempre escrevi visando o povo. Acho que não adianta fazer uma coisa muito avançada e hermética que só meia dúzia de iniciados podem entender. Eu escrevo histórias um pouco acima do comum, é verdade, mas sem fazer concessões vanguardistas. A literatura está cada vez mais se distanciando do povo exatamente por causa dessas vanguardas. Sei que assim estou correndo o risco de ser rotulado de reacionário ou demagogo mas em tudo isso o povo foi sempre o grande esquecido. Acho a experimentação em literatura muito louvável. Ninguém discute a importância de um Joyce, por

¹¹ SUPLEMENTO Literário, p. 9, abr. 1970, grifos do autor.

¹² O *trailer* do média-metragem pode ser visto no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=sr6Quxby7yY>.

¹³ SUPLEMENTO Literário, p. 5, dez. 1972.

exemplo. Mas está havendo muito abuso e o povo nunca vai ler vanguarda. O *nouveau roman* está aí para confirmar isso¹⁴.

Em 1983 Duílio assume a função de secretário do *Suplemento Literário*, na qual permanecerá até 1985. A função, efetivamente de editor, receberá diferentes designações ao longo da história da publicação: secretário, editor, superintendente.

Contos de Duílio Gomes publicados em antologias brasileiras e mineiras

Duílio Gomes está entre os contistas mineiros que mais publicaram em antologias, ao lado de Jaime Prado Gouvêa, Lucienne Samôr e Luiz Vilela, nas antologias mineiras; e, nas antologias brasileiras, ao lado de Murilo Rubião, Luiz Vilela, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Aníbal Machado, Branca Maria de Paula e Ronald Claver. Em 1989 ele declara em entrevista a Marco Antônio de Souza, no SL, já ter contos publicados em 27 antologias, experiência editorial que ele apreciava:

“Meus livros de contos venderam razoavelmente. Razoavelmente aí entendido como ‘vendeu uma edição inteira’ ou ‘não encalhou’. Já com relação às antologias das quais participo, aí sim. Elas vendem bem, no País, tiram edições atrás de edições.”

“Participar de antologias” – continua ele na mesma entrevista – “é uma forma de estar entre amigos e de falar a mesma linguagem em torno do mesmo tema. Nunca recusei convite para participar de antologias de contos, a não ser em caso extremo, quando o tema não me fascina absolutamente de maneira nenhuma”¹⁵.

O número de antologias de que participou parece ter chegado a 33. Em nosso levantamento, conseguimos identificar onze antologias com a participação de Duílio Gomes. Nessas, eis o que pudemos observar:

Os contos “Testemunha” e “O sorriso fliperama” são os dois únicos que se repetem dos contos selecionados para publicação em antologias. “Testemunha”, publicado pela primeira vez em 1980 na antologia organizada pelo crítico Edilberto Coutinho em torno do tema do erotismo, 24 anos depois, em 2004, é incluído por Flávio Moreira da Costa

¹⁴ SUPLEMENTO Literário, p. 9, abr. 1970.

¹⁵ SUPLEMENTO Literário, p. 8, jun. 1989.

entre *As 100 melhores histórias eróticas da literatura mundial*, e logo em seguida é novamente selecionado para outra antologia sobre o tema, organizada pelo poeta Ronald Claver. “O sorriso fliperama” é publicado em duas antologias de editoras gaúchas: L&PM, em 1996 (reeditada até 2006), e Mercado Aberto, em 1997.

Outros dois dos contos antológicos haviam sido publicados no *Suplemento Literário*. “O ovo com solenidade” foi publicado pela primeira vez no SL, em 1971, treze anos antes da publicação em antologia da Ática, em 1984, *Contos mineiros*. “Entre árvores mornas” saiu no SL em 1973, quatorze anos antes da publicação em antologia da FTD, *Setecentos: setecentos*.

“Guerra santa” foi incluído no livro autoral *Verde suicida*, publicado seis anos depois da antologia *Contos gerais*, publicação da Imprensa Oficial, saída com o selo Oficina em 1971. O conto “Espantalho” parece ter sido publicado somente na antologia de contos policiais, *Crime feito em casa*, em 2005, pela Record, assim como “Os morangos” só foi publicado na antologia *As cerejas*, resultado de uma proposta de criação a partir do conto de Lygia Fagundes Telles que dá título à coletânea. Esse parece ser o caso também do conto “Lucrécia”, publicado exclusivamente em duas antologias de contos sobre futebol: *Onze em campo e um banco de primeira*, publicada em 1998 pela Relume-Dumará, e *22 contistas em campo*, pela Ediouro em 2006, ambas organizadas por Flávio Moreira da Costa.

Flávio Moreira da Costa, além de ficcionista, é um antologista profissional, tendo organizado inúmeras antologias de sucesso, a partir de temas e critérios diversos, de *Os melhores contos fantásticos* e *Os 100 melhores contos de humor da literatura universal*, por exemplo, a *22 contistas em campo* e *Onze em campo e um banco de primeira* (que reúnem contos tendo o futebol como tema), ou *Contos eróticos que a revista Nova adora*. Várias dessas antologias foram publicadas pela Ediouro, outras pela Agir, pela Francisco Alves, pela Nova Fronteira e pela Record. Considerado pelo crítico Fábio Lucas como “o mais importante selecionador de histórias curtas entre nós”, “arguto conhecedor da arte de qualificar os contos e reuni-los em conjuntos harmônicos”¹⁶, Flávio

¹⁶ LUCAS. Contos selecionados por um mestre, p. 13.

Moreira da Costa incluiu contos de Duílio Gomes em pelo menos quatro antologias: *Onze em campo e um banco de primeira* ("Lucrécia"), pela Relume-Dumará, 1998, traduzida para o italiano logo em seguida; *Os apóstolos* ("Marcos"), pela Alexandria, 2002; *Crime feito em casa* ("Espantalho"), pela Record, 2005; e *Os melhores contos fantásticos* ("O ovo com solenidade"), pela Nova Fronteira, 2006.

Livros autorais de contos de Duílio Gomes

Duílio Gomes publicou em vida quatro livros de contos, nesta ordem: *O nascimento dos leões*, *Verde suicida*, *Janeiro digestivo* e *Deus dos abismos*. Todos os livros receberam premiações significativas no âmbito nacional.

O livro *O nascimento dos leões*, que integra a Coleção 10/15 da editora Interlivros de Minas Gerais, foi publicado em 1975, seis anos após a primeira publicação avulsa do conto que dá título à coletânea, em 1969, no *Suplemento Literário*, e três anos após a publicação na *Revista Literária do Corpo Discente da UFMG*, volume 7, 1972, ano em que a coletânea (ainda inédita) recebeu o Prêmio Cidade de Belo Horizonte.

Dois anos depois, em 1974, *Verde suicida* recebeu Menção Especial no Prêmio Fernando Chinaglia, no Rio de Janeiro. O conto que dá título à coletânea não tinha sido publicado antes. Os contos desse livro são precedidos de uma entrevista-depoimento do autor, em que ele se manifesta sobre a atividade profissional de escritor:

Eu estudo Direito, o que já ajuda um pouco. [...] O Direito pode enriquecer meu trabalho de escritor, mais no sentido humano, de contatos com pessoas, não no sentido da linguagem. Talvez eu advogue, não sei, mas faço redação de publicidade, que é mais uma profissão paralela à literatura porque sobreviver só de literatura, no Brasil, não dá de jeito nenhum. Mas meu trabalho em publicidade não atrapalha, pelo contrário, até enriquece¹⁷.

E conta sobre a sua formação, no interior de Minas, por meio da leitura de jornais e de revistas, que publicavam contos de escritores novos a partir de concursos:

Desde os meus 14, 15 anos, ainda em Mariana, eu lia muito conto, sabe? Lia aqueles contos que eram publicados no concurso do jornal

¹⁷ GOMES. *Verde suicida*, p. 5.

Estado de Minas e da revista *Cigarra*, então eu lia praticamente o pessoal desconhecido, que estava começando através desses concursos. É gozado, eu lia aquele negócio todo, tudo sem regra. Foi só quando nós mudamos pra Belo Horizonte, em 63, que eu comecei a ordenar a leitura do conto sob o ponto de vista da linguagem, de normas, a Lígia Fagundes Telles, o Dalton Trevisan, o Aníbal Machado, um pessoal mais da pesada, Clarice Lispector também. E foi aqui em Belo Horizonte que eu comecei a tentar escrever¹⁸.

A coletânea *Janeiro digestivo* foi publicada pela editora Comunicação, em 1982, apenas um ano após a primeira publicação do conto avulso, em 1980, no *Suplemento Literário*. Participa da edição a Secretaria de Cultura, Turismo e Esporte de Belo Horizonte, em decorrência do Prêmio Cidade de Belo Horizonte, com que foi contemplado pela segunda vez, em 1981.

Deus dos abismos foi publicado em 1993, onze anos após a publicação do conto que dá título ao livro, na *Revista Literária do Corpo Discente da UFMG*, volume 17, 1982. O livro recebeu o Prêmio Nacional de Contos Guimarães Rosa no início da década de 1990.

Dos 67 contos publicados em livros de autoria individual, dois contos foram publicados em mais de um dos livros de Duílio Gomes: "O ovo com solenidade", em *O nascimento dos leões* (1975) e *Verde suicida* (1977); e "A emancipação das codornas", em *O nascimento dos leões* (1975) e *Janeiro digestivo* (1982). Muito elogiado pela crítica como um conto da linhagem da literatura fantástica latino-americana, "A emancipação das codornas" foi publicado pela primeira vez em 1971, no *Suplemento Literário*, volume 6, número 263. "O ovo com solenidade" saiu em livro cinco anos depois de ser publicado no *Suplemento Literário*, volume 5, número 200, em junho de 1970. O periódico literário tem-se mostrado, historicamente, o meio preferencial para a publicação de narrativas curtas, especialmente para os autores iniciantes, funcionando também como um caminho para a conquista de público leitor para o livro.

¹⁸ GOMES. *Verde suicida*, p. 3.

Referências

ANDRADE, Mário. *O empalhador de passarinho*. São Paulo: Livraria Martins, 1946.

CARNEIRO, Plínio. Apresentação. *Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. 4, n. 4, p. 7-8, 1969. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/literaria_corpo_discente/article/view/8993/7803. Acesso em: 4 out. 2021.

CARNEIRO, Plínio. Entrevista com Plínio Carneiro. [Entrevista cedida a] Ana Maria de Almeida. *Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. 17, n. 18, p. 9-13, 1983. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/literaria_corpo_discente/article/view/7274. Acesso em: 4 out. 2021.

GOMES, Duílio. *Verde suicida*. São Paulo: Ática, 1977.

LUCAS, Fábio. Contos selecionados por um mestre. In: COSTA, Flávio Moreira da (Org.). *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. p. 13.

Bibliografia do conto em Minas

Antologias do conto brasileiro (com publicação de mineiros)

A PROSA do mundo: Antologia de crônicas e contos para jovens. Ilustr. Paulo Portela Filho, Gil Fuser, Alexandre Camanho, Maurício Negro, Spacca, Sírío Braz, Orlando e Eduardo Okuna. São Paulo: Gaia, 2008.

ANTOLOGIA escolar de contos brasileiros. Organização de Herberto Sales e seleção de Ivo Barbieri e Maria Mecler Kampell. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [19--]. (Edições de Ouro. Clássicos brasileiros, 1194).

ANTONIO, João (Org.). *O moderno conto brasileiro*: antologia escolar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

BARBOSA, Almiro Rolmes; CAVALHEIRO, Edgard (Sel.; intr. e notas). *As obras-primas do conto brasileiro*. São Paulo: Martins, 1943. (A Marcha do Espírito, 9).

BORGES, Joaquim (Org.). *Ponta de lança*: antologia de contos. Uberaba: Juruna, 1979.

BOSI, Alfredo (Org.). *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

CAMPOS, Paulo Mendes. *Antologia brasileira de humorismo*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1965.

CASTAGNARO, R. Anthony. *Vinte contos brasileiros*. Washington: Georgetown University, 1980.

CAVALHEIRO, Edgard (Sel.). *O conto romântico*. Seleção de Edgard Cavalheiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

CLAVER, Ronald (Org.). *69/2 contos eróticos*. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2006.

CONCURSO Estadual de Literatural, I, João Monlevade, 1991 Gerais. Casa da Cultura, Prefeitura Municipal de João Monlevade, 1991. Belo Horizonte: Edições Cuatiara, 1991.

CONCURSOS de contos. Uberlândia: Departamento de Letras, 1980.

COSTA, Flávio Moreira da (Org.). *Crime feito em casa*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

COUTINHO, Afrânio. *Antologia brasileira de literatura*. Rio de Janeiro: Editora Distribuidora de livros escolares, 1966-1967. 3 v. 1: romance e conto.

COUTINHO, Edilberto (Org.). *Erotismo no conto brasileiro*: antologia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

DENSER, Márcia (Org.). *O prazer é todo meu*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

JARDIM, Rachel (Org.). *Mulheres e mulheres*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

JOSÉ, Elias (Org.). *Setecentos*: setecentos. Ilustrado por Ana Raquel. São Paulo: FTD, 1987. Volume 4.

LADEIRA, Julieta Godoy (Org.). *Contos brasileiros contemporâneos*. São Paulo: Moderna, 1994. (Coleção Travessias).

MACEDO, Adriano (Org.). *Retratos da escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MATTOS, Cyro de; PÓLVORA, Hélio. *Antologia de contos brasileiros de bichos*. Rio de Janeiro: Bloch, 1970.

NO RESTAURANTE submarino: contos fantásticos. São Paulo: Boa Companhia, 2012.

OS MELHORES contos brasileiros de 1974. Porto Alegre: Globo, 1975.

PARA gostar de ler: contos. São Paulo: Ática, 1983. v. 8.

PAULA, Paulo de; MAGRO, Haydee S. *Leituras brasileiras contemporâneas*. Washington: Brazilian American Cultural Institute.

PRADA, Cecília; DENSER, Márcia. *Muito prazer*: contos eróticos femininos. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.

SANDRONI, Laura (Org.). *Histórias para jovens de todas as idades*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

STEEN, Edla Van. *O conto da mulher brasileira*. 3. ed. São Paulo: Global, 2008.

STEEN, Edla van. *O papel do amor*: antologia de contos. São Paulo: Hamburg, 1978.

TUFANO, Douglas. *Antologia do conto brasileiro*: Do Romantismo ao Modernismo. São Paulo: Moderna, 2013.

Antologias do conto mineiro

CONTOS da terra do conto. 2. ed. Apresentação de Nádya Battella Gotlib. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

CONTOS Gerais: antologia de novos contistas mineiros. Belo Horizonte: Edições Oficina, 1971.

CONTOS mineiros. São Paulo: Ática, 1984.

MIRANDA, Wander Melo (Org.). *Belo Horizonte*: a cidade escrita. Belo Horizonte: Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais; Editora UFMG, 1996.

NOVOS contistas mineiros. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, [197-]. (Série Contos).

SANT'ANNA, Afonso Romano de. *Crônicas mineiras*. São Paulo: Ática, 1984.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. *Histórias mineiras*. São Paulo: Ática, 1984.

SANTOS, Angelo Oswaldo de Araujo.; SOUZA, Eneida Maria de.; MIRANDA, Wander Melo. *Minas de liberdade*. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa; Secretaria da Cultura, 1992.

Livros autorais de contos

- ALPHONSUS, João. *Contos e novelas*. Belo Horizonte: Os amigos do livro, 1931.
- ALPHONSUS, João. *Contos e novelas*: Galinha cega, Pesca da baleia, Eis a noite! Rio de Janeiro: Ed. do Autor, [1965].
- ALPHONSUS, João. *Eis a noite!*: contos e novelas. Belo Horizonte. Martins, 1943.
- ALPHONSUS, João. *Galinha cega*. Belo Horizonte. Os amigos do livro, 1931.
- ANDRADE, Jéferson. *Um homem bebe cerveja no bar do Odilon*. Rio de Janeiro: Cadecri, 1978.
- ANGELO, Ivan. *A face horrível*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1986.
- BASTOS, Orlando. *Confidências de viúvo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- BASTOS, Orlando. *De repente, às três da tarde*. São Paulo: Ática, 1984.
- BRANDÃO, Ildeu. *Um míope no zoo*. Belo Horizonte: [s.n.], 1968.
- CAMPOS, Paulo Mendes. *Contos de Shakespeare*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1970.
- CAMPOS, Paulo Mendes. *Quatro histórias de ladrão e mais 26 histórias*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- CARNEIRO, Waldir de Luna. *A Paróquia que habitamos*. 2. ed. São Paulo: Scortecci, 2006.
- CARNEIRO, Waldir de Luna. *A Paróquia que habitamos*: 10 contos. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1983.
- CARNEIRO, Waldir de Luna. *Alegro*. São Paulo: Scortecci, 2011.
- CARNEIRO, Waldir de Luna. *Quarteto*. São Paulo: Scortecci, 2013.
- CARNEIRO, Waldir de Luna. *Três contos premiados*. [S.l.]: Caixa econômica Federal, [19--].
- COSTA, Marco Túlio. *As aventuras dos filhos na barriga da noite*. Rio de Janeiro: Record, 1984.
- COSTA, Marco Túlio. *Fábulas do amor distante*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- DRUMOND, Roberto. *A morte de D. J. em Paris*. São Paulo: Ática, 1975. (Coleção Nosso Tempo).
- DRUMOND, Roberto. *Quando fui morto em Cuba*. São Paulo: Ática, 1982. (Autores Brasileiros, 79).
- DUARTE, Maria Auxiliadora Moreira. *O mar, o vento*. São Paulo: Editora do Escritor, 1980.
- FANTINI, Sérgio. *Silas*. México: Calygramma. 2014.
- FANTINI, Sérgio. *Silas*. Natal: Jovens Escribas. 2011.
- FANTINI, Sérgio. *A ponto de explodir*. [S.l.]: Uainote, [200-].
- FRANÇA JÚNIOR, Oswaldo. *As laranjas iguais*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- GOMES, Duílio. *Janeiro digestivo*. Belo Horizonte: Editora Comunicação, 1981. (Estória Brasileira, 17).
- GOMIDE, Júlio Borges. *Liberdade para os pirilampus*. Rio de Janeiro: Codecri, 1980.
- GOUVÊA, Jaime Prado. *Areia tornando em pedras*. Belo Horizonte: Oficina, 1970.
- GUIMARÃES, Airton. *Contos da terra do conto*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.
- GUIMARÃES, Bernardo. *A ilha maldita - O pão de ouro*. Rio de Janeiro: Garnier, 1879.
- GUIMARÃES, Bernardo. *Lendas e romances (contos)*: Uma historia de Quilombolas, A garganta (sic) do inferno, A dança dos ossos. Rio de Janeiro: Garnier, [1871].
- LEITE, Alciene Ribeiro. *O fino do conto*. Belo Horizonte: RHJ, 1989.

LODI, Aluizio. *Guacamayas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

LOPES, Carlos Herculano. *Coração aos pulos*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LOPES, Carlos Herculano. *Do lado de lá*. Belo Horizonte: Oficina, 1970.

LOPES, Carlos Herculano. *Memórias da sede*. Belo Horizonte: Lemi, 1983.

LYON, Sandra. *De corpo inteiro*. São Paulo: O livro, [197-].

LYON, Sandra. *Dias de ódio*. Porto Alegre: Mercado aberto, 1988.

MACEDO, Adriano. *Retrato da dama*. Belo Horizonte, Autêntica, 2008.

MELO, João Batista. *O inventor das estrelas*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1991.

NEVES, Jeter. *Fratura exposta*. Belo Horizonte: Comunicação, 1984.

OLIVEIRA, Aluizio Ignácio de. *Náufrago da vida*. Uberaba, MG: [s.n.], 1987.

PAIVA, Garcia de. *Berço e chão de inacio papacaça*. São Paulo: FTD, 1988.

PAIVA, Garcia de. *Dois cavanos num fusca azul*. Belo Horizonte: [s.n.], 1976.

PAIVA, Garcia de. *Festa*. Rio de Janeiro. Arte Nova, 1970.

PAIVA, Garcia de. *Os agricultores arrancam paralelepípedos*. São Paulo: Ática, 1977.

PAIVA, Garcia de. *Os planelupedes*. Rio de Janeiro: Brasília, 1975.

PEIXOTO, Francisco Inácio. *A janela*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1967.

PEIXOTO, Francisco Inácio. *Dona flor*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1940.

PENIDO, José Márcio. *Tuneon*. Belo Horizonte: Garoli, 1966.

PRADO, Adélia. *Contos mineiros*. São paulo: Ática, 1984.

PRADO, Adélia. *Filandras*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

PRADO, Adélia. *Solte os cachorros*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

RAINHO, Cleonice. *O chalé verde*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1964.

RESENDE, Otto Lara. *Bôca do inferno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

RESENDE, Otto Lara. *O elo partido e outras histórias*. São Paulo: Ática, 1992.

RESENDE, Otto Lara. *O lado Humano*. Rio de Janeiro: A Noite, 1952.

ROMANO, Olavo. *Casos de Minas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

ROMANO, Olavo. *Minas e seus casos*. São Paulo: Ática, 1984.

ROSA, Vilma Guimarães. *Mistérios do existir*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

ROSA, Vilma Guimarães. *Acontecências*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

ROSA, Vilma Guimarães. *As visionárias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

ROSA, Vilma Guimarães. *Carisma*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

ROSA, Vilma Guimarães. *Clique!* Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

ROSA, Vilma Guimarães. *Por que não?* Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

ROSA, Vilma Guimarães. *Serendipity*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

ROSA, Vilma Guimarães. *Setestórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

SABINO, Fernando. *O galo músico*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

SABINO, Fernando. *Os grilos não cantam mais*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1941.

SABINO, Fernando. *Os melhores contos*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

SAMÔR, Lucienne. *O olho insano*. Belo Horizonte: Interlivros, 1975.

SENNA, Nelson Coelho de. *Contos Sertanejos*. Belo Horizonte: Typographia Universal, 1902.

SENNA, Nelson Coelho de. *Páginas tímidas*. Ouro Preto: Gráfica Silva Cabral, 1889.

VALE, Gentil Ursino. *Lamento da terra verde: e outros contos*. Divinópolis: Departamento Cultural do Estrela do Oeste Clube, 1986.

Periódicos literários publicados em Belo Horizonte (1965-2002)

ESTÓRIA. Belo Horizonte, 1965-1968.

INÉDITOS. Belo Horizonte, 1976.

REVISTA Literária do Copo Discente da UFMG. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1966-2002. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/literaria_corpo_discente/issue/archive. Acesso em: 10 fev. 2023.

SILÊNCIO. Belo Horizonte, 1973-1975.

Sobre as organizadoras

Olívia Almeida é doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais, mestre em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo, graduada em Edição e licenciada em Língua Portuguesa pela Faculdade de Letras da UFMG. Atua como coordenadora editorial na Editora Selo FaE/UFMG.

Sônia Queiroz, licenciada e mestre em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais, atuou por 38 anos como docente na UFMG, tendo se aposentado em 2021, como professora associada na área de Edição. Seu primeiro trabalho nessa área foi na editora Interlivros de Minas Gerais, na década de 1970, como preparadora de originais. Foi responsável, por decisão do Reitor Cid Veloso, pela criação da Editora UFMG, que dirigiu por oito anos (de 1986 a 1995), e de 1989 a 1995 foi membro da Diretoria da Associação Brasileira de Editoras Universitárias – ABEU. De 2010 a 2012 dirigiu o Centro Cultural UFMG, onde criou, em colaboração com a profa. Ana Utsch, o Museu Vivo Memória Gráfica, um espaço dedicado à preservação da memória da tipografia e da história do livro. Em 2007, criou o Laboratório de Edição da Faculdade de Letras da UFMG, espaço de prática e experimentação voltado para a formação profissional na área de Edição, implantada na graduação em Letras em 2008. Coordenou o Labeled e a área de Edição até 2017.



Publicações Viva Voz

Editoras mineiras: o lugar da poesia

Sônia Queiroz (org.)

Editoras mineiras: o lugar da tradução

Karina Mitalle (org.)

Sônia Queiroz (org.)

Editoras mineiras: panorama histórico – vol. 2

Sônia Queiroz (org.)

Os livros e cadernos Viva Voz estão disponíveis em
versão eletrônica no *site*: www.labed-letras-ufmg.com.br

As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da Fale/UFMG, constituído por estudantes de Letras - bolsistas e voluntários - supervisionados por docentes da área de Edição.

A presente edição foi impressa pela Imprensa Universitária UFMG em sistema digital, papel pólen natural 80 g/m² (miolo). Composta em caracteres Verdana, acabamento em kraft 420 g/m² (capa) e costura artesanal com cordão encerado.

